



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO**

MARIA MARTA DOS SANTOS BURITI

**DINÂMICAS TERRITORIAIS E INTERAÇÕES ESPACIAIS: O CIRCUITO
ESPACIAL PRODUTIVO DA AVICULTURA DE CORTE NO MUNICÍPIO DE
POCINHOS-PB**

**João Pessoa-PB
2016**

MARIA MARTA DOS SANTOS BURITI

**DINÂMICAS TERRITORIAIS E INTERAÇÕES ESPACIAIS: O CIRCUITO
ESPACIAL PRODUTIVO DA AVICULTURA DE CORTE NO MUNICÍPIO DE
POCINHOS-PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Anieres Barbosa da Silva.

**João Pessoa-PB
2016**

B958d Buriti, Maria Marta dos Santos.
Dinâmicas territoriais e interações espaciais: o circuito espacial produtivo da avicultura de corte no município de Pocinhos-PB / Maria Marta dos Santos Buriti.- João Pessoa, 2016.
138f. : il.
Orientador: Anieres Barbosa da Silva
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN
1. Geografia. 2. Circuito espacial produtivo. 3. Avicultura de corte. 4. Território. 5. Interações espaciais.

UFPB/BC

CDU: 911(043)

MARIA MARTA DOS SANTOS BURITI

**DINÂMICAS TERRITORIAIS E INTERAÇÕES ESPACIAIS: O CIRCUITO
ESPACIAL PRODUTIVO DA AVICULTURA DE CORTE NO MUNICÍPIO DE
POCINHOS-PB**

Aprovada em: 26/08/2016

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Anieres Barbosa da Silva (PPGG/UFPB)
(Orientador)



Prof. Dr. Josias de Castro Galvão (PPGG/UFPB)
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Luiz Cruz Lima (UECE)
(Examinador Externo)

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais Onilda Buriti e José Buriti, que sempre me apoiaram e me incentivaram em todos os projetos da minha vida,

Ao meu esposo Henrique, pelo apoio incondicional em todos os momentos desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus, que sempre esteve ao meu lado me dando força e inspiração.

Ao Prof. Dr. Anieres Barbosa da Silva, primeiro por ter acreditado na realização deste trabalho e, segundo, pela orientação tão competente e dedicada. Soube compreender as dificuldades e as angústias, que por vezes se colocaram nesta caminhada, assim como soube, sempre de forma serena, me fazer enxergar as direções a serem tomadas. Um obrigado especial a esta pessoa, que somente contribuiu para minha formação acadêmica.

Agradeço ao Prof. Dr. Josias de Castro Galvão, que desde o seminário de dissertação passou a contribuir com a realização dessa pesquisa. Obrigado pela atenção e por todas as contribuições.

Agradeço ao Prof. Dr. Luiz Cruz Lima, pelas valiosas contribuições e pelas palavras de incentivo.

Exerço minha extrema gratidão ao meu esposo Henrique Albuquerque, companheiro e amigo. Agradeço a esta pessoa maravilhosa por ter tornado essa caminhada menos solitária, por ter participado de todos os momentos e por ter me ouvido de forma tão paciente quando precisei externalizar as minhas ideias e as minhas angústias.

Agradeço de modo muito especial a minha família, que sempre me apoiou de todas as formas possíveis. À minha mãe Onilda Buriti, ao meu pai José Buriti, e aos meus amados irmãos Aparecida Buriti, Geraldo Buriti e Muniêr Buriti, eu agradeço.

Agradeço à amiga Sâmara Íris, pela amizade sincera, solidária e serena, que surgiu na sala de aula e que segue agora para toda vida.

À amiga Nathália Rocha, pela amizade sincera e por sempre ter me incentivado a dá continuidade a minha formação acadêmica.

Agradeço a Sônia, secretária do PPGG-UFPB, que de forma sempre gentil e competente nos ajuda a resolver os problemas burocráticos que surgem ao longo do período do mestrado.

Aos produtores rurais do município de Pocinhos-PB, pela forma gentil e atenciosa que se colocaram à disposição da realização da pesquisa, e a Cialne pela atenção e pelas informações disponibilizadas.

A todos, à minha gratidão.

RESUMO

Diante da ordem técnica, política, econômica e social que passou a racionalizar o espaço geográfico no período de globalização, a feição do território é indicativa dos avanços do modo de produção capitalista nas diferentes direções do espaço e nas diversas cenas territoriais. No atual momento de nossa história, a dissociação geográfica da produção como estratégia para melhor fluir os processos produtivos clarificou os conceitos de circuito espacial produtivo e de círculos de cooperação como instrumentos teórico-analíticos fundamentais para o entendimento do movimento das atividades econômicas no espaço e dos seus desdobramentos na organização, na regulação e nos usos do território. Em conformidade com esse pensamento, o presente trabalho aponta para uma leitura da dinâmica territorial do circuito espacial produtivo da avicultura de corte no município de Pocinhos-PB, a partir da ação de duas forças que, em períodos diferentes, fizeram-se hegemônicas. Essas forças, a empresa Azeven e a Agroindústria Cialne, à luz de fatores competitivos, organizacionais e técnicos particulares, foram responsáveis por criar interações espaciais e dinâmicas territoriais distintas no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, que repercutiram diretamente nos usos do território. Considerando esse quadro, o objetivo da pesquisa consiste em compreender as interações espaciais e as dinâmicas territoriais no circuito espacial produtivo da avicultura de corte e os seus desdobramentos nos usos do território em Pocinhos-PB. O estudo revelou que, sob a ação hegemônica da Azeven no circuito espacial produtivo, as interações espaciais e as dinâmicas territoriais se projetaram a partir de tramas relacionais em pequena escala, o que refletiu a acomodação das demandas competitivas em um espaço de circulação constrangido no interior do estado da Paraíba. Já sob a ação hegemônica da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, o alargamento dos contextos produtivos e a expansão do espaço dos fluxos corroboraram para o estabelecimento de interações espaciais e dinâmicas territoriais mais complexas, que alcançam na escala regional os níveis de complementaridade necessários ao funcionamento do circuito produtivo.

Palavras-chave: Circuito espacial produtivo, avicultura de corte, território, interações espaciais.

ABSTRACT

Given the technical, political, economic and social which began to rationalize the geographical space in the globalization period, the feature of the territory is indicative of the progress of the capitalist mode of production in the different directions of space and the various local scenes. At the moment of our history, the geographical dissociation of production as a strategy for better flow of production processes clarified the concepts of productive spatial circuit and cooperation circles as fundamental theoretical and analytical tools for understanding the movement of economic activities in space and its developments in the organization, regulation and uses of the territory. In accordance with this thinking, this study points to a reading of the territorial dynamics of productive spatial circuit of poultry making in the municipality of Pocinhos-PB, from the action of two forces that, at different times, were made hegemonic. These forces, Azeven company and Agrobusiness Cialne in the light of competitive, organizational and individual technical factors were responsible for creating spatial interactions and distinct territorial dynamics in the productive space circuit of poultry making, which reverberated directly in the territory uses. Given this context, the objective of the research is to understand the spatial interactions and territorial dynamics in the productive space circuit court of poultry and its consequences in the territory of uses in Pocinhos-PB. The study revealed that, under the hegemony of Azeven action in the productive spatial circuit, the spatial interactions and territorial dynamics were designed from relational plots on a small scale, which reflected the accommodation of the competing demands on a forced circulation space inside the state of Paraiba. Already, under the hegemony of Cialne action in the productive spatial circuit of poultry making, the expansion of productive contexts and the expansion of flow spaces corroborated for the establishment of spatial interactions and more complex territorial dynamics that reached the complementarity levels necessary for the operation of the production circuit on a regional scale.

Keywords: Spatial Productive Circuit, Poultry Production, Territory, Spatial Interactions.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização geográfica do município de Pocinhos-PB.....	14
Mapa 2 - Interações espaciais no circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Azeven	80
Mapa 3- Localização do município de Pocinhos em relação a BR-230.....	83
Mapa 4- As interações espaciais no circuito espacial produtivo da avicultura de corte a partir da coordenação da Cialne	108

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Cadeia produtiva da avicultura de corte	40
Figura 2- As fases da etapa da produção nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte	63
Figura 3- As fases da etapa da distribuição nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte	65
Figura 4- Circuito espacial produtivo da avicultura de corte coordenado pela Azeven.....	77
Figura 5- Espacialização de unidades produtivas em Nazaré- Pocinhos-PB	86
Figura 6- Territorialização das unidades produtivas da Cialne	93
Figura 7- Circuito espacial produtivo da avicultura de corte coordenado pela Cialne	102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Estrutura fundiária do município de Pocinhos-PB	49
Tabela 2- Padrão tecnológico dos aviários (2013-2015)	116

LISTA DE GRÁFICO E FOTOGRAFIAS

Gráfico 1- Evolução da produção de carne de frango no Brasil	54
Fotografia 1- Estrutura lateral dos aviários	88
Fotografia 2- Sistemas manuais de comedouros e bebedouros	89

LISTA DE SIGLAS

ABPA- Associação Brasileira de Proteína Animal

AESA- Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba

CPRM- Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais

CNPJ- Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

EMATER- Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INTERPA- Instituto de Terras e Planejamento Agrícola da Paraíba

PNCF- Programa Nacional de Crédito Fundiário

PPGG- Programa de Pós-Graduação em Geografia

PPM- Produção Pecuária Municipal

PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

UBA- União Brasileira de Avicultura

UEPB- Universidade Estadual da Paraíba

UFPB- Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I

TERRITÓRIO E CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS PARA ENTENDER AS DINÂMICAS TERRITORIAIS E AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS	22
1.1- Território usado e globalização	22
1.2- A Multiescalaridade do Território: das interações espaciais às redes geográficas.....	30
1.3- Os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação no entendimento dos usos do território.....	35
1.4- Da visão sistêmica à perspectiva da espacialidade: a cadeia produtiva da avicultura de corte <i>versus</i> o circuito espacial produtivo	39

CAPÍTULO II

A TERRITORIALIZAÇÃO DO CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DA AVICULTURA DE CORTE: O TERRITÓRIO COMO PROCESSO E COMO PRODUTO PARA AS RELAÇÕES SOCIAIS E DE PRODUÇÃO	43
2.1- A expansão capitalista no campo e a questão agrária	43
2.1.1- A expansão do capital avícola e a questão agrária em Pocinhos-PB	48
2.2- Evolução, reestruturação produtiva e expansão da avicultura de corte no Brasil	52
2.3- A configuração dos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte.....	60
2.3.1- Os círculos de cooperação que compõem os circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte	67
2.4- O circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos-PB: a interpretação do tempo através das técnicas.....	72
2.4.1- O circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Azeven: a influência do capital comercial e o acontecer desconexo.....	73
2.5- O circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Azeven e os principais elementos para o entendimento dos usos do território.....	84
2.5.1- A escala da produção agropecuária: tipologia da infraestrutura	87
2.5.2- Tipologia dos agentes envolvidos	89

CAPÍTULO III

O CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DA AVICULTURA DE CORTE SOB A COORDENAÇÃO DA CIALNE..... 92

3.1- A Cialne 92

3.2- A territorialização da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos-PB 96

3.3- A participação da Cialne no circuito espacial produtivo: a influência do capital industrial e o acontecer conexo..... 98

3.4- O circuito espacial produtivo da avicultura de corte e os seus círculos de cooperação sob a coordenação da Cialne 101

3.4.1- A configuração territorial do circuito espacial produtivo sob a coordenação da Cialne e as novas interações espaciais..... 106

3.5- A reestruturação produtiva na escala da produção agropecuária: o território como a dimensão socialmente construída 111

3.6- O circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Cialne e os novos contornos da relação de sujeição: a subordinação da agricultura familiar ao capital industrial 118

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 123

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 126

APÊNDICES 133

Introdução

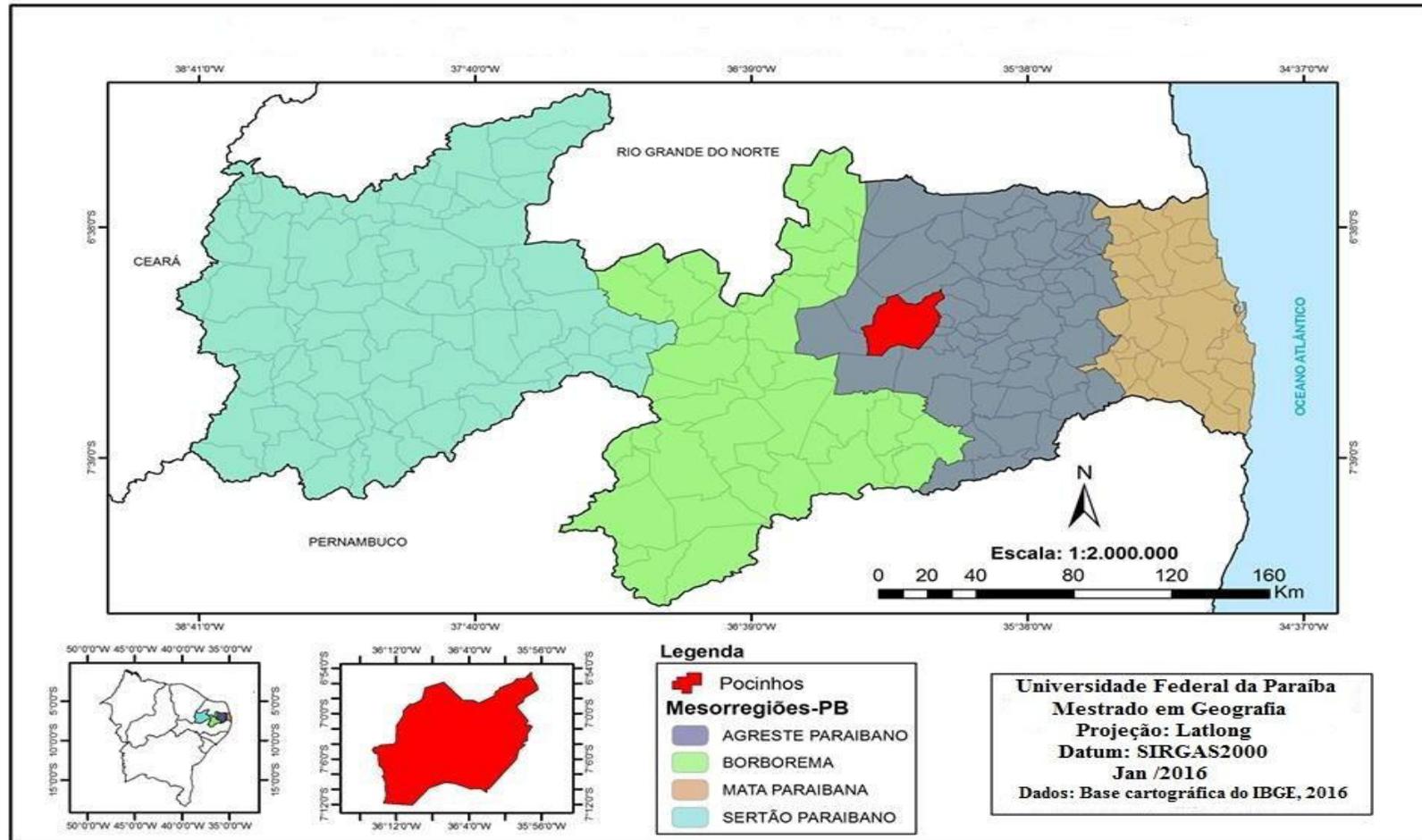
Nas últimas décadas a avicultura de corte brasileira tem se destacado pelo eficiente desempenho de seus vetores tecnológicos e organizacionais, o que tem favorecido a estruturação de sistemas produtivos cada vez mais dinâmicos. A combinação entre o incremento tecnológico e alta capacidade de coordenação entre os agentes que participam do processo produtivo, possibilitou a atividade a adoção de modelos de produção espacialmente fragmentados, que acompanham as dinâmicas dos diversos territórios nos quais se espacializam e dos distintos contextos socioeconômicos dos atores que os gerenciam.

Diante destas novas lógicas produtivas e organizacionais, torna-se pertinente empreender uma discussão que analise os processos e as relações que envolvem as ações dentro dos sistemas de produção da avicultura de corte, através da perspectiva do espaço como variável ativa. Para isto, deve-se considerar que o desempenho da avicultura de corte está relacionado com as diferentes formas de relação e de apropriação, que se estabelecem entre o processo produtivo e o território no qual está inserido.

Em conformidade com esse pensamento, a discussão que aqui se encaminha sinaliza para uma leitura da dinâmica territorial do processo produtivo da avicultura de corte. Na prospecção desse viés analítico, é através dos conceitos de circuito espacial produtivo e de círculos de cooperação (SANTOS, 1986; SANTOS; SILVEIRA, 2001) que procuramos compreender as relações entre as etapas produtivas, os agentes e os territórios que se entrelaçam pela realização da produção.

No âmbito da abordagem proposta pelo circuito espacial produtivo da avicultura de corte, o estudo tem como referências espaciais o espaço que corresponde à circulação dos fluxos e o território em que se dá a dimensão única e socialmente construída do movimento geral da produção. Nestes termos, o espaço de circulação dos fluxos corresponde, em um primeiro momento, ao estado da Paraíba e, em um segundo momento, a região Nordeste. Já o território de análise da inferência dos desdobramentos materiais e imateriais do processo produtivo como um todo, consiste no município de Pocinhos-PB (Mapa 1).

Mapa 1- Localização geográfica do município de Pocinhos-PB



Organização da autora

Elaboração: Claudeam Martins da Gama (2016).

A escolha deste município como recorte espacial da pesquisa justifica-se pelo papel que desempenha na divisão territorial do trabalho do circuito espacial produtivo da avicultura de corte, em que participa através da etapa da produção agropecuária. Nos circuitos espaciais produtivos, esta etapa é responsável por inferir as dimensões espaciais do arranjo produtivo, já que faz dos territórios selecionados a escala de atuação de fenômenos multiescalares que se manifestam localmente pela presença de ações, objetos e normas.

Com uma área territorial equivalente a 628,084km² e com uma população de 17.032 habitantes (IBGE, 2010), o município de Pocinhos se localiza na mesorregião do Agreste paraibano e na microrregião do Curimataú Ocidental. Historicamente associado a uma economia fundamentada na agropecuária tradicional, que teve como base a atividade sisaleira, o município vivenciou nos últimos quinze anos um processo de reestruturação no setor agropecuário e de reconfiguração territorial promovido pela territorialização do capital avícola, e pela sua participação no circuito espacial produtivo da avicultura de corte.

Segundo Santos (1999), quando se trata de analisar as formas de organizar e de realizar a produção, não é somente pela teoria que iremos alcançar explicações, sendo, neste caso, necessário empreendê-las a partir das diferentes geografizações que suas variáveis assumem ao percorrerem o espaço e ao apropriarem-se dos territórios. Assim, quando optamos por um território de análise para entender as dinâmicas do movimento do circuito espacial produtivo, temos por finalidade entender como este recorte, ao mesmo tempo em que agrega vetores à tipologia das ações e relações estabelecidas pela lógica produtiva, também passa a ser a cena que permite captar a rede de relações que se dá ao longo de todo o circuito (ARROYO, 2001).

Os circuitos espaciais produtivos correspondem à sucessão de etapas (produção, circulação, distribuição e consumo), pelas quais perpassa um produto desde o começo do processo de produção até chegar ao seu destino final (SANTOS, 2008). Já os círculos de cooperação, consistem nas relações imateriais que se estabelecem a partir da configuração do circuito espacial produtivo, sendo, portanto, os fluxos responsáveis pela transferência de informações, capitais e ordens (FREDERICO, 2014).

Dessa forma, quando nos propomos a discutir um circuito espacial produtivo e os seus círculos de cooperação, é para a espacialidade da produção-distribuição-troca-consumo e para o seu movimento circular constante, que estamos voltados (MORAES, 1985). Neste contexto, o nível organizacional, técnico e econômico dos agentes hegemônicos que coordenam as inter-relações entre os espaços dispersos é um dos pressupostos para entender a abrangência das interações espaciais e a força das dinâmicas clavadas no território.

No circuito espacial produtivo da avicultura de corte aqui estudado, as interações espaciais e as dinâmicas territoriais são vistas a partir dos usos do território por dois agentes hegemônicos distintos, que em momentos diferentes, foram responsáveis por conduzir as formas de organização e de realização do circuito. Nestes termos, o empenho está direcionado para as possibilidades técnicas, econômicas, organizacionais e produtivas de cada um desses agentes, que a partir de arranjos produtivos específicos, instrumentalizaram o território para atender ao movimento da produção.

Tendo em vista essa dinâmica de diferenciação, em primeiro lugar distingue-se a atuação da empresa avícola Azeven, que coordenou o circuito espacial produtivo do final da década de 1990 até agosto de 2014, quando, através de um contrato de arrendamento, transferiu o domínio do circuito para a Agroindústria Cialne, que consiste no segundo agente hegemônico a ser distinguindo. Pode-se, de um modo geral, dizer que a sucessão da coordenação desses agentes hegemônicos, em que a Azeven foi substituída pela Cialne, significou a redefinição dos usos do território a partir do realinhamento espacial, produtivo, econômico e organizacional do circuito espacial produtivo, que por meio da reestruturação do seu movimento passou a se projetar através de novas dinâmicas territoriais e de novas interações espaciais.

Enquanto esteve sob o domínio da Azeven, empresa paraibana de pequeno porte, o circuito espacial produtivo da avicultura de corte conduziu os usos do território a partir de interações espaciais e dinâmicas territoriais forjadas pela estruturação de um movimento, que teve no estado da Paraíba a totalidade de sua dimensão produtiva, distributiva e circulatória.

Nesta cena, as interações espaciais e as dinâmicas territoriais tornaram-se a expressão de uma trama de relações limitada, que tinha como vetores propulsores a dominação de segmentos pouco dinamizados do mercado e a composição de um espaço circulatório em que a capacidade de fluidez encontrava-se restringida.

Todavia, com a chegada da Cialne e da redefinição da ação hegemônica no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, ocorreram rearranjos no processo de gestão, produção, distribuição e consumo, que revestiram as interações espaciais com novas dinâmicas. Isso porque, o movimento que rege a articulação das instâncias produtivas passou a congrega dinâmicas multiescalares com velocidades, escalas, distâncias e relações diferentes daquelas que estavam estabelecidas pela Azeven. E neste contexto de redefinições produtivas, interacionais e organizacionais, está a combinação de mudanças e permanências que corroboram para redefinição da produção e organização do território.

Diante desse cenário, torna-se pertinente investigar e responder, enquanto problema de pesquisa, a seguinte questão: em que medida a inserção de um novo agente hegemônico no circuito espacial produtivo da avicultura de corte vem redefinindo as interações espaciais e as dinâmicas territoriais e conduzindo os usos do território a partir de novas lógicas produtivas, circulatórias e organizacionais?

A transferência do domínio da ação hegemônica do circuito espacial produtivo da avicultura de corte para a Cialne resultou no estabelecimento de uma nova racionalidade, marcada, sobretudo, pela disseminação dos vetores do modo agroindustrial de produção e organização. Neste cenário, a redefinição da divisão territorial do trabalho e a ampliação do espaço dos fluxos corroboraram para o realinhamento do movimento geral do circuito na escala regional. A partir dessa configuração, os usos do território passaram a se estruturar conforme o seu ajustamento à nova lógica do movimento da produção, que combina novas demandas competitivas, institucionais, técnicas e produtivas.

Tendo em vista esses aspectos, para melhor compreender as novas dinâmicas e interações no circuito espacial produtivo e as suas determinações no território, o levantamento do problema geral da pesquisa levou ao desdobramento de questões específicas: quais os agentes envolvidos, as formas de integração e as etapas de produção que configuram o circuito espacial produtivo da avicultura de corte? Como se dá a participação do município de Pocinhos –PB no circuito espacial produtivo da avicultura de corte? De que forma se deu a inserção da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte e como estão sendo estabelecidas novas racionalidades produtivas e materialidades territoriais? Quais as novas dinâmicas territoriais e interações espaciais decorrentes dos rearranjos no circuito espacial produtivo da avicultura de corte?

Como forma de responder a essas questões, organizou-se como objetivo geral da pesquisa compreender as interações espaciais e as dinâmicas territoriais no circuito espacial produtivo da avicultura de corte e os seus desdobramentos nos usos do território em Pocinhos-PB. Com intento de subsidiar o objetivo geral, foram elaborados os seguintes objetivos específicos: descrever a configuração do circuito espacial produtivo da avicultura de corte, destacando os agentes envolvidos, as formas de integração e as etapas da produção; refletir sobre a participação do município de Pocinhos no circuito espacial produtivo da avicultura de corte; explicar a inserção da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte e o estabelecimento de novas racionalidades produtivas e de novas materialidades socioterritoriais; especificar as interações espaciais e as dinâmicas territoriais e os seus desdobramentos nos usos do território.

Em relação à justificativa para realização do presente trabalho, consideramos que o propósito de investigar o circuito espacial produtivo da avicultura de corte e os seus círculos de cooperação, se constitui em uma oportunidade para o alargamento da teoria geográfica na medida em que nos propomos a refletir uma temática da contemporaneidade, sendo esta caracterizada por relações de produção geograficamente dispersas que favorecem o estabelecimento de articulações multiescalares que dinamizam e são dinamizadas pelos lugares.

Nessa linha de pensamento, a análise da avicultura de corte sob a perspectiva do espaço como variável ativa é importante para os estudos geográficos e para a produção acadêmica, uma vez que esta atividade, na medida em que tem se tornado um símbolo do modo de produção integrada e espacialmente fragmentada, não pode ser vista somente do ponto de vista de suas repercussões sistêmicas, mas, também pela via que considera os fatores territoriais como produto e condicionante para sua realização. Dessa forma, esse trabalho justifica-se ainda pela sua contribuição como proposta analítica e metodológica para a abordagem do desempenho da avicultura de corte, cujas principais produções teóricas se concentram predominantemente entorno da perspectiva sistêmica das cadeias produtivas.

Para atingir os objetivos a que nos propomos, as reflexões teóricas estão centralizadas a partir de dois eixos analíticos. O primeiro refere-se à compreensão da abordagem teórico-analítica acerca dos conceitos de território usado, circuito espacial produtivo e círculos de cooperação, cujo alinhamento discursivo nos aproxima de outros conceitos, a saber: redes geográficas, interações espaciais, escalas espaciais e horizontalidades e verticalidades, que juntos formam uma trama conceitual que nos oportuna uma análise abrangente e ao mesmo tempo específica.

O segundo eixo analítico tem por finalidade o enfoque em discussões que envolvem a abordagem da avicultura de corte, a fim de entender o processo de evolução e de reestruturação produtiva no setor, que elevou sua capacidade de territorialização e de constituição de circuitos produtivos de diferentes e diversos níveis técnicos, competitivos, organizacionais e territoriais.

Assim, o plano teórico subdivide-se em duas perspectivas distintas e ao mesmo tempo complementares, uma vez que a primeira discute a instância de realização do fenômeno, o território, e os resultados e processos da circularidade da produção, as redes, as interações espaciais, e as verticalidades e horizontalidades; e o segundo, tem por intento a ênfase na atividade produtiva dominante, a avicultura de corte.

Para o entendimento dos processos aqui analisados em sua totalidade (as decisões cooperativas que se sobrepõem a razão local) e em sua unicidade (a materialização no território), o princípio de método escolhido, a dialética, permite uma investigação em que haja a contraposição de elementos conflitantes, como também o entendimento do papel desses elementos na compreensão do fenômeno estudado.

Na perspectiva de Santos (2004), o ato de produzir é o ato de produzir o espaço, devendo, portanto, o espaço ser reconhecido como resultado da produção. Seguindo o raciocínio do autor, a complexidade que passa a envolver as formas de produção a partir da mundialização da economia, da unicidade das técnicas, da convergência dos momentos e, sobretudo, da universalização perversa, evidenciou a necessidade de adaptar os nossos aparelhos analíticos para não ficarmos reféns de uma metodologia dogmática.

Essa adaptação, para Santos (2004), envolve a condução do olhar geográfico pela dialética do espaço, ou seja, pelas formas variáveis e diferentes como a totalidade universal- presente do modo de produção- se realiza nos lugares. Trata-se, em linhas gerais, de um modelo analítico que tem como pressuposto central a totalidade como uma realidade fugaz e paradoxal, que não se explica pela força de sua razão total, mas sim pela sua natureza dialeticamente divisível.

Nessa linha de pensamento, a totalidade e o tempo emergem como categorias fundamentais ao estudo do espaço, assim como a escala que representa a dimensão espacial e social particular de cada fenômeno. A noção de totalidade é inseparável da noção de estrutura, que é vista como a composição social e econômica do espaço a partir da atuação da sociedade em cada período histórico. Já a noção de tempo, por sua vez, está imbricada a realização de processos, ou seja, de ações que, praticadas continuamente no espaço, são indiciárias do movimento e das mudanças na estrutura social (SANTOS, 1985).

A existência da estrutura e dos processos é manifesta através de formas e funções, que representam o resultado da evolução e transformação da espacialidade humana e das atividades que asseguram a sua existência e reprodução social. É evidenciando a relação entre estrutura, processo, forma e função, que Santos (1985) procura construir o caminho metodológico para o entendimento da dialética do espaço, fazendo destes elementos categorias de análise que buscam compreender a totalidade através de suas partes.

No presente trabalho, a adoção do método dialético como forma de condução do pensamento, nos ajudou a entender a produção do território a partir da forma variável e paradoxal como os processos econômicos e as atividades produtivas partem da totalidade global e se transformam em outras totalidades ao se inserirem nas diversas cenas territoriais e

contextos socioeconômicos. Dessa forma, a escolha do método de pesquisa, que para Marconi e Lakatos (2003) trata-se da sistematização das atividades que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo, justifica-se, uma vez que é um recurso de método que permite a fragmentação do todo, mas que ao término aconteça o retorno à constituição da totalidade (ALVES, 2012).

Com relação ao processo de pesquisa, a realização deste trabalho esteve consubstanciada em pesquisas exploratórias, que envolveram pesquisas bibliográficas, levantamentos de dados secundários, pesquisas de campo e pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica teve como propósito a busca de referenciais em livros, artigos, teses e dissertações, selecionados a partir da trama conceitual que nos serviu de base. Desse modo, a pesquisa bibliográfica foi organizada entorno dos conceitos de território usado, circuito espacial produtivo e círculos de cooperação, redes geográficas, interações espaciais, escalas geográficas, verticalidades e horizontalidades, assim como das composições teóricas que complementam nossa abordagem, ou seja, que se dedicam ao estudo da avicultura de corte.

O levantamento de dados secundários, a princípio, teve como objetivo caracterizar a materialidade socioterritorial construída pela apropriação dos usos do território pelo circuito espacial produtivo da avicultura de corte, quando ainda estava sob a coordenação da Azeven. Neste sentido, destinou-se ao levantamento de dados que foram coletados em 2013, através de trabalhos de campo realizados com a finalidade de obter informações acerca do desempenho da avicultura de corte no município de Pocinhos-PB. Na ocasião, os dados coletados serviram para a estruturação do projeto de pesquisa de mestrado que foi aprovado pelo PPGG-UFPB, e que tinha como proposta de investigação a análise da expansão da avicultura de corte no município de Pocinhos. A partir dos desdobramentos no circuito espacial produtivo da avicultura de corte com a transferência do seu comando para a Cialne em 2014, e da redefinição do nosso objeto de estudo, essas informações passaram a compor a base empírica que nos ajudou a caracterizar a primeira fase do circuito espacial produtivo.

No sentido de entender os desdobramentos socioterritoriais do circuito espacial produtivo da avicultura de corte na questão agrária no município de Pocinhos-PB, a coleta de dados secundários ocorreu junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através dos dados do censo agropecuário de 2006; do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); e do Instituto de Terras e Planejamento Agrícola da Paraíba (INTERPA).

Quanto à análise da evolução da avicultura de corte no Brasil, foram utilizados dados do IBGE; da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA); e da União Brasileira de Avicultura (UBA).

No contexto da análise dos novos usos do território pelo circuito espacial produtivo da avicultura de corte a partir da coordenação da Cialne, os dados apresentados foram adquiridos através da realização de pesquisas documentais e de pesquisas de campo. No âmbito da pesquisa documental, foram analisados os contratos de integração entre os produtores rurais e a Agroindústria, e o objetivo foi identificar a tipologia e os aspectos das relações formais entre integrados.

As pesquisas de campo se constituíram por meio das atividades de observação e de aplicação de entrevistas semi-estruturadas com os produtores rurais e com o representante da unidade Paraíba da Cialne. Com os produtores rurais, as entrevistas foram elaboradas com a finalidade de compreender a repercussão dos novos arranjos produtivos, operacionais e organizacionais do circuito na escala de produção agropecuária. Com a Cialne, as entrevistas objetivaram a busca por informações acerca da configuração do circuito espacial produtivo, no qual a agroindústria está inserida, a fim de compreender quais são os agentes envolvidos, quais as formas de integração, as etapas de produção e a extensão das interações espaciais.

No que concerne a sua estrutura, além dessa introdução e das considerações finais, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, procuramos discutir e refletir acerca da teoria que nos serve de base, a fim de destacar a noção que se projeta do território no contexto da globalização e de discorrer sobre a configuração dos circuitos espaciais produtivos e seus respectivos círculos de cooperação, e a imposição de suas necessidades de realização nos usos do território.

No segundo capítulo, evidenciamos o processo de territorialização do circuito espacial produtivo da avicultura de corte e a sua caracterização a partir da ação hegemônica da Azeven. Neste sentido, buscamos destacar como as dinâmicas territoriais e as interações espaciais fomentadas nesse período, que vai do final da década de 1990 até 2014, conduziram e formataram os usos do território no município de Pocinhos-PB.

Já o terceiro capítulo, corresponde à análise das novas racionalidades produtivas e materialidades territoriais emergentes a partir da ação hegemônica da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte. Dessa forma, versa sobre as novas dinâmicas territoriais e interações espaciais forjadas pelo o novo movimento da produção no espaço.

CAPÍTULO I

Território e Circuito Espacial Produtivo: aproximações teóricas para entender as dinâmicas territoriais e as transformações espaciais

Nosso propósito neste capítulo é discorrer acerca dos conceitos que contribuíram para compreensão do objeto de pesquisa dessa dissertação, a saber, os conceitos de território usado, redes geográficas, interações espaciais, circuito espacial produtivo e círculos de cooperação, e verticalidades e horizontalidades.

Dessa forma, procuramos fazer uma leitura do território no contexto atual, evidenciando as ações e os movimentos dos circuitos espaciais produtivos como produto da reprodução ampliada do capital, e como vetores que qualificam os usos do território.

Nesta perspectiva, enfatizamos, inicialmente, o conceito de território usado (SANTOS, 1998), como um conjunto de objetos e ações onde são oferecidas, impostas e negadas formas de uso engendradas a lógicas produtivas, que através de redes materiais e imateriais põem em encadeamento linear ou transversal, as interações espaciais entre os lugares.

1.1- Território usado e globalização

A cada momento histórico, a racionalidade técnica disponível conduz a forma como ocorre a estruturação, o funcionamento e a articulação dos territórios (SANTOS, 2006). No atual período de globalização, ou de mundialização do capital, em que os efeitos das relações entre as técnicas e a sociedade passaram a se projetar na liquidez do tempo e na fluidez do espaço, a construção do território e a configuração da territorialidade foram submetidas a formas e relações de poder que diferem territórios e se diferenciam no território.

Do ponto de vista da ciência geográfica, a profundidade, a extensão e a intensidade das transformações acometidas pela globalização na produção e na organização do espaço clarificou no debate contemporâneo a necessidade do revigoramento do conceito de território. Neste linear, os esforços teóricos e metodológicos perpassam pelo que Santos (1998) classifica como a necessária evolução da noção antiga de Estado territorial para uma noção pós-moderna de transnacionalização do território¹.

¹ Para Santos (1998), a transnacionalização do território diz respeito à fomentação da realidade territorial em um contexto histórico marcado pela ruptura da escala nacional e pelo estabelecimento da interdependência universal dos lugares.

A concepção de território herdada da modernidade incompleta e sustentada na noção jurídico-política entronizada pelo Estado-nação (SANTOS, 1998), pressupôs limites espaciais e temporais estrangulados na ideia de fixidez. Todavia, o aceleração das velocidades nas relações e na (re) disposição dos objetos e ações, combinado com a multiplicidade dos poderes, veio a reembaralhar os recortes espaciais de acordo com uma nova racionalidade de apropriação/dominação.

Neste sentido, considerando que a relação de poder é legitimada pela relação social e pelas ações dos atores e instituições que almejam cristalizar, de forma material e imaterial, seus objetivos no território, o grande esforço para se compreender o território em tempos de globalização tem o sentido vinculado, inicialmente, ao adicional de relações e formas de poder que passaram a coexistir na cena territorial em múltiplas e diversas dimensões, extensões e durabilidades.

Partindo desse princípio, como ponto de partida para compreendermos o território a partir das múltiplas modalidades de poder que o marcam no período de globalização e que corroboram para novas abordagens teórico-metodológicas, das quais o conceito de território usado é produto, devemos ter como premissa que o poder não é algo único e global, mas, sobretudo, formas díspares, heterogêneas e em constante transformação, ou seja, práticas sociais revestidas de historicidade (MACHADO, 1979).

Diante desse contexto, torna-se pertinente visitar o pensamento de Michel Foucault acerca do poder. A multidimensionalidade da proposta de análise do poder em Foucault serve a essa discussão, na medida em que pensar a emergência de fenômenos pós-modernos como a multiescalaridade, a coexistência e a simultaneidade, componentes centrais das análises territoriais atuais, de forma primária, nos conduz a uma visão de poder diferente da que herdamos da Geografia Política.

Segundo o raciocínio de Foucault (1979), o poder não é objeto, é algo que se exerce, que abrange e se constrói pelas relações sociais, onde:

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não da conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações, mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do poder (FOUCAULT, 1979, p. 141).

Desta forma, Foucault (1979) procura explicitar o seu entendimento sobre o poder a partir das formas como ele se opera em diferentes contextos, para mobilizar e dirigir conforme os interesses postos e os resultados almejados. Neste viés, o poder enquanto algo que se exerce não está situado em um lugar privilegiado ou exclusivo, se disseminando por toda estrutura social, sendo, portanto, uma relação social (MACHADO, 1979).

Assim, apoiado na produção do espaço e do tempo, o poder enquanto categoria de análise transcende a perspectiva unitária e da totalidade, pois, é produto de relações sociais que a cada contexto histórico lhe confere novas configurações. Nesta perspectiva, a concepção de poder é demasiadamente ampla, complexa e transcendente ao controle único e exclusivo de instituições determinadas, como o Estado, por exemplo.

De tal modo, quando analisamos as transformações que permeiam as noções de território nos subjugamos a entender os contornos, as insurgências e os atores, que a cada contexto histórico fundamentam o exercício do poder. Em consonância a isso, cabe aqui um esboço sintético das principais interpretações acerca do conceito de território, que demonstram, de forma explícita ou implícita, indiciários de uma renovação conceitual.

Desde as proposições de Ratzel até as atuais concepções inspiradas no território descontínuo, surgiram inúmeras questões para repensar esse conceito em meio à pertinência dos novos vetores de dominação simbólica e de apropriação física, que passaram a percorrer o espaço. Se o território, em sua origem, tem uma dupla acepção, material e simbólica (HAESBAERT, 2004), para muito além da discussão de suas fronteiras e limites dentro de tais dimensões, temos hoje o desafio de apreender as múltiplas modalidades de poder que se manifestam dentro de territórios sem fronteiras geográficas e que cristalizam sua autoridade na organização espacial.

Em Raffestin (1980), percebe-se um esforço para expandir a ideia de território para além de suas fronteiras e limites. Na visão do autor, o território é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Seguindo esse raciocínio, distinguindo-os uns dos outros em grau, momentos e lugares, eis que todos são agentes que produzem o território. Nestes termos, a perspectiva da territorialidade adquire novas escalas e temporalidades, considerando-se também, além do poder e da ordem, à forma como os atores se apropriam do espaço.

Sack (1986), em uma abordagem múltipla, também traz contribuições para transgressão da noção antiga do território para uma noção moderna subsidiada na imaterialidade. O território em sua visão corresponde a uma área delimitada sob a influência

da autoridade de indivíduos ou grupos que o moldam, sem que necessariamente estejam nos interstícios de suas fronteiras (SACK, 1986).

Esta concepção é substanciada na expansão temporal e espacial da territorialidade, que adquire um caráter móvel. A perspectiva da territorialidade enquanto “uma tentativa de um indivíduo ou grupo de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, através da delimitação e da afirmação do controle sobre uma área geográfica” (SACK, 1986, p. 20), desmistifica a inflexibilidade e a durabilidade como elementos basilares da constituição do território. Deste modo, em conformidade com o pensamento do autor, os territórios tendem a se desfazerem e a se refazerem constantemente de acordo com a incisão de autoridades (indivíduos, empresas, grupos, etc.) e do estabelecimento de suas respectivas fronteiras.

O raciocínio de Sack (1986) diante da concepção de que o território pode ser usado para conter ou restringir, bem como para excluir, onde os indivíduos que exercem o controle não precisam está dentro do território, é estratégico para compreendê-lo face à fluidez dos movimentos que passaram a conectar e a organizar as sociedades pós-modernas.

Para Silveira (2011), a cada período histórico ganha centralidade uma determinada combinação de condições técnicas e políticas, que produz as forças de concentração e dispersão e que resulta na redefinição dos limites territoriais. Neste contexto, as técnicas, um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, configuram-se como elementos de constituição e de transformação do território (SANTOS, 2006).

No atual período de globalização, a modernização da densidade técnica inscrita na composição do território (sistemas de transportes e sistemas de telecomunicações), e a emergência de um novo conjunto de objetos técnicos racionalizados no espaço pelas necessidades e interesses da realização do capital, constituíram uma base normativa que passou a regular político e tecnicamente os mercados sobre o imperativo do aceleração das velocidades e sob o ímpeto da competitividade.

Contudo, a difusão do sistema técnico não se dá de forma homogênea e cria uma concentração e uma dispersão combinadas (SILVEIRA, 2011). Diante desse quadro, na medida em que ocorre a conformação de uma ampla divisão territorial do trabalho, ocorre também o seu aprofundamento, expresso pelo fenômeno das especializações produtivas dos lugares.

A configuração imposta ao espaço através das condições oferecidas para realização do capital na globalização clarificou no debate territorial a importância dos fluxos materiais e imateriais, que atuam na efetivação e no ordenamento dos processos produtivos e na

organização e na regulação dos usos do território. Neste novo cenário, pensar o território é pensar sobre a forma como os seus usos são apropriados e dominados pelas lógicas atuais, é, portanto, pensar o território usado.

Neste horizonte de análise, “o território usado, é assim, uma arena onde fatores de todas as ordens, independentemente da sua força, apesar de sua força desigual, contribuem à geração de situações” (SILVEIRA, 2011, p. 05). Situações que, dispostas em arranjos técnicos e organizacionais diferentes, são partes de uma totalidade em movimento que elenca os lugares a partir de um saber-fazer ancorado num dado arranjo de objetos destinados à produção (SANTOS, 2006).

É a espacialização dos saberes-fazeres e das ações e movimentos que lhes dão sustentação, que qualifica o uso do território. Neste sentido, o território constitui-se como uma expressão das divisões territoriais do trabalho, em que ganha relevo aquela fundada na técnica e na organização de mais alto desempenho (SILVEIRA, 2011). Isso porque, o processo de globalização arquitetou um agir hegemônico polarizado pelas ações produtivas que se apropriam de forma mais incisiva e deliberada dos fatores de mobilidade, dispostos pela difusão dos sistemas técnico-científicos e informacionais.

Desse modo, o sentido da lógica da aceleração das velocidades e da ampliação espacial das forças produtivas, de um lado, insiste na integração mundial dos mercados e, de outro, expressa as desigualdades socioterritoriais advindas de uma apropriação geográfica que não se dá aleatoriamente, mas que considera fatores e aspectos presentes no território.

A designação de determinados espaços para receber os sistemas de objetos e ações inerentes a territorialização do capital, é paralela a marginalização de outros. Neste contexto, a globalização não significa homogeneização do espaço mundial, mas ao contrário diferenciação e especialização, num linear em que polos se constituem e se estruturam em redes dinâmicas que se sobrepõem as demais (BENKO; PECQUEUR, 2001).

Perante o acirramento da concorrência territorial produto da lógica atual, a valorização de uma área é, conseqüentemente, a desvalorização de outra. Neste jogo de forças, quanto maior a densidade técnica, maior a subordinação à lógica global e quanto maior a circulação, maior a especialização nos lugares (GALLI, 2008).

Levando em conta essa diferenciação entre os territórios, Benko e Pecqueur (2001) propõem uma análise a partir da tipologia dos fatores locais que incidem na inserção/exclusão dos espaços na territorialização do capital. Tendo como base a ideia de ativos e recursos, esses autores classificam os fatores locais a partir dos elementos

atuantes em um determinado momento (os ativos), e aqueles a serem revelados, a serem explorados (os recursos).

Conforme a sua natureza, ativos e recursos podem ser genéricos ou específicos. Os ativos e recursos qualificados como genéricos são aqueles, cujo valor está neles mesmo, no uso em si, de modo que, não se prendem ao lugar, sendo, portanto, facilmente transferíveis. Os ativos e recursos específicos têm seu valor associado à função das condições de uso específico e implicam um custo que não pode ser coberto em caso de transferência, o que conseqüentemente, faz com que agreguem um valor maior ao espaço onde se encontram.

Nesta linha de raciocínio, o mais imperativo fator de diferenciação dos territórios é o quantitativo e o qualitativo de ativos e recursos específicos, que de forma heterogênea se distribuem pelo espaço geográfico e fomentam a concorrência territorial. Isso porque, as possibilidades técnicas e informacionais de transferência dos valores de uso, que de imediato não tem a ver com as relações de produção e sociais especializadas em um determinado território, infere liquidez e fluidez aos ativos e recursos genéricos, os condicionando a realocações territoriais constantes.

Diante disso, quando consideramos para análise o território usado, pensado através daqueles que usam as relações de produção dentro de um determinado espaço, onde o uso é o principal elemento definidor do território, uso este, intrinsecamente relacionado às formas de apropriação espacial do modo de produção, é pertinente pensar o papel dos fatores locais na introdução, na caracterização e no desenvolvimento das atividades produtivas.

Para Santos (2006), o imperativo da competitividade exige que os lugares da ação sejam global e previamente escolhidos entre aqueles capazes de atribuir a uma dada produção uma produtividade maior. Nessa perspectiva, o exercício de uma determinada atividade econômica depende de condicionantes locais que garantam efetividade e eficácia na execução dos processos produtivos a serem realizados.

Assim, os territórios aparecem como fornecedores de oportunidades a serem apropriadas pelas possibilidades dos vetores técnicos, científicos e informacionais, onde a expressão do seu poder e de suas aptidões define como as grandes empresas nacionais e globais usam (e se usam) cada cena territorial.

Além da variabilidade distributiva das atividades econômicas, a incidência dos fatores locais define níveis de suscetibilidade para à incorporação de circuitos espaciais produtivos de dimensões longínquos, médias e pequenas. O nível mais elevado de suscetibilidade para territorialização de circuitos espaciais produtivos longínquos- os que se alinham na lógica local/global- está naqueles territórios, cujos fatores locais foram

inflados por cooperações políticas, principalmente na ordem de beneficiamento fiscal e deliberação de infraestrutura.

Nesses espaços, os usos do território são polarizados por grandes empresas nacionais e internacionais que comandam circuitos espaciais produtivos multiescalares, em que a formação socioeconômica e territorial se dá no alinhamento de uma forma global à uma situação local. Para Santos (2006) a luta pelo uso do território coloca em posição ativa as empresas gigantes e reserva às demais uma posição passiva, subordinada. Isso se deve a lapidação da capacidade dessas empresas em identificar e se apropriar dos fatores locacionais, de modo a se tornarem hegemônicas.

Diante dessa racionalização do espaço geográfico, em que o global se constitui como norma de uso para os sistemas locais, e estes, por sua vez, fazem do território uma norma para o exercício das ações desterritorializadas (SANTOS, 2006), a criação dos circuitos espaciais produtivos que atendem e fazem parte de mercados longínquos, põe em conexão frações do espaço selecionadas a partir de uma nova ordem de interação, a ordem local-global.

Analisando as relações que se colocam entre o local e o global no contexto da globalização, Benko (1998) tenta superar o enfoque dicotômico, enveredando por uma discussão que considera os componentes do processo dinâmico que envolve os sistemas locacionais, sua organização e suas relações com as externalidades. Consubstanciado na perspectiva de que a intensidade do impacto das transformações advindas do período de globalização, se dá nos contextos locais conforme o estado do ambiente que os compõem, Benko (1998) constrói uma análise a partir da composição do intermediário, e para isso considera a extensão das conexões que unem sistemas locacionais inovadores aos contextos locais adjacentes em um arranjo regional, que através de um processo evolutivo pode se estender até a escala global.

Assim, na visão de Benko (1998, p. 60):

O processo de globalização procede dos sistemas locais inovadores que se desdobram sobre o seu *hinterland*, transformando-o e criando um novo sistema integrado mais importante, de tipo regional [...] As capacidades dinâmicas dos sistemas locais com ambientes inovadores os projetam naturalmente para o exterior.

Nesta linha de pensamento, a territorialidade regional empreendida por Benko não está, como o autor ressalta, vinculada a justaposição de territórios locais, mas, a uma realidade territorial nova que nasce de suas inter-relações. Desse modo, é essa territorialidade regional que substancia a composição do intermediário que se coloca entre a escala local e a escala

global. Nesse linear, existe entre a escala local e a global uma territorialidade regional ativa que define, direciona e expande as inter-relações entre os contextos locais e as suas externalidades.

De acordo com essa concepção, teríamos assim, uma relação processual e evolutiva que envolve, de forma primária, a superposição de um sistema local inovador que se desdobra sobre o seu entorno a partir de uma trama relacional que cria um novo sistema integrado mais importante, a territorialidade regional. O território regional, por sua vez, insere os contextos locais em redes de inovações e em externalidades, que se associam a partir das diferentes funções da região e das práticas que nela se desenvolvem.

Assim, para Benko (1998, p. 63):

A cabo dessa globalização econômica, um meio regional inovador emerge. Não substitui os meios locais nem é a soma deles. Compõem-se de todos os atores que tem uma representação e uma concepção convergente daquilo que a organização regional traz ao integrar as capacidades dos sistemas locais e que a valorizam pela maior criatividade socioeconômica que daí resulta.

Em Santos (2006), a configuração interposta entre essas extremidades- o local e o global- é vista como situações intermediárias, que se constituem em dois intervalos: entre o mundo e o país e entre o país e o lugar. Neste sentido, duas regiões emergem, sendo uma inerente as situações intermediárias entre o mundo e o país, a região supranacional; e a outra representativa das situações intermediárias entre o país e o lugar, a região infranacional.

A consideração de uma composição intermediária diante da racionalidade local/global é importante, se não fundamental, quando o esforço está voltado para a interpretação do movimento dos circuitos espaciais produtivos que elencam uma conjugação interdepende de territórios na escala regional, assim como ocorre com o circuito espacial produtivo da avicultura de corte aqui estudado após a chegada da Agroindústria Cialne.

A forma como as lógicas que dominam os usos do território se estruturam no espaço, seja pela relação global-local ou pela apropriação dos seus espaços intermediários, reflete a integração territorial e funcional dos processos produtivos, que para Santos (1998) pode ser entendida a partir de dois recortes: as horizontalidades e as verticalidades. Nesta perspectiva, o funcionamento do território usado está condicionado por arranjos espaciais formados tanto por pontos contínuos e contíguos (as horizontalidades), como por pontos descontínuos, que se interligam através dos fluxos (as verticalidades).

Nas palavras de Santos (1998), as horizontalidades correspondem aos domínios da contiguidade, formada pelos lugares vizinhos que se reúnem através de uma continuidade

territorial, já as verticalidades consistem na união de pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais. Nestas condições, o espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente, e é a partir dessas novas subdivisões que devemos pensar novas categorias analíticas (SANTOS, 2006).

Dessa forma, quando a categoria analítica é o território usado e quando a lógica que qualifica os seus usos decorre da atuação dos circuitos espaciais produtivos, as horizontalidades correspondem às cooperações evidenciadas na escala da produção propriamente dita, enquanto que as verticalidades dão conta dos outros momentos da produção (circulação, distribuição e consumo).

É, portanto, a partir das verticalidades que os circuitos espaciais produtivos configuram a sua estruturação no espaço, alcançado, assim, uma escala regional ou global. Assim, entre as suas horizontalidades e as suas verticalidades, o que predomina é um híbrido de inter-relações que se revelam através de redes materiais e imateriais dinâmicas e de diversas interações espaciais.

1.2- A Multiescalaridade do Território: das interações espaciais às redes geográficas

A convergência de territorialidades flexíveis, superpostas e descontínuas, que se instala no espaço de forma indiscriminada no atual período de globalização, imprime a noção de tempo-rápido nas interações espaciais, que passam a se servir de redes geográficas cada vez mais densas e complexas. Em tais condições, a justaposição de territórios circunscritos em múltiplos escalões permite pensar o processo de produção e organização territorial na perspectiva da dialética do todo e da parte e, de forma não menos importante, pelo o espaço dos fluxos.

No jogo das escalas que se inscreve no território, “a escala espacial, socialmente produzida, deve ser vista como um recorte para a apreensão das determinações e condicionantes dos fenômenos sociais referidos no território” (BRANDÃO, 2009, p. 14). Neste sentido, entender como as forças oriundas de diferentes escalas se manifestam na organização territorial, nos condiciona a empreender a multiescalidade como a representação da coalizão de relações que trazem para um determinado contexto a coexistência de eventos que necessitam ser analisados em si e em relação às outras escalas.

Para Brandão (2009), a interpretação a partir de uma determinada escala pode revelar a natureza dos processos socioespaciais de forma mais adequada, mas se faz imprescindível construir estratégias dinâmicas e multiescalares. Assim, a flexibilidade espacial dos processos

produtivos torna a escala e, sobretudo, a sobreposição de escalas, referência para a análise que se proponha a refletir as territorializações dos fenômenos sociais e econômicos que se projetam a partir dos circuitos produtivos.

Na visão de Castro (2000), para compreender a articulação de fenômenos em diferentes escalas e como os fatos sociais são relacionais, é importante partir da questão de que a pertinência das relações é, também, produto da pertinência da medida de suas relações com o seu espaço de referência. Sob esse argumento, a escala se apresenta como campo de referência da dimensão de um fenômeno e, também, como campo de observação desta dimensão.

Dessa forma, podemos apreender o município de Pocinhos como uma escala de incidência de um fenômeno, a produção avícola, cuja medida de suas relações dentro do seu espaço de referência nos condiciona a um campo de observação que transcende a escala local e se projeta em uma dimensão multiescalar.

Neste viés, a totalidade de um fenômeno, ou de um circuito produtivo, como é o caso analisado nesse estudo, comparece como uma rede relacional que agrega em sua multiescalaridade o encontro de múltiplos territórios através das interações espaciais.

Na abordagem geográfica, a noção de interações espaciais está enraizada na ideia de interdependência entre áreas geográficas e na equivalência da casualidade da demanda e da necessidade. Ullman (1972) define interações espaciais como os fluxos que se alimentam a partir das diferenciações de áreas, em uma relação que tem no tripé complementaridade-transferibilidade- oportunidades interpostas, à essência de sua exequibilidade.

As interações espaciais são recorrentes na história da humanidade. Todavia, é a partir do contexto da globalização que elas adquirem complexidade e intensidade, passando a servir exponencialmente à lógica de acumulação capitalista. Neste processo, salientam-se os desníveis nas trocas, na medida em que se dão no contexto de uma divisão social e territorial do trabalho, com rebatimentos espaciais que manifestam profundas desigualdades em suas densidades (SILVEIRA, M. R; COCCO, 2010).

Na ótica da mundialização da economia, a totalidade, nos apresentada como a realidade do todo, clarificou uma divisão territorial do trabalho que “ao mesmo tempo em que promove uma dispersão geográfica das atividades produtivas, fornece as forças de concentração” (ARROYO, 2012, p. 24). Desse modo, as novas combinações funcionais que emergiram conferindo especialidades produtivas aos territórios, fomentaram novas variáveis para o movimento das interações espaciais.

Na visão de Santos (2006, p. 85):

A cada momento, cada lugar recebe determinados vetores e deixa de acolher muitos outros. É assim que se forma e mantém a sua individualidade. O movimento do espaço é resultante deste movimento dos lugares. Visto pela ótica do espaço como um todo, esse movimento dos lugares é discreto, heterogêneo e conjunto, "desigual e combinado". Não é um movimento unidirecional. Pois os lugares assim constituídos passam a condicionar a própria divisão do trabalho, sendo-lhe, ao mesmo tempo, um resultado e uma condição, senão um fator.

Assim, em meio à repartição e a seletividade que coordenam as interações, os territórios passam a ser articulados através de uma lógica hierarquizada, cuja natureza funcional da individualidade de cada um, torna-se o fundamento da sua participação subordinada ou subordinadora. Neste sentido, as interações espaciais consistem em mobilidades e acessibilidades diferenciadas, conformando espaços de fluxos desiguais em diferentes escalas (SILVEIRA, M. R; COCCO, 2010).

Para Ribeiro (2000), quanto mais complexa a divisão do trabalho maior a diversificação e complexidade dos objetos e das ações, sendo eminente o aumento da circulação em decorrência de se produzir mais valores de troca em função de uma maior especialização. Neste contexto, as interações espaciais se ampliam e passam a delinear diversos tipos de redes que se manifestam de diversas formas na organização espacial.

Em uma concepção abrangente que evidencia a amplitude e complexidade dos deslocamentos multidimensionais, Correa (2006, p. 278) infere interações espaciais como:

Um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidade.

Tais características circunscrevem as interações espaciais em uma variabilidade espaço-temporal que se torna proeminente na configuração do gênero (tipo), e na constituição do grau (intensidade) das articulações que passam a envolver plurilocalizações². Neste sentido, dado a propulsão variável dos vetores que racionalizam os deslocamentos, as interações espaciais não se dão igualmente em toda parte.

² Na perspectiva de Correa (2006), as interações espaciais, cada vez mais dinâmicas, estruturam-se a partir de múltiplas funções que passam a envolver uma diversidade de lugares, ou seja, a envolver plurilocalizações.

A observância da espacialidade das interações espaciais, que se alicerçam na materialidade do território e flutuam na imaterialidade do mercado transversal, nos condiciona a pensá-la através do estabelecimento e consolidação das redes geográficas, que para Correa (1999, p. 65-6) consistem em:

Um caso particular de rede, sendo definida como um conjunto de localizações sobre a superfície terrestre articulado por vias de fluxo (...). A rede geográfica constitui um produto e uma condição social historicamente construída. Fruto da ação humana é uma obra consciente e dotada de intencionalidade.

Deste modo, as redes, datadas de temporalidades e sociabilidades, compõem a trama relacional que articula os fixos do território aos fluxos que percorrem o espaço geográfico de forma dissipada, em prol da realização dos movimentos necessários ao processo de acumulação do capital.

Para Dias (2000, p. 148), “a primeira propriedade das redes é a conexidade – qualidade de conexo – que tem ou em que há conexão, ligação, os nós das redes são, assim, lugares de conexões, lugares de poder e de referência”. Se as redes estão relacionadas aos fluxos e as conexões isso é evidente, porém, não somente a eles. Para que haja fluxos, são necessários fixos, afinal, os fluxos possuem origem e destino (BRAGA, 2010).

Ribeiro (2000), ao analisar as contribuições de Miossec (1976) para os estudos das redes, salienta os três tipos de interações espaciais geradoras de redes propostas por esse autor. As redes de produção, distribuição e gestão são para Miossec uma unidade real, em que cada uma possui apenas relativa autonomia, estando interdependentes entre si (RIBEIRO, 2000).

Na linha de raciocínio do geógrafo Francês, diferentes interações espaciais podem coexistir em um mesmo contexto espacial, organizando as redes conforme suas finalidades e, diante de uma multiplicidade de interações, modificando os papéis das espacialidades. Na rede de distribuição, considera-se o grau de centralidade e as respectivas regiões de influência de um determinado conjunto de centros; na rede de produção salienta-se a presença de lugares que apresentam vantagens locais para o processo produtivo; e na rede de gestão volta-se para as malhas e linhas por onde circulam informações e normas (RIBEIRO, 2000).

Para Santos (2006), existem duas matrizes polarizadoras para se pensar as redes. A primeira leva a uma definição formal dada pela perspectiva da materialidade que se inscreve no território (os entroncamentos, os pontos de transmissão, os nós); e a segunda, está

vinculada ao fator social e político que emerge a partir das pessoas, mensagens e valores que frequentam a rede, ou as redes.

Ao relacionar as redes com o território, Santos (2006, p. 177) afirma que elas podem ser examinadas segundo um enfoque genético ou um enfoque atual:

No primeiro caso, são vistas como um processo e no segundo como um dado da realidade atual. O estudo genético de uma rede é forçosamente diacrônico. As redes são formadas por troços, instalados em diversos momentos, diferentemente datados, muitos dos quais já não estão presentes na configuração atual e cuja substituição no território também se deu em momentos diversos [...] já o estudo atual supõem a descrição do que constitui, um estudo estatístico das quantidades e das qualidades técnicas mas, também, a avaliação das relações que os elementos da rede mantêm com a presente vida social, em todos os seus aspectos, isto é, essa qualidade de servir como suporte corpóreo do cotidiano.

Desse modo, a concepção sugerida por Santos (2006) no estudo atual, instiga pensar a inerência da temporalidade dos objetos e a disposição dos mesmos, conforme o uso e as relações estabelecidas com outros objetos e as modalidades de controle e de regulação que lhes são impostos. Neste raciocínio, as redes emergidas em um dinamismo acelerado alteram frequentemente os objetos e, quando estudadas, precisam está associadas a periodizações, cujas características predominantes serão variáveis fundamentais.

Segundo Haesbaert (2004), as redes, para além de uma forma abstrata de composição do espaço, representam, na verdade, o caráter dinâmico e móvel do território, sendo um componente territorial indispensável. Assim, Haesbaert (2004, p. 286-7) ressalta que:

Numa concepção reticular de território ou, de maneira mais estrita, de um território-rede, estamos pensando a rede não apenas enquanto mais uma forma (abstrata) de composição do espaço, no sentido de um ‘conjunto de pontos e linhas’, numa perspectiva euclidiana, mas como o componente territorial indispensável que enfatiza a dimensão temporal-móvel do território e que, conjugada com a ‘superfície’ territorial, ressalta seu dinamismo, seu movimento, suas perspectivas de conexão.

Considera-se então, que as redes dão suporte a mobilidade do território na medida em que se constituem como formas (objetos) e normas (ações) que servem aos movimentos e as suas perspectivas de conexão. Neste sentido, em um contexto em que a realidade se manifesta em diversas escalas, as redes representam fluxos instrumentais e organizacionais distribuídos em um sincronismo que independe de escalas, pois tanto o global está para o local, como o local está para o global.

Para Correa (2013, p. 212), “no capitalismo atual, a produção está crescentemente organizada a partir de grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas, podendo-se falar em uma rede geográfica de corporação”. Desse modo, as redes fazem parte e servem de suporte para os processos econômicos que percorrem o espaço, articulando os territórios a partir dos circuitos produtivos que intercalam interações espaciais multidimensionais em arranjos verticais.

Neste contexto, segundo Braga (2010), citando Ramalho e Cataia (2004), a rede passa a substanciar a operacionalização dos circuitos espaciais produtivos, como também passa a ser um de seus componentes. Diante desta conformação, constitui-se em um importante recurso de método para apreender a racionalidade técnica material e imaterial que dá suporte a espacialização e a circulação de um determinado circuito de produção.

Dessa forma, considerando os argumentos aqui analisados, percebe-se que as redes correspondem aos canais de estruturação do movimento no território. Nesta cena, as redes compõem o espaço geográfico tanto a partir dos objetos materiais, como dos fluxos que os animam.

Neste sentido, as redes são responsáveis por interligar as atividades geograficamente dispersas e por possibilitar a realização das ações que infere unidade ao processo produtivo. Assim, ao possuírem uma capacidade de conexidade variável, elas podem tanto elevar, como diminuir e excluir os níveis de solidarização entre os territórios.

1.3 Os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação no entendimento dos usos do território

Com o exponencial aumento dos fluxos materiais e imateriais circunscritos na gradativa mundialização da produção, da prestação de serviços e do consumo (CASTILLO; FREDERICO, 2010), a realidade do território se configura a partir de uma trama espacial em que a fragmentação é, ao mesmo tempo, a força vital dos processos de articulação e a face da desigual inserção dos contextos espaciais nos setores e circuitos econômicos.

No atual período técnico-científico-informacional, a face geográfica da globalização, os eventos econômicos percorrem o espaço de forma indiscriminada e se instalam nos territórios conforme as suas possibilidades técnicas e organizacionais de transferir atividades e solidariedades da ordem global para a ordem local. Nestes termos, os eventos, onde se instalam promovem mudanças, pois atendem ao domínio de um processo que, embora partilhado territorialmente, está fundado na complementaridade de normas e ordens que são

imanescentes a sua totalidade. Em conformidade com esse pensamento, Santos (2006, p. 97) afirma que:

Os eventos não se dão isoladamente, mas, em conjuntos sistêmicos, verdadeiras "situações" – que são cada vez mais objeto de organização: na sua instalação, no seu funcionamento e no respectivo controle e regulação. Dessa organização vão depender, ao mesmo tempo, a duração e a amplitude do evento. Do nível da organização depende a escala de sua regulação e a incidência sobre a área de ocorrência do evento.

Dessa forma, a dinâmica dos eventos não pode ser compreendida se não no contexto de sua totalidade, que é quem define a sua instalação e o seu funcionamento, a sua amplitude e a sua durabilidade. Nesta situação, cada evento possui uma escala de regulação e, conseqüentemente, uma organização funcional e uma configuração territorial que dão conta das conexões entre as etapas produtivas e os territórios.

A configuração territorial representa, neste contexto, a espacialidade do conjunto dos processos que servem a realização de um evento. Dessa forma, é composta pelo território, pelos objetos e as ações existentes sobre ele, e por todas as relações que definem os seus usos. Para Santos (1988), a configuração territorial corresponde ao conjunto de todas as coisas arranjadas em um sistema, cuja realidade e extensão não se resumem em uma parte do espaço, mas em uma totalidade que abrange o território e as relações que o envolve.

Neste tempo de aceleração da difusão dos eventos, compreender o comportamento do espaço indivisível diante do processo de acumulação (SANTOS, 1985), nos remonta a captar o movimento que articula os agentes e os lugares e que rege o funcionamento dos territórios. Nesta perspectiva, um caminho importante para entender as transformações espaciais, consiste na análise das dinâmicas territoriais a partir da distribuição e do estabelecimento dos arranjos produtivos dos circuitos espaciais da produção (BOMTEMPO; SPOSITO, 2012).

Para Bomtempo e Sposito (2012) é através da análise das interações espaciais dentro dos circuitos espaciais produtivos, que conseguimos entender as dinâmicas e os movimentos materiais e imateriais da atualidade, ou seja, que se torna possível investigar o uso do território.

Na visão de Castillo e Frederico (2010), o exorbitante aumento dos fluxos materiais e informacionais, que tendenciosamente distanciou os locais de produção e os locais de consumo, inferiu complexidade a distribuição espacial das atividades econômicas, o que clarificou os conceitos de circuito espacial produtivo e de círculos de cooperação como conceitos fundamentais para o entendimento do território.

Para Santos (1988), os circuitos espaciais da produção correspondem às diversas etapas pelas quais perpassam um produto, desde o começo do processo de produção até o seu destino final, o consumo. Nesta perspectiva, os circuitos espaciais produtivos correspondem à circulação da matéria, enquanto que os círculos de cooperação representam a circulação de informações, ordens e normas, que servem ao funcionamento de um determinado processo produtivo.

De acordo com Frederico e Castillo (2004, p. 237):

Os Circuitos Espaciais Produtivos pressupõem a circulação de matéria (fluxos materiais) no encadeamento das instancias geograficamente separadas da produção, distribuição, troca e consumo, de um determinado produto num movimento permanente; os Círculos de Cooperação no espaço, por sua vez, tratam da comunicação consubstanciada na transferência de capitais, ordens e informação (fluxos imateriais), garantindo os níveis de organização necessários para articular lugares e agentes dispersos geograficamente, isto é, unificando, através de comandos centralizados, as diversas etapas, especialmente segmentadas da produção.

Neste sentido, a configuração dos circuitos espaciais produtivos está associada a uma base material, a produção, que a partir das redes técnicas materiais e imateriais estabelece uma sequência que conta com a participação de outras etapas complementares (circulação, distribuição e consumo). Assim, o que prevalece é um movimento sinérgico que de forma interdependente reúne em cada instância produtiva, diversos agentes e múltiplos territórios.

A origem da noção de circuito espacial produtivo, segundo Castillo e Frederico (2010), reside nas ideias de Marx (2008) acerca da unidade contraditória entre a produção, a distribuição, a troca e o consumo. Diante do raciocínio de Marx (2008), a produção não se limitaria ao seu processo em si, sendo parte integrante de uma totalidade que envolveria também distribuição-troca-consumo.

Embora não pressuponha a ideia de circuito, Marx edifica uma perspectiva que considera a existência de uma interdependência entre a produção, a instância primária, e o consumo (o destino final), excluindo um, ante a inexistência do outro. Desta forma, há um destaque para o papel da circulação na articulação das diferentes etapas de um mesmo processo produtivo.

Nos anos de 1970, a discussão mais direta até então apresentada acerca da interdependência entre as etapas dos processos produtivos, ocorre no contexto do projeto “MORVEN: Metodologia para o Diagnóstico Regional”, desenvolvido pelo Centro de Estudios del Desarrollo (CENDES) da Universidade Central da Venezuela.

Para Santos (1986), um dos interlocutores dessa categoria no Brasil, esse projeto tinha como objetivo o estudo das segmentações dos espaços nacionais e a ação dos diferentes agentes produtivos sobre o espaço nos países de terceiro mundo. Neste contexto, no âmbito das discussões apresentadas neste projeto, ganhou destaque à compreensão das práticas econômicas como sendo o conjunto de ações sociais que têm por finalidade a produção, a distribuição e o consumo de meios materiais (BARRIOS, 1976 apud SANTOS, 1986).

A partir dessa perspectiva, foram evidenciadas as inter-relações que se estabelecem em um ciclo produtivo como um todo, desde a produção da matéria-prima até a fase final, passando neste meio termo por todos os processos de comercialização e financiamento. De acordo com Barrios (1976), a partir de uma atividade inicial passaria a existir um movimento mais amplo, que integraria ao processo produtivo outras fases e outras escalas. Assim, conforme a autora:

Uma matéria-prima qualquer, cujo circuito seria então formado pelos seus produtos, pelos seus transformadores em sucessivos produtos manufaturados (que participam da etapa seguinte, como insumo, até a fase do consumo final), incorporando todos os processos de comercialização e financiamento (BARRIOS, 1976 apud SANTOS, 1986, p.121).

Segundo esse pensamento, o entendimento de um processo produtivo não poderia está limitado ao espaço da produção, sendo, portanto, necessário à observância do emaranhado de ações e relações que transcendiam as escalas regionais e, por vezes, as nacionais.

Em Santos (1988), a prospecção analítica acerca dos circuitos espaciais produtivos, se fortalece na medida em que a difusão dos sistemas técnico-científicos e informacionais e o conseqüente realinhamento da extensão e da complexidade dos processos produtivos na ordem global, edificou a necessidade de expandir a análise territorial para além da perspectiva regional. Nesta cena, não se trataria mais de falar em circuitos regionais de produção, mas sim em circuitos espaciais da produção, pois, são estes que carregam agora as manifestações territoriais e econômicas do atual período.

Nesta linha de raciocínio, os circuitos espaciais produtivos representam novas interações, que além da escala regional alcançam, sobretudo, a escala global. Nestes termos, a concepção de região também muda, e suas dimensões já não dizem respeito somente aos seus limites geográficos, mas, principalmente, a extensão dos circuitos espaciais produtivos e de seus círculos de cooperação.

Dessa forma, no período atual os circuitos espaciais produtivos correspondem às diversas e adversas expressões da globalização no espaço, em que ganha relevo o uso

diferenciado dos territórios pelas empresas, instituições e agentes, que coordenam ou participam de uma trama de relações cada vez mais complexa e multidimensional.

Diante da localização dissociada das diversas etapas da produção e da aceleração contemporânea dos fluxos, os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação, buscam dar conta das relações entre mobilidade geográfica, configuração territorial e condições históricas do capitalismo atual (FREDERICO; CASTILLO, 2004 apud TOLEDO; FREFERICO, 2008).

Em vista dos argumentos apresentados, entende-se que os circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação representam a estruturação material e imaterial dos processos produtivos. Dessa forma, são importantes para o entendimento dos usos do território porque condicionam tanto as dinâmicas da solidariedade criada no local, através da etapa da produção propriamente dita, como as dinâmicas da solidariedade organizacional que emerge por meio da circulação.

1.4 Da visão sistêmica à perspectiva da espacialidade: a cadeia produtiva da avicultura de corte *versus* o circuito espacial produtivo

A transversalidade espacial hierarquizada, como estratégia para melhor fluir os processos produtivos na sociedade capitalista contemporânea, permitiu a efervescência de uma agropecuária, cuja racionalidade produtiva é marcada pela integralização dos espaços e pela especialização produtiva dos territórios. Em meio a esse cenário, consolidada como uma das mais importantes atividades da agropecuária brasileira, a avicultura de corte se tornou altamente representativa da disseminação do modelo de produção integrado e espacialmente fragmentado.

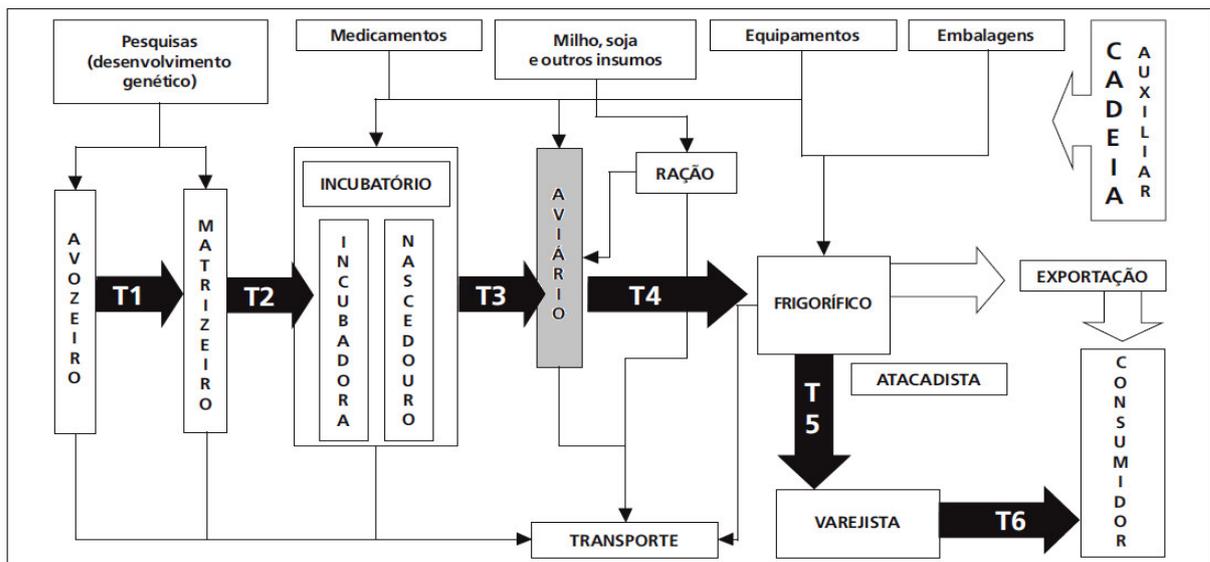
A eficiência do desempenho da avicultura de corte se deve, em parte, a vetores econômicos, tecnológicos, organizacionais e operacionais, que estrategicamente combinaram a dissociação geográfica das etapas produtivas e a elevação dos níveis de coordenação entre elas.

De acordo com Vieira e Dias (2005), nos últimos anos a avicultura se beneficiou da consolidação da integração vertical entre agroindústrias e produtores rurais, o que possibilitou a sua expansão para diversas áreas do País. Dessa forma, segundo os autores, sendo atualmente uma atividade econômica internacionalizada e uniforme, sem fronteiras geográficas de tecnologia, não deve ser analisada somente do ponto de vista da produção e da distribuição, mas sim a partir de uma perspectiva sistêmica.

Neste contexto, a abordagem proposta por Vieira e Dias pressupõe a análise da malha de interações sequenciais da avicultura de corte sob a ótica das cadeias produtivas, ou seja, da visão consecutiva e não fragmentada das etapas produtivas. Na concepção de Castillo e Frederico (2010), as cadeias produtivas têm por objetivo facilitar a visualização, de forma integral, das etapas e dos agentes envolvidos na produção, distribuição, comercialização, serviços de apoio e consumo. Desse modo, correspondem ao conjunto de etapas, agentes e segmentos que se entrelaçam pelo movimento sistêmico percorrido por uma matéria-prima até o seu destino final.

A configuração das cadeias produtivas da avicultura de corte varia conforme a dinâmica das empresas coordenadoras, o que determina a quantidade de elos e agentes que participam do processo produtivo como um todo. Para Araújo et al (2008), em um arranjo completo, a cadeia produtiva da avicultura de corte apresenta-se conforme representado na figura 1:

Figura 1: Cadeia produtiva da avicultura de corte.



Fonte: Araújo et al (2008).

Com essa configuração, a cadeia produtiva da avicultura de corte é formada por segmentos antes, dentro e depois da porteira, que abarcam elos responsáveis pelo fornecimento de materiais e serviços, pela produção, transformação e comercialização do frango de corte e de seus subprodutos. Nestes termos, tendo como paradigma a organização produtiva e estando à sombra do ideário da competitividade, as cadeias produtivas dão centralidade a interdependência econômica, evidenciando, para isto, os vínculos técnicos e

econômicos entre os setores e a repercussão sistêmica da distribuição do comando exalado pela empresa coordenadora (CASTILLO; FREDERICO, 2010).

Através desse modelo de organização das cadeias produtivas é possível analisar como os fatores econômicos, de mercado e concorrenciais afetam o desempenho do comportamento do processo produtivo como um todo, e quais as possibilidades para solucionar os impasses que prejudicam a competitividade. Na visão de Castillo e Frederico (2010), permite, ao mesmo tempo, identificar e minimizar os gargalos que podem vir a comprometer a integração consistente dos diversos segmentos.

Contudo, na medida em que o alargamento dos contextos produtivos da avicultura de corte salientou a importância da racionalidade econômica para os ganhos de competitividade de agentes e setores interligados em um mesmo processo produtivo, clarificou também outras variáveis fundamentais para se entender o desempenho dessa atividade.

Neste contexto, é preciso considerar que a territorialização ampliada das cadeias produtivas passa a se caracterizar também por diversas e adversas realidades de produção, que representam os diferentes modos de relação entre o processo produtivo e o território no qual está inserido.

Nessa linha de pensamento, segundo Castillo e Frederico (2010, p. 466):

Na qualidade de instância da sociedade, o espaço geográfico se iguala e se articula à economia, à política, ao direito e à cultura como conjuntos de fatores, funções e valores que perfazem domínios ou esferas de condicionamento da produção e da reprodução social.

Dessa forma, considerando o espaço como variável ativa na realização do processo produtivo, além de analisar os diferentes ambientes presentes nas cadeias produtivas da avicultura de corte (ambiente institucional, ambiente organizacional, ambiente tecnológico, ambiente competitivo e estratégias individuais), torna-se necessário caracterizar essa atividade mediante sua territorialização, tendo em vista que sua prática tanto define o espaço, como se define por ele.

Neste sentido, considerando que “a economia está no espaço, assim como o espaço está na economia” (SANTOS, 1985, p. 01), a abordagem proposta pelos circuitos espaciais produtivos emerge no sentido de deslocar o foco da empresa coordenadora para o espaço geográfico e para os desdobramentos no território, o que para Castillo e Frederico (2010, p. 468) quer dizer que:

O objetivo deixa de ser a identificação dos gargalos que dificultem a plena integração funcional e prejudiquem a competitividade final dos produtos, e passa a ser as implicações socioespaciais da adaptação de lugares, regiões, e territórios aos ditames da competitividade, bem como o papel ativo do espaço geográfico na lógica de localização das atividades econômicas, na atividade produtiva e na dinâmica dos fluxos.

Nesta perspectiva, os circuitos espaciais produtivos conduzem a uma análise que busca apreender a dimensão espacial dos processos produtivos, que são vistos como uma totalidade fragmentada. Neste caso, o que prevalece é a perspectiva da unidade enquanto a soma de uma lógica do território e de uma lógica das redes, que podem ser vistas de forma autônoma, mas que só se explicam em seu conjunto.

Dessa forma, ao construirmos nossa discussão a partir da perspectiva da espacialidade, evidenciada pelo uso do conceito de circuito espacial produtivo, temos por finalidade apreender a dinâmica do processo produtivo da avicultura de corte e dos seus respectivos fluxos no contexto da divisão territorial do trabalho e dos usos do território. Para isso, as interações sequenciais que compõem a totalidade do processo produtivo da avicultura de corte são postas como elementos contextualizados e caracterizados pelo espaço geográfico, e as suas fragmentações como elementos contextualizados e caracterizados pelo território.

Levando em conta esses aspectos, o circuito espacial produtivo da avicultura de corte aqui estudado, conforme veremos nos próximos capítulos, pode ser compreendido como um processo que emerge do estabelecimento de uma sequência produtiva no espaço, e que tem no território compreendido pelo município de Pocinhos, a sua dimensão única e socialmente construída.

CAPÍTULO II

A territorialização do circuito espacial produtivo da avicultura de corte: o território como processo e como produto para as relações sociais e de produção

A territorialização dos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte expressa, de forma primária, a dimensão da cisão do movimento geral de expansão do capitalismo com as especificidades técnicas, científicas e informacionais de cada território. Neste contexto, o caminho para entender o movimento, as configurações e as determinações territoriais impostas pelos circuitos espaciais produtivos, é pela via que os considera não como fenômenos que ocorrem sobre um espaço liso, inerte, mas de forma contrária, como processos que sempre entram em relação com as variáveis pré-existentes no território (FREDERICO, 2014).

No atual período da história, o processo de racionalização da sociedade atinge incisivamente o território, que passa a ser um instrumento fundamental para entendermos como ocorre a inserção dos espaços nas lógicas capitalistas (SANTOS, 1994). Nestes termos, a territorialização do circuito espacial produtivo da avicultura de corte revela como a reprodução do capital avícola se apropriou das possibilidades existentes no território, regulando-o conforme suas ações e as suas normas.

Dessa forma, na medida em que procurou impor a sua racionalidade, a atividade avícola, através do circuito espacial produtivo da avicultura de corte, modificou os equilíbrios pré-existentes no território, revestindo os seus diversos aspectos constituintes, a exemplo da questão agrária, das relações socioeconômicas e das interações espaciais, com uma nova dinâmica.

2.1- A expansão capitalista no campo e a questão agrária

No desenvolvimento do modo de produção capitalista no campo, a intensificação e a diversificação das formas de extração da mais-valia multiplicaram os espaços da produção e das trocas, induzindo os espaços agrícolas a inúmeras transformações (ELIAS, 2006). Ao curso de um processo socialmente desigual e espacialmente seletivo, a expansão do capital tem sido racionalizada pelos agentes e territórios que favorecem a reprodução dos interesses das empresas hegemônicas dos setores agropecuário e agroindustrial.

Diante desse contexto, a questão agrária tem incorporado novos elementos e assumido novos contornos que trazem ao centro do debate a estrutura fundiária, o modo de produção na agropecuária e a redefinição das relações sociais de produção. Nestes termos, os problemas referentes à questão agrária estão relacionados, essencialmente, à concentração da posse da terra; aos processos de expropriação, expulsão e exclusão dos trabalhadores rurais; à luta pela terra, pela reforma agrária e pela resistência na terra; à violência extrema contra os trabalhadores, à produção, abastecimento e segurança alimentar (FERNANDES, 2013).

De acordo com Fernandes (2013), a questão agrária corresponde ao movimento do conjunto de problemas relativos ao desenvolvimento da agropecuária e das lutas de resistência dos trabalhadores que são inerentes ao processo desigual e contraditório das relações capitalistas de produção. Neste sentido, seguindo o pensamento do autor, por se tratar de um elemento estrutural do capitalismo, a questão agrária a cada novo estágio do desenvolvimento capitalista passa a apresentar novas características e a instigar novas abordagens teóricas.

No período atual, essas novas características giram em torno do novo modelo de desenvolvimento econômico da agropecuária capitalista, o agronegócio, e as novas abordagens se concentram na reconstituição da questão agrária em um cenário de expansão das áreas de produção, de consolidação do paradigma da produtividade e da expropriação do pequeno produtor dos seus meios de produção, a terra.

Produto das inovações técnicas, organizacionais e políticas-normativas, o agronegócio se configura como uma nova racionalidade para o uso do tempo e o uso da terra. Para Elias (2007), o agronegócio emerge no cenário atual através de redes agroindustriais dinâmicas, que associam ao longo do processo de produção capitalista, diversos e distintos agentes. Neste contexto, na medida em que se tornou a expressão da reprodução ampliada do capital, o agronegócio tornou-se também uma forma extremamente excludente, que acentua e cria novas desigualdades sociais e territoriais no campo brasileiro.

Na concepção de Fernandes (2013), o agronegócio nada mais é do que um termo cunhado para renovar a imagem da agricultura capitalista e envolver as suas velhas problemáticas em roupagens que ocultem a sua essência nociva. Nestas condições, deve ser visto como um processo desigual e contraditório que agravou os problemas socioeconômicos e políticos do campo.

Nessa perspectiva, o que o agronegócio traz de novo para a questão agrária é a redefinição da forma de exclusão, que se desloca da improdutividade do latifúndio para à produtividade exacerbada do agronegócio (FERNANDES, 2013). Deste modo, a reconfiguração da questão agrária está cingida na base das novas manifestações impostas pelo

agronegócio que, entre outros aspectos, tem buscado revitalizar o latifúndio e reconstruir as relações sociais de produção a partir da emergência de sociabilidades altamente integradas ao modo capitalista de produção, como é o caso da agricultura familiar.

Em sua relação com o latifúndio, o agronegócio busca desconstruir a concepção historicamente concebida de que esse modelo de organização da estrutura fundiária representa atraso, improdutividade e expropriação. Para isso, há um empenho em construir uma visão de modernização que se alimenta, fundamentalmente, de um discurso progressista forjado entono da nova materialidade técnica da produção, da excelência da produtividade e da geração de riquezas para o país (FERNANDES, 2013).

Nesta concepção, “o agronegócio é um novo tipo de latifúndio e ainda mais amplo, agora não concentra e domina apenas a terra, mas também a tecnologia de produção e as políticas de desenvolvimento” (FERNANDES, 2013, p. 141). Ao curso de uma territorialidade ampliada, o agronegócio exerce o controle no território de forma abrasiva, subordinando as relações sociais de produção às suas necessidades de reprodução, em um processo que contribuiu para a emergência de novos sujeitos sociais que se diferenciam pela dimensão de sua articulação à lógica do capital.

Em linhas gerais, a composição dessa diferenciação entre os sujeitos sociais é produto da sujeição e da resistência da agricultura camponesa à lógica de reprodução capitalista. Nestes termos, a racionalidade que prevalece é a de que a sujeição do camponês à lógica de reprodução do capital é paralela à emergência da agricultura familiar, enquanto que a resistência do camponês ocorre simultaneamente à recriação do campesinato.

No âmbito analítico, essa relação caminha entre posicionamentos ideológicos diferentes, que a partir de seus respectivos campos teóricos buscam discutir a significação do produtor familiar diante das novas formas de realização e de reprodução do capital no campo.

Neste contexto, evidencia-se, de um lado, a agricultura familiar como uma construção do agronegócio e, conseqüentemente, como uma nova categoria genuinamente capitalista que se estabelece no campo. Nesta linha de raciocínio, a agricultura familiar corresponde a um estágio avançado da agricultura camponesa, que ao atingir certo grau de modernização passa a se integrar ao modo de produção capitalista. Dessa forma, o que sustenta a perspectiva da agricultura familiar como uma nova categoria é a diferenciação entre o agricultor familiar e o agricultor camponês, de acordo com a preponderância de elementos cruciais como a integração ao mercado, o papel do Estado no desenvolvimento de políticas públicas e a incorporação de tecnologias na produção (ABRAMOVAY, 1992).

No outro lado desse debate, a agricultura camponesa é vista sob a perspectiva da resistência e da luta contra o capital. Neste contexto, para fins de demarcação conceitual, a agricultura é tida como familiar, mas é concebida como camponesa. Assim, deve-se considerar que o produtor familiar e o produtor camponês são os mesmos sujeitos, apenas vivendo em condições diferentes (FELÍCIO, 2006). Segundo Fernandes (2001, p. 30), “pode-se afirmar que a agricultura camponesa é familiar, mas nem toda agricultura familiar é camponesa, ou que todo camponês é agricultor familiar, mas nem todo agricultor familiar é camponês”.

De acordo com Oliveira (2007), a agricultura camponesa corresponde a uma categoria social criada pelo próprio processo de expansão capitalista, que ao promover a expulsão e expropriação dos camponeses da terra, gerou uma classe social que encontra significado na luta para retornar a terra. Nesta cena, tão importante quanto considerar a forma como ocorre à apropriação dos meios de produção e a articulação dos sujeitos ao capital, é compreender a agricultura camponesa no cerne de uma construção ideológica, que tem na luta e na resistência as principais formas de reprodução social. O que isso quer dizer, é que não é pela ruptura com o modo de produção capitalista que a agricultura camponesa se ergue, mas pelo estabelecimento de uma nova forma de se relacionar com o capital que parte da desconstrução das desigualdades econômicas, sociais e políticas.

A conformação, em um mesmo cenário, de uma agricultura familiar e de uma agricultura camponesa deve-se ao fato de no capitalismo a recriação do trabalho familiar acontecer tanto na produção das relações capitalistas como não capitalistas, o que resulta em diferentes formas para à reprodução social do produtor familiar. Nestas condições, é preciso considerar o caráter estrutural do movimento do capital, que através de relações capitalistas e não capitalistas, é capaz de está em qualquer lugar que possa auferir renda (TSUKAMOTO, 2000).

Em suas configurações atuais, a expansão capitalista no campo tem sido acionada através de um processo dual, que envolve a atuação do capital tanto pela territorialização como pela monopolização do território. No processo de territorialização, ocorre a apropriação física do espaço pelo capital, que se territorializa através das empresas e agroindústrias. No segundo caso, o capital encontra-se espacialmente concentrado em pontos estratégicos do espaço geográfico, de onde utiliza os sistemas de redes disponíveis para exercer o seu monopólio nos diversos e distintos territórios compreendidos por seus circuitos de produção.

No curso dessa lógica de ampliação, a diversificação dos meios de apropriação da renda do produtor familiar pelo capital marca à intensificação da sujeição do camponês, que

passa a se integrar ao modo capitalista de produção na tentativa de não ser excluído dos processos geradores de renda. Nestas circunstâncias, a agricultura familiar, como categoria genuinamente capitalista, se fortalece como um importante canal para o avanço do capital no campo.

De acordo com Wanderley (2003), a agricultura familiar emerge como uma categoria fortemente influenciada pelas políticas públicas, tanto no que concerne a fomentação do seu significado como no apoio ao seu desempenho. Seguindo o pensamento de Wanderley (2003), ganha destaque neste cenário o papel do Pronaf³ (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura familiar), que emerge em 1996, e se configura como um mecanismo de legitimação, por parte do Estado, da agricultura familiar tipicamente capitalista. Além da prospecção à consolidação de um conceito histórico-concreto, o Pronaf, a partir do apoio financeiro ao fortalecimento das atividades econômicas desenvolvidas na produção familiar, tem contribuído para consolidar os aspectos que fazem da agricultura familiar, uma categoria cada vez mais inserida nos moldes capitalistas.

Para Hespanhol (2000) a utilização do termo agricultura familiar na década de 1990, se dá no sentido de designar as unidades produtivas em que a terra, os meios de produção e o trabalho estão vinculados ao grupo familiar. Nestas condições, essa categoria, passou a ser um reflexo das alterações ocorridas na agricultura brasileira, que aos ditames das políticas neoliberais, se encaixou em um modelo de desenvolvimento rural calcado na expansão capitalista no campo.

Assim, percebe-se que a agricultura familiar é, antes de tudo, condição e consequência da expansão capitalista no campo, de modo que, é no âmbito da reconfiguração de suas relações sociais e de seu papel econômico no interior do processo de desenvolvimento do capitalismo, que busca o seu significado.

Dessa forma, observa-se que o modelo de desenvolvimento da agropecuária, o agronegócio, tem sua difusão consubstanciada por aspectos econômicos, que se sobrepõem as questões sociais, implicando, desse modo, uma série de novas problemáticas, a exemplo do revigoramento do latifúndio e do remodelamento das relações sociais de produção conforme as necessidades de reprodução do capital.

³ Para Wanderley (2003), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura familiar- PRONAF- clarifica o agricultor familiar como ator social característico da cena capitalista que se instala a partir da década de 1990. Nesta cena, construída sobre os preceitos do modelo produtivista e da modernização agrícola, o conceito de agricultura familiar leva em conta, sobretudo, a diferenciação do agricultor familiar do camponês.

2.1.1- A expansão do capital avícola e a questão agrária em Pocinhos-PB

No município de Pocinhos, o processo de expansão do capital avícola no campo através da avicultura de corte corroborou para a reconfiguração da questão agrária em um cenário específico, marcado pela preponderância de elementos estruturais do modo de produção capitalista e pela emergência de vetores particulares do modo de produção do capital avícola. Entre os novos e velhos conteúdos da questão agrária, cabe aqui destacarmos as mudanças na estrutura fundiária e a redefinição das relações sociais de produção a partir da sujeição da agricultura camponesa ao capital e da consequente centralização do processo produtivo na agricultura familiar.

A história da posse da terra no município de Pocinhos se mistura com as relações de produção que, em contextos diferentes, consubstanciaram dois ciclos produtivos importantes: o do sisal e o da avicultura de corte. Neste sentido, a análise da estrutura fundiária e de suas alterações recentes se dá no contexto da reversibilidade das relações capitalistas de produção e da redefinição das formas de apropriação do espaço pela reprodução do capital avícola.

Durante o longo período de inscrição da atividade sisaleira no território, que vai da década de 1960 até meados da década de 1990, as relações de produção instituídas fizeram do latifúndio o pilar central da estrutura fundiária. Dessa forma, o modelo agrário/agrícola predominante esteve baseado, fundamentalmente, na grande propriedade monocultora e na expropriação do pequeno produtor diante da concentração da terra nas mãos de poucos produtores. Com o enfraquecimento da atividade, principalmente na década de 1990, além das desigualdades sociais, o latifúndio passou a expressar também a desfuncionalização econômica e a improdutividade da grande propriedade.

As características impostas pelas relações de produção e pelas formas de apropriação do espaço da atividade sisaleira foram responsáveis por gerar uma herança histórica de desigualdades socioterritoriais, que tem na concentração fundiária a sua principal materialidade. Foram estas estruturas territoriais extremamente concentradas que serviram de base para expansão do capital avícola a partir do final da década de 1990.

Todavia, na contra-racionalidade do processo de expansão capitalista no campo, o modelo de desenvolvimento agrário da avicultura de corte, ao invés de ter na modernização do latifúndio o paradigma central da produtividade, tem sua força de reprodução vinculada a multiplicação das áreas de produção através da destituição do latifúndio e da criação de novos espaços de produção.

Com essa característica, a expansão da avicultura de corte no município de Pocinhos se deu, inicialmente, a partir da introdução dos novos sistemas de produção nas velhas estruturas territoriais. Porém, na medida em que se acentuaram as necessidades de reprodução do capital avícola, às alterações na estrutura fundiária ganharam relevo e passaram a se projetar no limiar da cooperação entre as demandas sociais, o capital avícola e as políticas públicas de reforma agrária.

De acordo com os dados do Censo Agropecuário de 2006, do IBGE (Tabela 02), é possível perceber que até esse período a desigualdade na posse da terra foi predominante, visto que 1125 imóveis rurais com menos de 50 hectares totalizavam 21,2 % da área total, enquanto 137 imóveis com mais de 50 hectares detinham 78,8% da área total, o que significa dizer que o cerne da estrutura fundiária residia na concentração da grande propriedade nas mãos de poucos proprietários.

Tabela 1- Estrutura fundiária do município de Pocinhos- PB (2006)

Classe de área (ha)	Número de imóveis	Número de imóveis (%)	Área total (ha)	Área total (%)
Menos de 10 ha	827	65,5	2.710	6,4
De 10 a menos de 20 ha	156	12,4	2.174	5,1
De 20 a menos de 50 ha	142	11,3	4.145	9,7
De 50 a menos de 100 ha	54	4,3	3.579	8,4
De 100 a menos de 200 ha	37	2,9	4.874	11,4
De 200 a menos de 500 ha	29	2,3	9.419	22,1
De 500 a menos de 1000 ha	11	0,8	6.730	15,8
De 1000 a menos de 2500	06	0,5	8.972	21,1
TOTAL	1262	100,0	42.603	100,0

Fonte: IBGE, 2006.

Esse quadro, até então com poucas alterações, começa a sofrer mudanças, principalmente a partir de 2008, quando a execução das políticas públicas de reforma agrária passa a ser mais expressiva. É neste contexto que ganha relevo a multiplicação dos projetos de reordenamento territorial orientados pela chamada Reforma Agrária de Mercado⁴.

⁴ A Reforma Agrária de Mercado consiste em um modelo de compra e venda de terras, inserido na estratégia de alívio da pobreza rural do Banco Mundial, em que os vendedores são pagos à vista a preço de mercado, e os compradores, financiados pelo Estado, assumem integralmente o custo do imóvel (PEREIRA, 2004). Em linhas gerais, a Reforma Agrária de Mercado representa a transitoriedade das políticas públicas pela relação dialética do alívio das desigualdades e das tensões sociais no campo, com a integração ao cenário macroeconômico.

Entre as mudanças que atingiram a estrutura fundiária no município de Pocinhos desde o último censo agropecuário do IBGE em 2006, verifica-se que a maioria dos processos de redistribuição de terras ocorreu através do Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF). Contudo, a redistribuição de terras através da desapropriação de latifúndios improdutivos também se mostrou expressiva.

No que concerne à realização de projetos de reforma agrária via desapropriações, as movimentações na estrutura fundiária contaram com a desapropriação de uma área de 1715,7 ha, o que corresponde a 4% da área total. Esse processo se deu no contexto da criação de dois assentamentos rurais: o assentamento Primeiro de Maio, criado em 2010, e o assentamento Gravatá, criado em 2013. Juntos, esses assentamentos beneficiaram 38 famílias.

Em relação à reorganização da estrutura fundiária a partir da atuação do PNCF, nota-se um aumento tanto na quantidade da área abrangida quanto no número de novas propriedades criadas. A área compreendida pelos processos de compra e venda de terras foi de 2091,6 ha, o que equivale a 4,9% da área total. Esse processo resultou na criação de 91 novos estabelecimentos agropecuários, que possuem em média 20 ha, e que estão distribuídos entre quatro assentamentos: o assentamento Nova Canaã, o assentamento Nova Jerusalém, o assentamento Caibreras e o assentamento Pedro Inácio.

A partir dessas mudanças na estrutura fundiária, percebe-se que a reversibilidade das relações de produção a partir da emergência da avicultura de corte, revestiu a estrutura fundiária com novas lógicas de apropriação do espaço e de uso do território, que se diferenciam dos modelos herdados do processo histórico-formativo da propriedade da terra. Neste contexto, a relação do capital avícola com as alterações na estrutura fundiária se constrói, tanto pelo sentenciamento da desfuncionalização econômica do latifúndio, como pela necessidade de reprodução a partir da multiplicação dos espaços da produção.

Além desses desdobramentos na estrutura fundiária, a expansão do capital avícola também repercutiu nas relações sociais de produção, que passaram a se caracterizar pela sujeição da agricultura camponesa ao capital e pela intensificação da agricultura familiar. Neste cenário, o campo foi palco de transformações que envolveram a forma de reprodução do pequeno produtor familiar, que passou da situação de agricultor de subsistência para a situação de produtor rural integrado ao modo de produção capitalista.

A sujeição da agricultura camponesa se deu no âmbito da instalação das empresas avícolas, que a partir do estabelecimento de contratos de integração com os pequenos camponeses passaram a determinar o que seria produzido no campo e como seria produzido,

criando, assim, uma nova dimensão para a articulação entre esses sujeitos e o capital, que os inseriu em uma nova categoria social, a agricultura familiar.

Em outras palavras, esse processo reflete a apropriação da renda da terra pelo capital avícola e a emergência de uma sociabilidade ajustada as suas necessidades de reprodução. Para que a avicultura de corte viesse a se constituir como modo de produção dominante, o capital sujeitou a renda da terra a sua lógica de produção e de circulação, fazendo da agricultura familiar o caminho mais fácil para o estabelecimento da ordem produtiva responsável por gerar a renda da terra, que é extraída em forma de capital através do processo de circulação.

De acordo com Oliveira (2007), a renda da terra é expressa pela forma como as relações capitalistas de produção ou não capitalistas se estabelecem no sentido de obter renda. Segundo o autor, quando se trata das atividades agropecuárias, a renda da terra consiste no produto do trabalho excedente, ou seja, consiste na parcela do processo de trabalho que o trabalhador dá ao capitalista, além do trabalho necessário para adquirir os meios necessários à sua subsistência.

A renda da terra, nas tramas capitalistas atuais, é um dos componentes da mais-valia, sendo na soma total da arrecadação o valor acima do lucro imediato do produtor. Dessa forma, é extraída do produto produzido pelo produtor através da circulação, ou seja, no contexto das estratégias de agregação de valor que se constroem pelas trocas de mercadorias.

No limiar da sujeição da renda da terra a avicultura de corte, a agricultura familiar se colocou para o movimento do capital como um mecanismo capaz de absorver a regulação imposta ao território. Desse modo, foi a partir da centralidade do processo produtivo nas relações estabelecidas com a agricultura familiar, que o capital avícola buscou executar o conjunto de suas múltiplas determinações para realizar o seu processo de produção e de circulação de mercadorias.

Contudo, esse processo não ocorreu descolado das contradições que são inerentes ao modo capitalista de produção. Nessa direção, além do fato de ter sido responsável pela exclusão de inúmeros agricultores de sua lógica produtiva, já que nem todos tiveram condições de se integrar ao modo de produção avícola, a racionalidade produtiva da avicultura de corte configurou grandes assimetrias entre os produtores familiares e as empresas avícolas, o que resultou, entre outros aspectos, em uma relação permeada por desigualdades e subordinação.

Dessa forma, a subordinação do produtor familiar às imposições do modo de produção da avicultura de corte se dá por meio da preponderância da circulação na composição da renda

da terra, o que tem feito com que o capital avícola conduza as relações de integração com os produtores a partir da determinação de modelos técnicos e produtivos que atendem a sua necessidade de movimentação no ambiente competitivo demarcado por sua atuação. Diante desse quadro, a resistência do produtor familiar tem sido constrangida pela dependência de sua reprodução social e econômica das relações de produção estabelecidas com as empresas avícolas.

A partir dos rebatimentos da expansão do capital avícola, tanto na estrutura fundiária quanto nas relações sociais de produção, entendemos que a questão agrária no município de Pocinhos se apresenta como uma construção histórica-social permeada por novos e velhos elementos. A avicultura de corte foi responsável pela criação de um modelo agrário fundamentado em uma nova racionalidade de apropriação do espaço e de uso do território, em que os desequilíbrios socioterritoriais historicamente construídos não foram extintos, mas recriados dentro de uma nova lógica, cujo vetor principal de exclusão e de expropriação não é a terra propriamente dita, mas sim, os conteúdos técnicos e normativos que nela se instalam.

2.2- Evolução, reestruturação produtiva e expansão da avicultura de corte no Brasil

No que tange a evolução da avicultura de corte no Brasil, observa-se que até a década de 1960, a atividade apresentou pouca expressão econômica e esteve consubstanciada em um modelo de produção tradicional e familiar canalizado pelo consumo próprio e pela comercialização, em pequena escala, do excedente. Ainda na década de 1960, começa a se desenhar um cenário de modernização que tem como *locus*, principalmente, a região Sudeste, que passa a apoiar-se em um modelo de produção com grandes produtores independentes e autônomos em relação à indústria (COSTA; GARCIA; BRENE, 2015).

A década de 1960 foi importante para o desenvolvimento da avicultura de corte no Brasil, todavia, o grande salto da atividade ocorre a partir da década de 1970, com a implantação de um novo sistema de produção subordinado ao capital industrial e consubstanciado nos paradigmas tecnológicos. Nesse contexto de constantes e rápidas mudanças, ganha importância a forte drenagem de políticas públicas para o segmento, a introdução de pacotes tecnológicos e a espacialização concentrada do capital avícola nas regiões Sul e Sudeste, através da territorialização das principais plantas agroindustriais.

De acordo com Rodrigues et al (2014), no período que vai de 1970 até 1990, a evolução da avicultura de corte é marcada pelo processo de reestruturação produtiva⁵, que tem como principais expressões, a instalação de novas plantas produtivas, a criação de novas empresas processadoras e a modernização da densidade técnica. Todas essas medidas foram fundamentais para a consolidação do setor e para sua colocação favorável no contexto político e econômico que se instala na década de 1990, com a abertura econômica. Neste sentido, segundo Rodrigues et al (2014, p.1668):

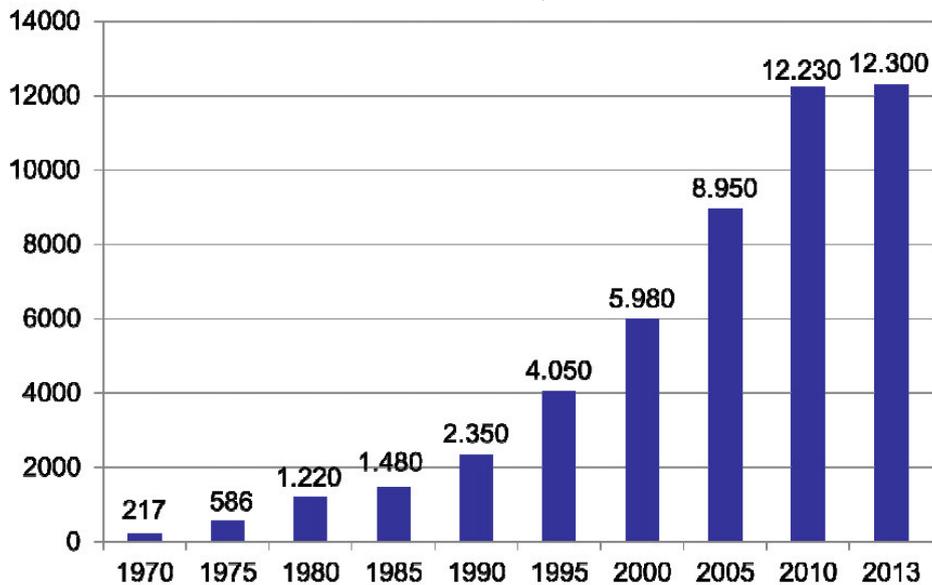
A abertura econômica proporcionou condições favoráveis aos setores agroindustriais, expondo-os à concorrência a nível mundial, obrigou as agroindústrias processadoras a redefinirem suas estratégias empresariais, assim como a reestruturação e reorganização da base agroindustrial da cadeia produtiva do frango.

Para Belusso e Hespanhol (2010), a década de 1990 se caracterizou pela exposição dos setores produtivos à competição internacional, o que para avicultura de corte significou a ampliação da eficiência forçada pela concorrência e pelas exigências do mercado externo. Neste contexto, ocorreu à intensificação da abertura de cadeias produtivas e a expansão das plantas produtivas existentes, em um processo que beneficiou os agentes e as empresas já consolidados nas décadas anteriores (BELUSSO; HESPANHOL, 2010).

Nestes termos, em crescimento desde a década de 1970, a produção de carne de frango chega à década de 1990 como um segmento significativo, que adquire ainda mais expressividade com a abertura econômica e com a participação no mercado externo. Esse quadro, conforme pode ser observado no gráfico 1, está representado pela elevação da produção entre as décadas de 1970 e 1990, e pelo considerável crescimento da produção a partir dos anos 1990.

⁵ “Se caracteriza pela redefinição das relações econômicas e sociais em determinado espaço e num certo período de tempo. A crise é sua principal alimentadora, ou seja, é com as crises que as reestruturações acontecem, com o intuito de permanência e sobrevivência do sistema capitalista, que se mantém articulado mundialmente, fenômeno presenciado com a atual globalização, muito bem expressada nos novos espaços seletivos no campo” (LIMA; VASCONCELOS; FREITAS, 2011, p.103).

Gráfico 1- Evolução da produção de carne de frango no Brasil (Milhões de toneladas)



Fonte: ABPA, 2014.

Conforme os dados expressos no gráfico 1, observamos que entre 1970 e 1990, a evolução da produção na avicultura de corte apresentou um desempenho satisfatório, dando um significativo salto de 217 milhões de toneladas para 2 milhões e 350 mil toneladas. Contudo, é a partir da década de 1990, que a produção passa a apresentar aumentos significativos até atingir, em 2013, o total de 12 milhões e 300 mil toneladas.

Na concepção de Rodrigues et al (2014), entre os fatores que explicam o crescimento e a eficiência adquirida por esta atividade a partir da década de 1990, está a intensificação dos investimentos em tecnologias para o processo produtivo, o que tem a ver com a ampliação da reestruturação produtiva no setor a partir deste período.

De acordo com Elias e Pequeno (2007), esse processo de reestruturação produtiva, que tem atingindo diversas atividades da agropecuária brasileira desde a década de 1970, remonta às novas possibilidades técnicas e normativas eclodidas com a globalização. Assim, trata-se, fundamentalmente, da inserção de procedimentos e métodos científicos para realização das atividades, o que tem resultado no aumento da produtividade e na redução dos custos da produção.

Nestas condições, os importantes progressos técnicos têm sido determinantes para imprimir complexas inovações às forças produtivas, contribuindo, assim, para modernização e a expansão dos sistemas produtivos. Segundo Elias (2005, p. 4476-4477):

A reestruturação da agropecuária se deu com um amplo emprego de máquinas, insumos químicos e biotecnológicos fornecidos pela atividade industrial, provocando notáveis metamorfoses nas relações sociais de produção e acarretando metamorfoses na divisão social e territorial do trabalho agropecuário. A rentabilidade do capital, exigida pela economia globalizada, induziu a existência de formas mais eficazes de produção, transformando radicalmente as forças produtivas da agropecuária, visto que seus conjuntos técnicos anteriormente hegemônicos não condiziam com a racionalidade vigente no período tecnológico.

A reestruturação produtiva ocorre em resposta aos impulsos da racionalidade do capital no período de globalização, que a partir da relação agropecuária-indústria clarificou os caminhos necessários para obter maior crescimento e acumulação. Em face dessa nova realidade, as principais orientações do progresso tecnológico para agropecuária, se deram no sentido de controlar o ciclo biológico das plantas e animais, e de diminuir a dependência dos fatores e insumos naturais (ELIAS, 2005).

Diante desse quadro, a avicultura de corte, um dos mais importantes segmentos do agronegócio brasileiro, experimentou redefinições comerciais e produtivas que envolvem o consumo, os aspectos tecnológicos e a sua participação no comércio internacional (BELUSSO; HESPANHOL, 2010).

Na perspectiva de Mizusaki (2007), a reestruturação produtiva na avicultura de corte foi intensa, contínua e irregular. Nesses termos, na medida em que a atividade tem passado por profundas transformações, tornando-se cada vez mais intensiva em inovações tecnológicas, mais seletiva se torna a respeito dos agentes envolvidos e dos territórios escolhidos.

Dessa forma, a reestruturação produtiva da avicultura de corte não pode ser vista como um processo unilateral, pois mais do que a expansão do capital e da indústria no campo, reflete os descompassos e os tempos desiguais existentes entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento social (MIZUSUKI, 2007).

Para Elias (2005), de forma geral, a reestruturação produtiva na agropecuária privilegiou áreas, produtos e segmentos sociais, acarretando profundos impactos sociais e territoriais. De tal modo, ao se tornarem altamente dependentes do processo técnico-científico e da base industrial, as atividades agropecuárias passaram a privilegiar agentes e territórios que concentram o capital, o que fez dos grandes e médios produtores os principais difusores da agropecuária moderna.

Para Garcia (2009), se tratando da avicultura de corte, a reestruturação produtiva foi responsável por um conjunto de inovações técnicas, genéticas e sanitárias que elevaram a

produtividade e reduziram consideravelmente os custos da produção. Neste cenário, segundo o autor, chama atenção à adoção de estratégias locacionais que resultaram na expansão das plantas agroindústrias para outras áreas do País, e que marcam um novo estágio do processo evolutivo da atividade.

Neste novo estágio evolutivo da avicultura de corte, o aprimoramento e a expansão do processo de integração vertical, que consiste numa relação de parceria entre agroindústria (empresas processadoras) e produtor rural, que desde então, vem rendendo bons resultados para atividade (VIEIRA; DIAS, 2005), tem contribuído para que ela se torne um símbolo da territorialização ampliada do capital agroindustrial.

A consolidação do sistema de integração vertical possibilitou a expansão da avicultura para diversas áreas do Brasil, em um processo que passou a relacionar as dinâmicas dos espaços rurais às demandas comerciais e produtivas do setor (BELUSSO; HEPANHOL, 2010). Neste sentido, a incorporação de novos territórios pela escala de produção da avicultura de corte, passou a se processar de acordo com vantagens competitivas e fatores locacionais que dão segurança a elevação dos níveis de produtividade e competitividade, e que contribuem para a seletividade espacial e a especialização territorial.

A expansão da atividade pelo território nacional está relacionada a uma conjuntura que inclui política agrícola, acesso aos mercados consumidores, aptidão dos produtores, condições de transporte e, disponibilidade de matérias-primas indispensáveis à produção de frangos: o milho e a soja (BELUSSO; HESPANHOL, 2010). Conforme esses aspectos, fortemente concentrada nas regiões Sul e Sudeste do País, a avicultura de corte tem se expandido pelo território nacional de forma estratégica, se direcionado, principalmente, para a região Centro-Oeste e, em menor expressão, para a região Nordeste.

Para França e Fernandes Filho (2003), a expansão da avicultura de corte para o Centro-Oeste é resultado do aproveitamento dos principais insumos de sua produção, a soja e o milho, e do forte apoio de políticas públicas. Neste cenário, tem predominado na região os grandes sistemas de integração coordenados por agroindústrias líderes do setor no País, que estrategicamente vem se deslocando para esse território em busca de vantagens competitivas.

De acordo com Espíndola (2002), a expansão dos sistemas de produção da avicultura para a região Centro-Oeste consiste em uma medida que visa ampliar a capacidade produtiva e elevar ainda mais os resultados da atividade. Neste sentido, a realocação das plantas industriais, ao orienta-se pela disposição espacial dos insumos e pelo favorecimento de círculos de cooperação com o poder público, tem como objetivo maior a redução de custos e a aquisição de recursos.

Os circuitos produtivos da avicultura de corte especializados na região Centro-Oeste se caracterizam pela modernização da densidade técnica e por níveis elevados de produtividade. Esse quadro está relacionado à presença de grandes plantas agroindustriais, que desenvolvem circuitos altamente influenciados pelo capital industrial e pelos vetores técnicos, científicos e informacionais. De acordo com os dados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), em 2015, a produção brasileira de carne de frango foi de 13,14 milhões de toneladas. A região Centro-Oeste, através das indústrias processadoras, foi responsável por 16,62 % dos abates, ficando atrás apenas da região Sul (62,83%) e da região Sudeste (16,97%).

Com uma densidade técnica menos elevada, a região Nordeste também vem se destacando como um território estratégico para expansão da avicultura de corte. Segundo Evangelista, Nogueira Filho e Oliveira (2008) a difusão dos sistemas produtivos avícolas na região deve-se ao fato da avicultura, além de estar buscando a aproximação com os espaços fornecedores de matérias-primas, está se movimentando no espaço em busca de aproximação com as regiões consumidoras.

Em direção à região Nordeste, a expansão da avicultura de corte passa a se configurar como uma importante manobra, que visa aliar a necessidade de abastecimento do mercado consumidor interno à aptidão dos produtores. Nestes termos, mesmo não concentrando os principais circuitos superiores do agronegócio da avicultura de corte e sendo responsável por apenas 9% da produção nacional de carne de frango, a difusão da atividade na região Nordeste é estratégica no que se refere ao abastecimento do mercado interno.

Dessa forma, o potencial produtivo e um mercado interno em expansão configuram perspectivas concretas de crescimento para a atividade no Nordeste. No entanto, embora sejam estes aspectos positivos relevantes à expansão da avicultura de corte na região, de acordo com Brasil e Barbosa Filho (2012, p. 01) alguns fatores resultam em vulnerabilidades para o seu desenvolvimento:

Mesmo com um vasto mercado consumidor os produtores da região Nordeste tem que superar diversos obstáculos que muitas vezes atrapalham o crescimento produtivo na região, como, por exemplo, as longas distâncias que os insumos (principalmente soja e milho) têm que percorrer para chegar às granjas, o que encarece o produto final e acaba inviabilizando maiores investimentos ao longo da cadeia produtiva. Outro fator que interfere no crescimento da avicultura nordestina é a carência de estudos específicos para a região, principalmente no que diz respeito às pesquisas voltadas a questão da ambiência e da padronização das instalações, que variam muito, entre e dentro das propriedades, inviabilizando assim a adoção de práticas e manejos que diminuam as perdas dos processos produtivos.

Conforme esse raciocínio, pesa contra o desenvolvimento da avicultura de corte no Nordeste, a dificuldade de implementação de estratégias inovativas no âmbito organizacional e produtivo que venham a elevar a competitividade e a promover a conquista de maiores fatias do mercado consumidor. Assim, tornam-se necessários maiores investimentos em competências técnicas, que possam gerar similaridades no processo produtivo e organizacional, para que a difusão tecnológica que ocorre no setor em nível nacional tenha o mesmo rebatimento nessa região.

De acordo com Evangelista, Nogueira Filho e Oliveira (2008), na região Nordeste a avicultura de corte está fortemente concentrada em três estados: Pernambuco, Bahia e Ceará. Segundo esses autores, quando se refere ao criatório comercial, o Nordeste contava, em 2005, com 2,2 milhões de matrizes de corte, sendo Pernambuco o estado com maior plantel (1 milhão de cabeças), seguido pela Bahia (533 mil cabeças) e pelo Ceará (442 mil cabeças).

Ao longo dos últimos anos, a difusão da avicultura de corte no Nordeste seguiu concentrada nesses três estados, o que está relacionado a uma das estratégias de espacialização dos novos projetos da atividade, que busca territorializar-se, preferencialmente, em regiões em que haja uma base técnica já consolidada e uma maior disposição de médios e grandes produtores interessados em participar do processo de integração.

Neste sentido, o que acontece no Nordeste corresponde, na verdade, a uma tendência que também se repete na avicultura nacional, ou seja, uma reespecialização concentrada da produção de frangos de corte, o que gera, conseqüentemente, desigualdades regionais e locais.

Contudo, da mesma forma como determinados fatores, a exemplo do aumento do consumo externo e interno, impulsionaram a expansão da atividade para outras regiões do Brasil, no Nordeste, além do tridente Bahia-Pernambuco-Ceará, o estado da Paraíba vem apresentando um desempenho expressivo, sendo o quarto maior produtor de carne de frangos da região.

A inserção da Paraíba na avicultura de corte é estratégica na cena regional. Localizado no entreposto dos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, o estado possui uma importância geográfica que vai desde a articulação dos mercados até o aproveitamento da similaridade de variáveis (ambientais, mercadológicas, etc.) apresentadas em relação às áreas de produção dos principais estados produtores da região Nordeste.

Em 2013, o estado da Paraíba possuía um plantel avícola de 11.214.620 cabeças, sendo o décimo quinto maior rebanho do Brasil, e o quarto maior na região Nordeste (IBGE, 2013). Em relação ao ano de 2005, constatou-se um aumento de 82%, justificado, sobretudo,

pela implementação de novos estabelecimentos e pela ampliação da capacidade instalada de granjas de avicultura de corte. Com relação à quantidade de frangos abatidos, no primeiro trimestre de 2015, foram abatidas na Paraíba 5.111.656 cabeças, enquanto que os três principais estados produtores da região (Bahia, Pernambuco e Ceará), abateram, respectivamente, 22.055.063, 14.669.692, e 6.083.990 (IBGE, 2015).

No comparativo com o mesmo período do ano de 2014, a Paraíba apresentou uma diminuição de 10% na quantidade de abates, o que também se repetiu, com exceção do estado do Ceará que apresentou crescimento de 26,6%, nos estados da Bahia (-4,0%) e de Pernambuco (-1,2%).

Esse declínio está relacionado, provavelmente, à instabilidade política e econômica que se firmou no País nesse período, e que refletiu não só na avicultura nordestina, mas também na nacional, que, embora tenha apresentado um crescimento de 2,3%, assistiu a redução na quantidade de abates em estados importantes para o setor, como São Paulo (-0,3%), Rio Grande do Sul (-1,9%) e Santa Catarina (-2,0%).

Na Paraíba, esse intervalo de tempo coincidiu com a chegada da Agroindústria Cialne, que junto com a Guaraves⁶, passou a ser uma das principais empresas em atuação no estado. A chegada da Cialne na Paraíba ocorre a partir da apropriação do circuito espacial produtivo coordenado pela Azeven, empresa de pequeno porte que polarizava pequenas frações regionais do território paraibano.

A importância da chegada da Cialne na Paraíba no contexto da expansão e consolidação da avicultura de corte no estado, se dá pela incorporação de novos elementos, a exemplo da instituição da racionalidade do capital industrial, que promoveram a difusão de novas dinâmicas e novas configurações para o desempenho da atividade. Dessa forma, trata-se, antes de tudo, da exposição da avicultura de corte paraibana a novas estratégias competitivas, que na prática correspondem à vetores de redefinições produtivas e organizacionais, e que marcam a emergência de um novo cenário para atividade no estado.

⁶ A Guaraves é uma empresa genuinamente paraibana fundada em 1978, na cidade de Guarabira-PB pelo empresário Ivanildo Coutinho. Contando atualmente com 2000 funcionários, possui unidades de produção e comercialização espalhadas por três outros estados do Nordeste: Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí (GUARAVES, 2016). Dez anos após sua fundação, a empresa começou apresentar um crescimento significativo que foi consubstanciado pela adoção do sistema das parcerias avícolas o que permitiu aumentar a produção a partir do uso da infraestrutura de terceiros, e também, segundo a empresa, uma maneira de estímulo à avicultura familiar. Com uma área de produção menor do que a Cialne, a Guaraves comanda um dos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte no município de Pocinhos, que possui ainda outros circuitos com menores extensões, densidades e complexidades, conduzidos por pequenas empresas de Pernambuco, a exemplo da empresa Frango Dourado, e por pequenos produtores independentes.

2.3- A configuração dos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte

No Brasil, os pilares centrais do rápido crescimento da avicultura de corte se inscrevem em um contexto de mudanças representado, entre outros aspectos, pela abertura e a globalização dos mercados (ARAÚJO et al 2008). A aproximação com a escala global não significou apenas a ampliação dos mercados consumidores, mas, também, uma nova fase de desenvolvimento marcada pelo predomínio de uma racionalidade técnica, normativa e organizacional pautada nos parâmetros globais.

De forma genérica, as dimensões desse processo, que envolve, sobretudo, a disseminação de inovações técnicas nos sistemas de produção, o melhoramento genético das espécies e novas formas de organização do sistema produtivo, se deram em nível econômico, social e territorial. No âmbito econômico, as inovações de ordem técnica e no campo da genética repercutiram principalmente na redução dos custos da produção, o que elevou os índices de produtividade e os níveis de competitividade.

Em termos sociais, o padrão técnico atingido pela avicultura de corte surtiu efeito na organização das relações estabelecidas com os produtores rurais e na composição da mão-de-obra empregada na produção. Neste sentido, os principais impactos envolvem desde a tendência à exclusão dos pequenos produtores do processo produtivo em favor do crescimento dos grandes e médios produtores rurais, até a redução de postos de trabalho nas unidades produtivas em função do alto grau de automação.

No que tange as suas dimensões territoriais, as inovações que atingiram o setor avícola corroboraram para a dissociação geográfica das etapas produtivas. Essa redistribuição espacial se explica, em parte, pela rápida e contínua absorção de tecnologia pelos sistemas produtivos, que entre outros aspectos, passaram a se caracterizar pela dependência reduzida e, em alguns casos, até inexistente dos fatores ambientais, o que tornou viável a sua expansão para diversas áreas. Soma-se a isso, o melhoramento e a ampliação das redes materiais e imateriais no País, o que favoreceu a circulação de produtos, as interações espaciais e as relações entre os agentes. No plano organizacional, ganha relevo a dinâmica dos sistemas de produção integrada, que tem contribuído para a difusão territorial da atividade a partir da consolidação da atuação verticalizada de empresas e agroindústrias, que através de estruturas produtivas cada vez mais dinâmicas, passaram a envolver diversos agentes e diferentes territórios em uma grande rede de articulações.

Na avicultura de corte brasileira, os sistemas de produção têm se organizado em torno de três modelos, a saber: o sistema de integração, o sistema cooperativo e o sistema

independente. No sistema de integração, o processo de produção de frangos de corte ocorre por meio da parceria firmada entre empresas e/ou agroindústrias e produtores rurais. Neste sistema, todo o processo produtivo é coordenado por uma única empresa, que fornece os pintos de um dia, os insumos alimentares e químicos, e toda assistência técnica necessária. Em linhas gerais, esse modelo se caracteriza pela externalização da etapa de criação e engorda dos frangos, que fica sob a responsabilidade dos produtores rurais, porém, sob o controle direto da integradora. No sistema cooperativo, o criador tem participação direta na organização e nas decisões do processo produtivo, sendo o responsável imediato por possíveis prejuízos na produção e nas transações. Já no sistema independente, o produtor rural é responsável por todo o processo de produção do frango de corte, ficando a cargo de suas decisões todas as atividades que envolvem a criação e a engorda dos frangos, como a aquisição dos pintos de um dia, a compra dos insumos, a assistência técnica e veterinária, etc.

Considerando a existência desses três modelos de produção, é válido ressaltar que a discussão que aqui se encaminha entorno da configuração dos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte, está sendo conduzida a partir da trama de relações que se estabelece no âmbito dos sistemas de integração, já que este é o modelo que rege o circuito espacial produtivo aqui estudado.

Em um momento histórico em que a racionalidade que preside o movimento geral da produção está voltada para o alargamento dos contextos produtivos e para expansão da escala da circulação, os sistemas de integração da avicultura de corte ganham destaque pela capacidade elevada de estruturação e coordenação das etapas produtivas. A eficiência desse modelo se constrói a partir de interações específicas organizadas entorno da convergência de um escopo técnico-organizacional, pelo qual as empresas e/ou agroindústrias coordenadoras buscam disseminar os padrões técnicos desejados e ampliar a escala de atuação.

A ampliação da escala de atuação é conduzida pela expansão das fronteiras geográficas da produção, da circulação e da distribuição, e marcada pela forma estratégica com que as integradoras percorrem o espaço geográfico, selecionando áreas para produzir, para processar e para consumir. Desse modo, a busca por novos espaços é conduzida pelas dinâmicas dos territórios e pelas vantagens competitivas que emergem da apropriação e da dominação de determinadas frações regionais e setoriais do mercado consumidor interno e externo.

Para Espíndola (2012), vem se encaminhando já há algumas décadas um processo de reorganização espacial das atividades, que muito tem a ver com o rebatimento estrutural das tecnologias. Essa reorganização, segundo o autor, envolve de forma simplória, o fato de certas

áreas do espaço geográfico poderem destinar-se a produzir, outras a processar e outras a consumir, assim como, novas áreas podem ser incorporadas a qualquer momento aos circuitos produtivos.

Contudo, se por um lado à avicultura de corte tem se desenvolvido a cabo de uma reorganização espacial que marca a sua expansão para diversas áreas do Brasil, por outro tem se caracterizado por um violento processo de exclusão social e territorial (SORJ, POMPERMAYER; CORADINI, 2008). Neste sentido, se intensifica a divisão social e territorial do trabalho e ganha centralidade a seletividade com que produtores e territórios são chamados a participar do sistema de produção integrada.

A busca contínua pela ampliação da escala de produção e do espaço de circulação tem sido dirigida pela prescrição de redes materiais e imateriais, e pela disposição de objetos técnicos que permitam a ação articulada dos agentes (BONTEMPO; SPOSITO, 2012), e o ajustamento do movimento geral da produção a cada cena concorrencial pretendida. Neste contexto, fica evidente que a rede de articulações interdependentes projetadas pela totalidade do processo produtivo da avicultura de corte percorre o espaço de forma diferente, se apropriando e formatando os usos do território de acordo com a racionalidade dos agentes hegemônicos.

Por estas razões e por outras, é preciso considerar a dimensão espacial e territorial do processo produtivo da avicultura de corte, uma vez que é no espaço indivisível diante do processo de acumulação (SANTOS, 1985) que se acomodam e se redefinem os objetos técnicos e as redes materiais e imateriais que servem ao movimento da produção, e é no território onde se dá a dimensão única e socialmente construída dos fragmentos desse processo e de todas as relações que os unem.

No âmbito teórico-analítico dos circuitos espaciais produtivos, o estudo da rede de interdependências do sistema de produção integrada da avicultura de corte ocorre a partir das relações e interações construídas entre os diversos agentes e territórios, que se entrelaçam pela realização das instâncias produtivas (produção, circulação, distribuição e consumo).

A análise conjunta dessas instâncias produtivas fundamenta-se na concepção do espaço como unidade, ou seja, como a reunião de fluxos e de fixos que não devem ser analisados isoladamente, mas no contexto das relações e interações que os animam e lhes dão significado. Assim, o movimento da totalidade é quem define os usos do território, que passam a ser geridos por atividades que, dotadas de intencionalidades especificadas pela racionalidade hegemônica, fundamentam a produção do território a partir de um processo de inseparabilidade dos fixos e dos fluxos.

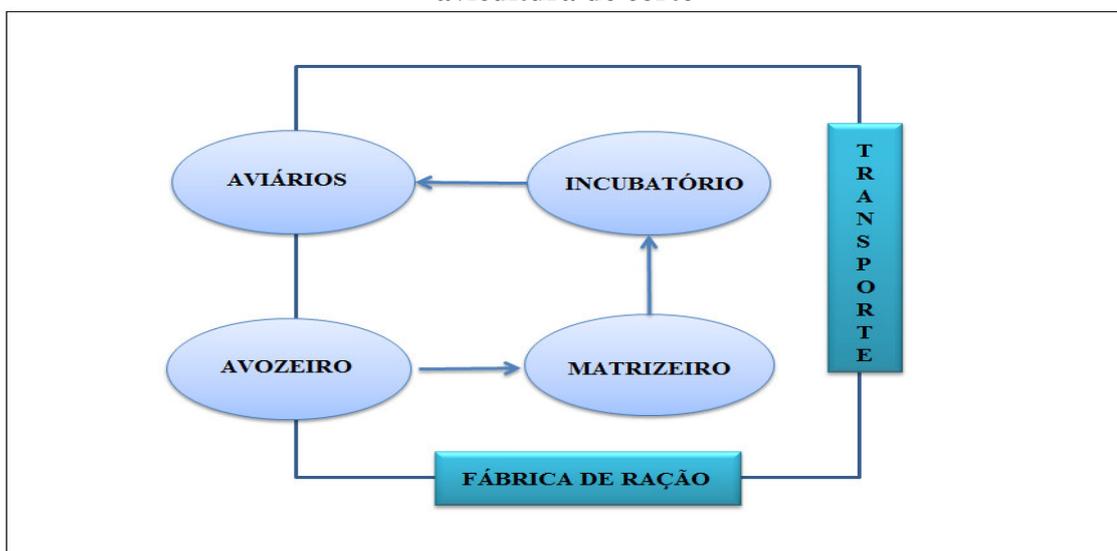
Neste contexto, é a totalidade – a realidade em sua integridade – que explica as partes (SANTOS, 2006), mas é através das partes que se compreende a totalidade. Entendendo dessa forma, as instâncias produtivas correspondem às partes de uma mesma totalidade, o circuito espacial produtivo, e, conseqüentemente, aos instrumentos necessários para o entendimento das diferentes formas de estruturação, funcionamento e articulação dos territórios entorno de uma lógica produtiva.

- *A instância da produção*

A primeira instância dos circuitos espaciais produtivos, a etapa em que se realiza a produção propriamente dita, diz respeito ao processo de transformação de uma matéria-prima qualquer no produto a ser distribuído e comercializado. Esta etapa é responsável por inferir as referências espaciais do arranjo produtivo, fazendo do território onde se realiza a escala de atuação de ações e objetos que agem como normas de uso para os sistemas locais.

Nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte essa instância corresponde à etapa da produção agropecuária, que é de onde parte a matéria-prima necessária, o frango de corte, para composição do produto final a ser distribuído e comercializado. No âmbito dos sistemas de integração, a etapa da produção agropecuária é representada pela figura dos aviários e composta por todas as demais fases que envolvem a geração e criação do frango de corte. Conforme explicitado na figura 2, às fases que compõem a etapa da produção são: avozeiros; matrizeiros; incubatórios e aviários.

Figura 2: As fases da etapa da produção nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte



Elaborado pela autora.

Conforme podemos observar na figura 2, a primeira fase da etapa da produção é o avoeiro. Nesta fase ocorre a criação das galinhas avós, que se originam a partir da aquisição de material genético junto às empresas especializadas no desenvolvimento e na comercialização de linhagens de aves. É nos avoieiros que ocorrem os cruzamentos que dão origem às matrizes, as galinhas “mães” do frango de corte, que configuram a segunda fase da etapa da produção.

A fase dos matrizeiros, a segunda da etapa da produção, consiste no criatório das galinhas responsáveis pela geração dos ovos que dão origem aos frangos de corte. Os ovos gerados nos matrizeiros seguem para a próxima fase da produção, o incubatório, o qual tem a função de chocar os ovos que irão gerar os pintos de frangos de corte.

Da fase de incubação, os pintos de corte com um dia de vida seguem direto para os aviários, a última fase da etapa da produção. Nos aviários ocorre a criação e engorda dos frangos de corte, que ficam confinados por um período que dura em média 45 dias. Esta fase da etapa da produção se caracteriza pelos contratos de integração entre empresas avícolas e/ou agroindústrias (integradoras) e produtores rurais (integrados).

No que concerne à configuração territorial, a instância da produção se expressa por meio de arranjos dinâmicos que se fazem presentes em diversas áreas do Brasil. Neste cenário, as fases avoieiro, matrizeiro e incubatório apresentam uma territorialização mais concentrada, pois, como geralmente pertencem às integradoras, tendem a acompanhar as suas localizações espaciais, que estrategicamente se concentram em territórios mais bem equipados pelos conteúdos técnicos, científicos e informacionais. Porém, quando se trata da territorialização da fase de criação e engorda, os aviários, esse processo é dinamizado pela multiplicação dos agentes que passam a fazer parte do circuito de produção através do sistema de integração. Nesta cena, os aviários se expandem por territórios diversos, que são apropriados em função das vantagens e oportunidades que podem oferecer para realização do processo produtivo.

- *A instância da circulação e da distribuição*

No atual período, a reorganização do padrão de produção é conduzida pela exigência de fluidez para a circulação, seja de pessoas, mercadorias, capitais, informações ou normas. Para Santos (2006), a fluidez contemporânea tornou-se imperativa para a consolidação de aspectos competitivos, de modo que não basta apenas produzir, é indispensável por a produção em movimento. Nestes termos, a produção passa a ser subordinada diretamente pela

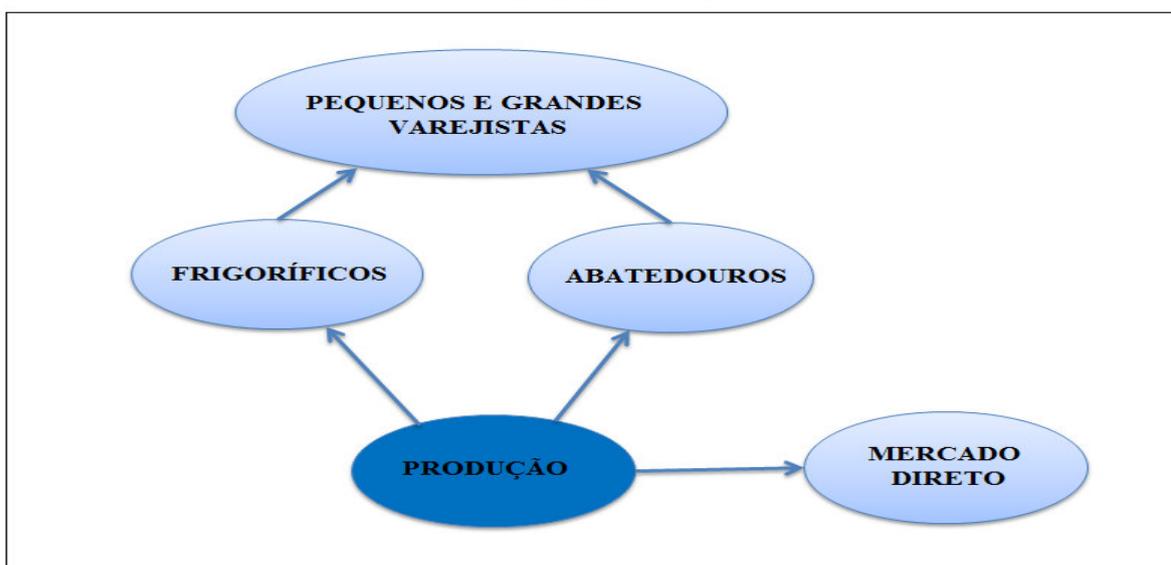
circulação, que passa a determinar os usos do território a partir das possibilidades de conexões entre o local de produção e do consumo, ou seja, pela necessidade de estruturar a distribuição dos produtos.

Na visão de Fonseca (2012), na medida em que se elevam os conteúdos técnicos, científicos e informacionais em um meio geográfico a aceleração dos fluxos é maior, e a capacidade de circulação favorece a territorialização de diversas modalidades e etapas da produção. Desse modo, a densidade das redes técnicas materiais e imateriais se configura como um fator decisivo para a configuração territorial dos circuitos espaciais produtivos, uma vez que a circulação tornou-se um elemento intrínseco e indissociável aos processos produtivos (FONSECA, 2012).

Nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte, a circulação se evidencia a partir da instância de distribuição, que tem início no momento em que os frangos de corte deixam os aviários e seguem para os abatedouros e frigoríficos. A estruturação dos canais de distribuição está diretamente relacionada com o poder e com a extensão da coordenação dos agentes hegemônicos, o que implicará no tipo e no número de agentes envolvidos.

Em linhas gerais, a instância da distribuição (Figura 3), envolve as atividades de transformação da matéria-prima, o frango de corte, nos produtos a serem comercializados. O processo de distribuição nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte se dá através de pelo menos três canais: a venda direta ao mercado, os abatedouros e os frigoríficos.

Figura 3- As fases da etapa da distribuição nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte



Elaborado pela autora.

A distribuição do frango de corte diretamente para o mercado se caracteriza pela comercialização do frango ainda vivo, que sai diretamente dos aviários onde são produzidos para as mãos de pequenos comerciantes. Neste caso, o produto final é o próprio frango. Já a partir da distribuição com os frigoríficos e com os abatedouros, os frangos de corte consistem na matéria-prima a ser processada e transformada em produto final (congelados, cortes, empanados, linguiças, etc.). Através da distribuição com os frigoríficos e com os abatedouros, surge a figura do varejista, tanto o pequeno como o grande. Assim, entre esses agentes que também participam da circulação e da distribuição, podemos observar desde a presença das grandes redes de supermercado, até pequenos comerciantes, feirantes, açougueiros, etc.

Em termos territoriais, cada um dos canais de distribuição possui localizações e dimensões espaciais com características próprias, que servem a fluidez da circulação em diferentes proporções. Os frigoríficos e abatedouros possuem uma localização concentrada, que segue o posicionamento geográfico das grandes plantas agroindustriais e a disposição de redes de transportes e telecomunicações eficientes e diversificadas. Na medida em que estão espacialmente concentrados em territórios mais bem equipados pelas redes técnicas materiais e imateriais, os frigoríficos e abatedouros são os canais de distribuição com o maior poder de circulação, alcançado desde os mercados nacionais até os mercados internacionais.

Quanto ao canal de distribuição que envolve a venda do frango diretamente ao mercado, a sua configuração territorial está associada à apropriação de um espaço de fluxos mais próximo das unidades de produção agropecuária. Nestes termos, a circulação e a distribuição do produto (neste caso, o frango vivo), ocorrem nos próprios municípios em que a produção se realiza e nas suas adjacências.

A escolha do canal, ou dos canais, de circulação e de distribuição utilizados pelos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte para fluir a produção, vai depender das condições técnicas, econômicas e competitivas de cada agente hegemônico, que ao definirem as parcelas do mercado a serem apropriadas, decidem também sobre as formas de aproximação entre a produção e a última instância do circuito, o consumo.

- *A instância do consumo*

O alto desempenho do mercado consumidor da avicultura de corte brasileira está relacionado, de forma geral, a fatores que elevaram a produtividade e a competitividade do setor. Esses fatores, que envolveram a reestruturação e reorganização da base produtiva,

foram responsáveis pela ampliação do mercado consumidor tanto pelo crescimento do mercado interno quanto pela expansão do comércio externo.

O crescimento do mercado interno deve-se ao aumento do consumo que se elevou, principalmente, pela oferta de produtos diversificados e de qualidade, e pela estabilização e acessibilidade dos preços do frango e de seus derivados, sobretudo quando comparado a outras carnes, a exemplo da bovina e suína (RIZZI, 1993; FARINA, 1995). Já no que se refere à expansão das exportações e a ampliação da participação no mercado externo, podemos destacar como aspectos propulsores os consecutivos saltos produtivos e o nível de excelência em genética, tecnologia e manejo que garantiram um controle rígido de condições sanitárias e a adaptação gradativa à outras regras do padrão normativo internacional.

Entre os mercados internos e externos, o desempenho dos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte em relação à instância do consumo, passou a ser medido pela forma como ocorre à apropriação de frações locais, regionais ou globais do mercado. Neste cenário, o que define os tipos e as dimensões das conexões entre a etapa de distribuição e os mercados consumidores são as características técnicas, normativas e organizacionais de cada circuito espacial produtivo. São essas características particulares, que determinam a capacidade de cada circuito produtivo de por a produção em movimento.

Além do alcance espacial variável, a instância do consumo nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte se caracteriza ainda pela diversificação dos produtos comercializados. Neste sentido, os circuitos produtivos podem ser discriminados a partir da atuação especializada em determinados segmentos (cortes de frango, frango inteiro e industrializados), ou pela atuação em todos esses segmentos.

Portanto, em linhas gerais, a instância do consumo representa a extensão da dinâmica de todo o circuito espacial produtivo, que durante todo o processo de produção, circulação e distribuição é guiado por uma racionalidade competitiva que determina as formas de atuação no território e os meios de dominação do mercado.

2.3.1- Os círculos de cooperação que compõem os circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte

Na medida em que as etapas do processo produtivo tornaram-se geograficamente dispersas, as necessidades de complementação entre os lugares aumentaram (TOLEDO; CASTILLO, 2008). Neste sentido, a mobilidade geográfica dos circuitos espaciais produtivos

como condição de desenvolvimento no capitalismo atual, não seria possível sem as etapas imateriais que dão suporte ao movimento da produção.

Para Silveira (2010), dividir as etapas técnicas da produção e abarcar as diferentes regiões do país é uma tarefa que demanda mecanismos de unificação, ou seja, que demanda o estabelecimento de círculos de cooperação capazes de cingir o território através de ordens, informações, propaganda, dinheiro e outros instrumentos financeiros. Dessa forma, perante a constante reorganização espacial das estruturas produtivas, são os círculos de cooperação que fazem o espaço indivisível diante do processo de acumulação.

Nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte, a manifesta dissociação geográfica das etapas produtivas é marcada por uma série de articulações dentro dos círculos de cooperação. Assim, podemos distinguir pelo menos três círculos de cooperação fundamentais que se colocam a partir de conteúdos organizacionais diferentes. O primeiro círculo se desenvolve através das interações entre os agentes e territórios diretamente envolvidos na realização das etapas do processo produtivo. O segundo círculo é tecido pelos fluxos imateriais estabelecidos entre as etapas produtivas do circuito e os segmentos que dão suporte ao processo produtivo. Já o terceiro círculo, se alarga no âmbito das cooperações entre o circuito espacial produtivo e os poderes públicos federal, estadual e municipal.

O círculo que coopera nos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte para articulação das etapas produtivas, envolve todos os agentes inseridos nas instâncias da produção, circulação, distribuição e consumo. Desse modo, é composto pelas integradoras; produtores rurais; frigoríficos; abatedouros; supermercados; comerciantes, entre outros.

Na instância da produção, a cooperação tem como principais sujeitos os produtores rurais e as integradoras, e os fluxos imateriais tratam de garantir os níveis de organização e operabilidade necessários ao funcionamento dos aviários e a eficiência do sistema de integração. A natureza desses fluxos tem a ver com a transferência de ordens, informações e capitais do centro de decisões das integradoras para as unidades de produção agropecuária, que podem estar localizadas em diferentes e diversos territórios.

No que diz respeito às instâncias de circulação, distribuição e consumo, os círculos de cooperação se põem em exercício através de fluxos que servem a estruturação das articulações entre os locais de produção e de destino dos produtos. Os principais laços se estabelecem entre as integradoras e os diversos agentes responsáveis pela circulação e distribuição (frigoríficos, abatedouros, supermercados, comerciantes varejistas, entre outros), e favorecem a disseminação de capitais e informações, que influenciam os objetivos da produção, a exemplo de referências de preços, oscilações do mercado, períodos de recessão, etc.

Com relação às cooperações que se projetam no círculo das interações entre o circuito espacial produtivo da avicultura de corte e os segmentos que dão suporte ao seu funcionamento, os principais sujeitos a interagirem com as integradoras são os centros de pesquisas genéticas, os fornecedores de grãos (milho e soja), os fornecedores de equipamentos, os fornecedores de insumos químicos e o setor de embalagens (para os circuitos que também dominam o setor de processamento).

Esse círculo de cooperação é de fundamental importância, afinal guarda relações estreitas com os aspectos genéticos, alimentares, técnicos e sanitários dos circuitos produtivos. O sistema de produção que, parte de pesquisas de desenvolvimento e seleção genética, estabelece relações cada vez mais estreitas com os centros e instituições de pesquisas. Nesta cena, a relação material que envolve a produção e aquisição de produtos genéticos, é intermediada por fluxos imateriais de alcance nacional e global que atendem a circulação de conhecimento, informações e capitais. A cooperação entre as integradoras e as instituições de pesquisas teve rebatimentos diretos no crescimento e desenvolvimento da avicultura de corte, que através de espécies geneticamente melhoradas passou a obter diversas vantagens, a exemplo de uma melhor conversão alimentar, de mais resistência a riscos sanitários e de menos dependência em termos de ambiência.

No que concerne à cooperação que compreende o relacionamento entre as integradoras e os fornecedores de insumos alimentares, sobretudo, milho e soja, os fluxos tem como bases materiais a oferta de matérias-primas para fabricação de rações. Os agentes envolvidos são as integradoras e os produtores agrícolas fornecedores de grãos. Estruturados a partir de informações, acordos e capitais, os círculos de cooperação estabelecidos com esse setor são de suma importância para o circuito produtivo, uma vez que os insumos possuem um peso grande nos custos de produção, e a eficácia da cooperação estabelecida pode trazer vantagens que repercutem em todas as etapas da produção, chegando até a instância final, o consumo.

Com os fornecedores de equipamentos, a cooperação se estabelece com empresas que desenvolvem e produzem instrumentos técnicos para as unidades de produção avícola. Ao curso de sua evolução, a avicultura de corte experimentou vultosos avanços técnicos que contribuíram para o desenvolvimento de modelos com alto nível tecnológico. Neste sentido, as inovações técnicas têm sido um processo constante e a sua eficiência se dá a partir do grau e da extensão da cooperação estabelecida entre os circuitos produtivos e os agentes que produzem tecnologias para o setor. Dessa forma, há de se destacar tanto os círculos que envolvem a participação das integradoras e que visam à estruturação técnica das fases do processo produtivo pertencentes a elas (avozeiros, matrizeiros, incubatórios, frigoríficos e

abatedouros) quanto os círculos que envolvem a participação dos produtores rurais e que têm por finalidade a composição da densidade técnica dos aviários.

Ainda no que se refere às cooperações que se estabelecem no círculo que articula o circuito espacial produtivo da avicultura de corte e os segmentos que auxiliam o seu funcionamento, temos os fluxos que se estabelecem com o setor de insumos químicos e farmacêuticos. Essa cooperação, que se organiza a partir da compra de produtos químicos para implementação de rações e de medicamentos, a exemplo de vitaminas, vacinas e antibióticos, envolve a troca de informações, conhecimento e capitais, e tem por objetivo garantir as condições de sanidade e de eficiência alimentar.

E, finalmente, no âmbito das relações entre o circuito produtivo e os seus fornecedores, temos a última cooperação que se estabelece, por sua vez, entre o circuito produtivo e a indústria de embalagens. Esse círculo contempla especialmente os circuitos que dominam o setor de processamento, e envolve a aquisição de materiais recipientes que servem ao armazenamento, conservação e adequação dos produtos para a comercialização. Pelos fluxos imateriais instituídos nessa correlação circulam informações, propagadas e capitais.

No que concerne ao terceiro círculo de cooperação, ou seja, aquele que se estabelece entre os circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte e a participação do poder público, de forma geral, destaca-se o fato relevante da avicultura brasileira ter se consolidado como um segmento fortemente estimulado por políticas públicas (BELUSSO; HESPANHOL, 2010).

A cooperação entre os circuitos produtivos e os setores públicos tem sido intermediada pelo estabelecimento de políticas públicas direcionadas a diversos aspectos, que podem ser compreendidos a partir de duas vias: a criação e consolidação de condições socioeconômicas para a reprodução ampliada do capital avícola, e a estruturação e melhoramento das redes materiais e imateriais necessárias à fluidez da circulação.

No âmbito das condições socioeconômicas criadas para a reprodução do capital, as principais medidas partem da esfera federal e, em um primeiro momento, estiveram concentradas entorno do fortalecimento do setor avícola a partir da redução da dependência externa. De acordo com França (2000, p 85-86), em síntese, a participação do poder público federal no desenvolvimento evolutivo da avicultura, pode ser percebida através das seguintes manobras:

A proibição da importação de matrizes, internalizando parte da produção genética do frango na década de 60; federalizando o abate, levando os abatedouros a buscarem novas tecnologias, permitindo inclusive a exportação a partir desta época, já que foram atendidas as exigências dos países importadores e, nas duas últimas décadas onde o frango recebeu grande impulso do governo ora pela propaganda negativa contra os bovinos na década de 80 ou pelo rótulo de carne de 1 real na década de 90.

Em um segundo momento, com a consolidação do setor, o papel ativo e decisivo do poder público federal na criação de um ambiente socioeconômico favorável passou a se voltar para criação de políticas que visam à estabilidade dos preços dos produtos. Neste sentido, os investimentos públicos passaram a influir diretamente nas receitas e custos da agropecuária, e na alocação de fundos de pesquisa para a geração de tecnologias que potencializem cada vez mais o processo produtivo (TALAMINI; MARTINS, 2008).

Com o advento da globalização e da internacionalização do setor, a necessidade de transformar os territórios nacionais num espaço nacional da economia internacional, ou seja, em um espaço dotado por sistemas de engenharia modernos capazes de acelerar os fluxos (SANTOS, 2006), orientou a atuação dos poderes públicos nas esferas federal, estadual e municipal para a difusão das redes técnicas de transportes e de telecomunicações.

Na perspectiva de Silveira (2010), é a partir dessa atuação que o poder público contribui e constrói especializações produtivas, formulando políticas setoriais de repercussões regionais. Neste sentido, o que ocorre é um movimento contraditório que na medida em que privilegia determinados territórios, marginaliza outros, promovendo, assim, novos espaços de concentração e de exclusão.

Quando se trata da avicultura de corte, um caso ilustrativo desse quadro é a expansão das grandes plantas agroindustriais para a região Centro-Oeste. Esse processo de reespecialização não ocorreu descolado de um conjunto de medidas políticas, que tanto através dos governos estaduais, como do governo federal, buscaram oferecer incentivos fiscais e redes densas de articulação com os grandes centros consumidores e escoadores da produção.

De forma geral, quando se analisa a cooperação dos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte com os poderes públicos, observa-se que estes estão baseados em práticas de sustentabilidade econômica e social. Assim, os fluxos se estabelecem a partir da cooperação entre o desenvolvimento da atividade e o favorecimento da economia como um todo, incluindo nesse propósito a acomodação das novas dimensões territoriais do processo produtivo em um sistema de redes materiais e imateriais correspondente ao movimento da circulação.

2.4- O circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos-PB: a interpretação do tempo através das técnicas

Para Santos (1994, p.19), “as técnicas, de um lado, nos dão a possibilidade de empiricização do tempo e, de outro lado, a possibilidade de uma qualificação precisa da materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham”. Concordando com esse pensamento, procuramos analisar os desdobramentos no sistema produtivo, na circulação e na distribuição do circuito espacial produtivo da avicultura de corte a partir da sistematização das técnicas que a cada período conferiram uma racionalidade própria para se pensar o uso e a organização do território.

As técnicas são um elemento de constituição e de transformação do território (SANTOS, 2006), que a cada contexto tem o sentido e o efeito revestido por novos paradigmas. Na fase atual, segundo Santos (1994), ao passo em que a economia se tornou mundializada, todas as sociedades terminaram por adotar, de forma mais ou menos total, de maneira mais ou menos explícita, um modelo técnico único que se sobrepõe à multiplicidade de recursos naturais e humanos.

Entre o “mais ou menos total” e o “mais ou menos explícita” subsistem diversas e distintas geografizações do que se constituiu pensar como a ordem mundial das coisas, das atividades econômicas, e das relações sociais e de produção. A velocidade variável e as formas heterogêneas, pelas quais se dá à difusão dos sistemas técnicos, fazem com que em nenhum caso esta ocorra uniformemente, pois essa heterogeneidade vem da maneira como eles se inserem desigualmente na história e no território, no tempo e no espaço (SANTOS, 2006).

Dessa forma, não são as técnicas em si que diferem os territórios, mais sim a maneira irregular e hierárquica pela qual elas percorrem o espaço geográfico. Assim, as técnicas, a reação enérgica ou circunstância que leva a criar entre estas e o homem uma nova natureza posta sobre aquela estabelecida (ORTEGA Y GASSET, 1963) são, ao mesmo tempo, vetores de produção e de transformação do território, ao passo em que o movimento incoercível que nutre a necessidade da convergência dos momentos é, a um só tempo, a apropriação do sistema de objetos e ações do presente e a sua contínua solvência para dá lugar aos sistemas técnicos que, perante determinadas composições espaço-temporal, surgem como novos.

A história das técnicas no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos está intrinsecamente relacionada às diferentes voltagens da descarga de racionalidade dos tempos globais no território, ao longo dos últimos quinze anos. Neste

período, a sucessão de duas forças reguladores da ação, do tempo e do espaço produziram cenários distintos que refletiram a conjunção e a disjunção dos sistemas técnicos.

Essas duas forças, a Azeven e a Cialne, fomentaram, respectivamente, um cenário conduzido pelo capital comercial e pelo acontecer desconexo, e um cenário conduzido pelo capital industrial e pelo acontecer conexo, o que nos oportuniza uma periodização a partir de dois recortes temporais. O primeiro recorte, que vai do final da década de 1990 até agosto de 2014, corresponde ao período em que o circuito esteve coordenado pela empresa Azeven, e delimita a fase em que a produção, a distribuição e a circulação estiveram sob a influência do capital comercial e sob os imperativos do acontecer desconexo. O segundo recorte vai de agosto de 2014 até os dias atuais, e é marcado pela racionalidade e o ajustamento dos processos, das ações e das relações aos ditames do capital industrial e a coesão do acontecer conexo, que se estabeleceram com a chegada da Agroindústria Cialne, e que neste trabalho, será discutido no próximo capítulo.

2.4.1- O circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Azeven: a influência do capital comercial e o acontecer desconexo

A força motriz do movimento inconvertível que articula os lugares em uma rede de relações cada vez mais global é geradora de uma totalidade que ao se realizar por impactos seletivos se desfaz em inúmeras outras totalidades. Dessa forma, o espaço surge como a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais, cuja principal dialética se dá entre ações novas e uma "velha" situação, um presente inconcluso querendo realizar-se sobre um presente perfeito (SANTOS, 2006).

Neste jogo de coexistências, entender os circuitos espaciais produtivos e os desdobramentos advindos do seu processo histórico evolutivo é uma atividade que nos remonta, inicialmente, a considerar a conjugação de uma totalidade singular, a realidade do circuito espacial produtivo em si, à outra totalidade, a racionalidade global.

Neste sentido, não podemos pensar o uso e a organização do território, sem pensar o nível, as condições e a espessura de sua sujeição à realidade em sua integridade, que, segundo Santos (2006), se apresenta como totalidade universal/global.

De acordo com Santos (2006, p.74):

Todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes [...] Quando a sociedade muda, o conjunto de suas funções muda em quantidade e em qualidade. Tais funções se realizam onde as condições de instalação se apresentam como melhores. Mas essas áreas geográficas de realização concreta da totalidade social têm papel exclusivamente funcional, enquanto as mudanças são globais e estruturais e abrangem a sociedade total, isto é, o mundo, ou a formação socioeconômica.

Dessa forma, a totalidade é uma realidade fugaz, que está sempre se desfazendo e se refazendo em outras totalidades (SANTOS, 2006) que se configuram, por sua vez, como particularidades que se desintegram do todo e se espacializam nos lugares conforme a conveniência da disposição dos objetos técnicos e científicos.

A propósito dos circuitos espaciais produtivos, Arroyo (2008) chama atenção para o fato de existirem circuitos altamente influenciados por uma lógica global, enquanto outros começam e terminam num único subespaço. Assim, constituem totalidades diversas e distintas que diferem em dimensão, complexidade, intensidade e, sobretudo, pela forma como se concretizam na totalidade global.

Conforme a configuração e o nível de intermediação das relações estabelecidas, o circuito espacial produtivo da avicultura de corte aqui estudado é exemplar das múltiplas faces que a totalidade global assume no tempo e no espaço. A partir da observância da manifestação particular de sua totalidade, orquestrada pelas especificidades dos agentes que o articulou e o deu-lhe unidade, podemos concebê-lo como uma totalidade, cujas possibilidades de realização mais contundentes estiveram até o ano de 2014 em estado de latência, a espera de uma nova ação e de seu respectivo sistema técnico e normativo para ser historicizada e geografizada.

Para Santos (2006), a totalidade como latência é dada por possibilidades reais, mas histórica e geograficamente irrealizadas, que disponíveis até então, se tornam realizadas através da ação. É a expressão dessa ação que cria os níveis de proximidade entre o global e o particular, e que define a configuração territorial e a estrutura técnica-normativa da totalidade do circuito e a especialização funcional dos territórios.

Assim, segundo Santos (2006, p.81):

A transformação do todo, que é uma integral, em suas partes - que são as suas diferenciais, dar-se, também, por uma distribuição ordenada, no espaço, dos impactos do todo, por meio de suas variáveis. As ações não se localizam de forma cega. Os homens também não. O mesmo se dá com as instituições e infraestruturas. É esse o próprio princípio da diferenciação entre lugares,

produzindo combinações específicas em que as variáveis do todo se encontram de forma particular.

O sentido desigual da ordem unitária, criada e dissipada pela totalidade global, na realização e na disposição territorial da atividade avícola, fez da unidade o principal vetor da diferença. Ao percorrer o espaço geográfico, essa unidade (os sistemas técnicos, normativos e operacionais) é esfarelada perante as diferenças territoriais que são determinadas não só pela existência presente de fatores naturais e artificiais, mas, também, pela capacidade dos agentes, que nesses espaços são tidos como hegemônicos, de criar as condições necessárias para aproximar a totalidade global da totalidade particular.

No caso da avicultura de corte, a totalidade global, além de promover a conciliação do rápido e contínuo melhoramento dos sistemas técnicos e científicos ao favorecimento das ações produtivas hegemônicas, edificou diferentes possibilidades de monopólios e oligopólios no mercado avícola. Neste cenário, se por um lado tivemos fortes especializações territoriais polarizadas pelos circuitos espaciais produtivos de melhor estrutura técnica e política-normativa, por outro, tivemos a atuação contraditoriamente combinada de arranjos produtivos de diversas dimensões econômicas, técnicas e territoriais.

Dessa forma, na medida em que a unidade, a totalidade global, corroborou para intensificação das modernizações, da ampliação das relações capitalistas e da cada vez mais expressiva dissociação geográfica dos sistemas de produção da avicultura, dando centralidade aos circuitos hegemônicos, também contribui para o desenvolvimento de circuitos produtivos menores que se manifestam através de arranjos institucionais do poder instituído por pequenas empresas, que se apropriam de sistemas de redes ínfimos e se tornam dominantes dentro de determinados territórios.

Foi exatamente a partir de um desses arranjos institucionais implementados por pequenas empresas, que surgiu o circuito espacial produtivo analisado nesse estudo. O circuito espacial produtivo da avicultura de corte aqui tomado para análise teve início com a fundação da empresa Azeven, em 1999 no município de Montadas-PB.

Pautada em um sistema técnico-normativo, que pode se considerado atrasado em face dos atuais parâmetros impostos pela totalidade global, e sob a influência do capital comercial que, conseqüentemente elevou o nível de subordinação ao mercado, a Azeven atuou, desde a sua fundação através do sistema tradicional de produção integrada.

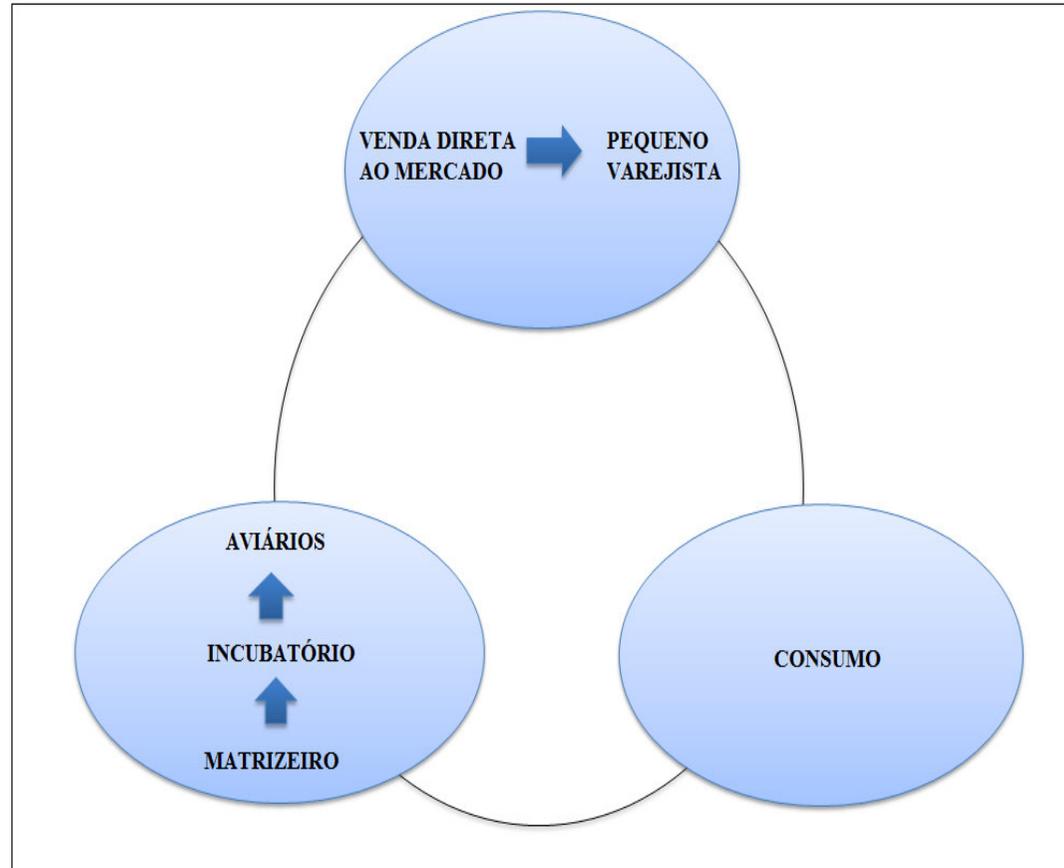
Para Espíndola (2008), os diferentes sistemas produtivos apresentam características próprias em termos de produto, mercado, tecnologia, localização geográfica e organização da

produção. Essa variabilidade associa-se ao ambiente competitivo no qual cada um deles está inserido, em que a competitividade, ou seja, a manutenção e ampliação das formas de participação de uma empresa no mercado de forma contínua (BRAGA, 2011) é, por consequência, refletida na disposição da quantidade e da qualidade dos sistemas técnicos, como também no sistema de relações interdependentes.

No limiar das especificidades do seu ambiente competitivo, a coordenação da Azeven no circuito espacial produtivo da avicultura de corte se caracterizou pela articulação de agentes e territórios, que serviram ao movimento da produção em uma escala de atuação restrita ao estado da Paraíba.

Conforme demonstrado na figura 4, o circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Azeven estruturou-se em torno de um arranjo produtivo simples e incompleto, que concentrou suas forças de atuação na instância da produção. Com essas características, a instância da produção esteve organizada em torno de três fases: criação de matrizes, incubação e criação e engorda dos frangos de corte. Já nas instâncias da circulação e distribuição, o canal que predominou foi a venda direta para o mercado, através da comercialização do frango vivo com pequenos varejistas.

Figura 4- Circuito espacial produtivo da avicultura de corte coordenado pela Azeven



Elaborado pela autora.

Sob a coordenação da Azeven, a primeira fase da etapa da produção era o matrizeiro. As galinhas mães resultavam da compra de ovos junto a outras empresas avícolas que possuíam a fase primária dos circuitos produtivos avícolas, o avozeiro. Do matrizeiro, os movimentos inerentes a etapa da produção seguiam para o incubatório, a unidade produtiva responsável pela incubação artificial dos ovos gerados no matrizeiro. Após a fase do incubatório a produção seguia para última fase, os aviários. Nas instâncias da circulação e distribuição, através da comercialização da produção diretamente com o mercado, surgia a figura dos pequenos varejistas, que representados pelos feirantes, açogueiros, mercadinhos e outros comerciantes, eram responsáveis por levar a produção até o seu destino final, o consumo.

Sob a perspectiva da produção do território, a disposição espacial desse arranjo produtivo se configurou a partir de relações sociais e econômicas que produziram formas centralizadas de ocupação territorial. A capacidade limitada da Azeven de colocar a produção em movimento, a limitou a absorção de espaços regionais no estado da Paraíba. Para isto, tanto a territorialização das atividades produtivas por ela comandada, quanto à espacialidade da circularidade e da distribuição da produção, se deu a partir de um jogo de combinações no arranjo espacial dos sistemas de objetos técnicos (rodovias, estradas de terras e entroncamentos), que possibilitou melhor uso e organização do território.

Dessa forma, a configuração territorial do circuito espacial produtivo esteve alicerçada na intensificação dos fluxos materiais e imateriais em pequena escala. As raízes escalares da divisão territorial do trabalho apontam para a concentração das atividades em três municípios paraibanos: Boa Vista, com a localização da granja de matrizes; Montadas, onde, além da sede administrativa da empresa, estavam o incubatório e a fábrica de rações; e o município de Pocinhos, com a área de produção agropecuária.

A racionalidade da conversão de frações regionais do espaço também se estendeu para sistematização das demais etapas do circuito produtivo. Para isto, a circulação e a distribuição da produção tendenciosamente se concentraram em municípios do sertão da Paraíba, como Patos, Sousa e Cajazeiras, e da região metropolitana de João Pessoa.

Embora esses municípios se constituíssem como os principais drenos da produção avícola e representassem as mais expressivas interações espaciais, a partir da circularidade e distribuição da produção é possível identificar ainda a intensificação de outra interação espacial que envolveu, na escala local, as relações campo-cidade.

O sentido das dinâmicas produzidas no circuito espacial produtivo da avicultura de corte na estruturação das relações campo-cidade se deu a partir da configuração da

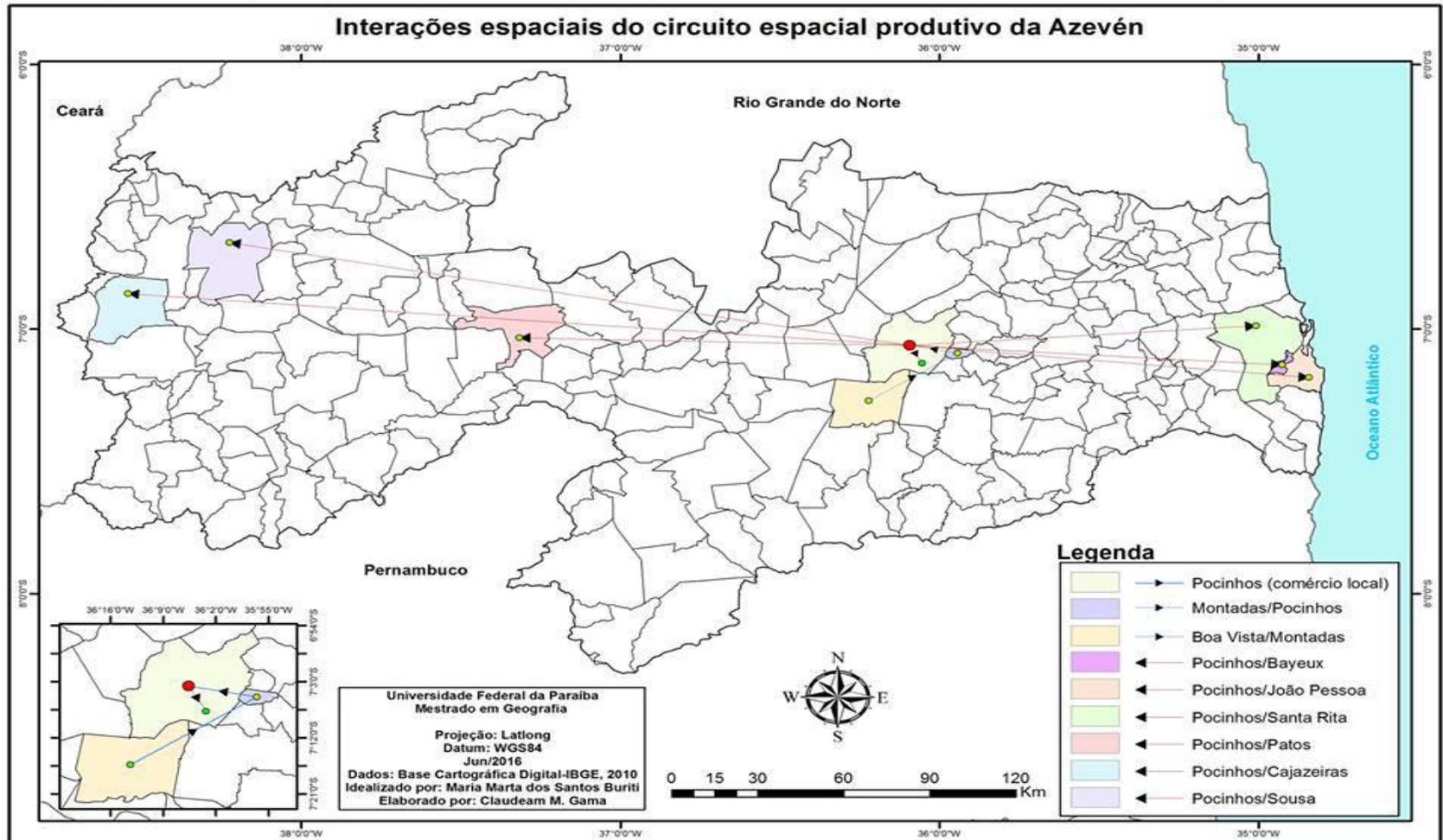
distribuição da produção, no qual se inseriram no mapa da circularidade e do consumo as demandas do comércio local.

Sob a coordenação da Azeven e aos ditames do capital comercial, a composição e a direção das interações espaciais se mostraram orientadas pelo acontecer desconexo, ou seja, pela transitoriedade territorial das vantagens do comércio varejista, que a cada período redimensionava os fluxos para frações regionais específicas, ora intensificando-os para municípios do sertão, ora intensificando-os para a região metropolitana de João Pessoa. Dessa forma, tínhamos uma teia de relações, cujo fio condutor até a etapa da produção era a empresa coordenadora, que a partir dessa etapa se subordinava ao capital comercial, fazendo deste o organizador das etapas de circulação e distribuição,

Para Santos e Silveira (2001, p.143), “a repartição das atividades entre lugares e a divisão territorial do trabalho pode nos dar apenas uma visão mais ou menos estática do espaço, um retrato onde cada porção revela especializações mais ou menos nítidas”. De tal forma, para estes autores, a importância está na configuração do movimento que articula os lugares, os agentes e as etapas produtivas.

Nesse contexto, tal como se apresenta no mapa 3, o movimento estruturado pela forma como se organizou a repartição das atividades no circuito espacial produtivo da avicultura de corte corroborou para interações espaciais que atuaram tanto a partir de horizontalidades, como de verticalidades.

Mapa 2- Interações espaciais no circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Azeven



As interações espaciais realizadas nesse circuito envolveram territórios tanto a partir de uma estratégia de proximidade geográfica, quanto pela capacidade de estabelecimento e de apropriação do sistema de redes presentes na totalidade do território compreendido pelo processo produtivo, circulatório e distributivo. O aprofundamento da divisão territorial do trabalho nos municípios de Boa Vista, Montadas e Pocinhos, atendia à necessidade da celeridade dos fluxos materiais, que diante do arranjo técnico limitado da empresa só era possível dentro de uma pequena escala.

Já as interações espaciais resultantes dos fluxos de circulação e distribuição da produção, se deram em face da facilidade do escoamento da região produtora, o município de Pocinhos, a partir da BR 230. Dessa forma, é possível associar a densidade territorial da geografização das etapas desse circuito espacial produtivo, como, também, o seu quadro organizacional e operacional, a origem da composição técnica e normativa da entidade coordenadora (a Azeven), que transmitiu sua racionalidade ao longo do processo produtivo. Portanto, a forma como as interações espaciais estiveram organizadas representou as forças da ação hegemônica (a Azeven), que coordenou o circuito conforme suas possibilidades específicas de atuação no espaço e de dominação do mercado.

Diante desse cenário, como já foi pontuado antes, a inserção do município de Pocinhos no circuito espacial produtivo da avicultura de corte está relacionada com a conjugação de estratégias empresariais e fatores territoriais, que foram importantes não só para a realização da produção, mas também para a estruturação das interações espaciais.

No que refere-se à realização da produção agropecuária, esses fatores territoriais envolveram tanto ativos e recursos genéricos, como ativos e recursos específicos. Assim, a territorialização da instância da produção agropecuária foi direcionada pela disposição de recursos humanos, naturais e artificiais, permanentes e transferíveis.

O surgimento de uma atividade de caráter comercial e de relativa estabilidade econômica em um cenário agropecuário marcado pela decadência da principal atividade econômica, o sisal, e pela prática incipiente da agricultura de subsistência, envolveu produtores que se encontravam em condições sociais que não lhes davam muitas opções. Conforme esse quadro, a necessidade da sobrevivência social e da reprodução econômica no campo dos agentes locais se constituiu como um importante ativo específico.

De acordo com Sorj, Pompermayer e Coradini (2008) a avicultura, dado seu alto grau de controle do processo biológico, pois este é realizado em condições quase que artificiais, tem um grau muito pequeno de dependência das condições naturais, a exemplo das condições de solo e clima. Tais condições ajudam a explicar sua territorialização em regiões que

apresentam conjunturas climáticas com significativas variações, desde aquelas de clima muito frio, até aquelas de clima quente, como é o caso do município de Pocinhos.

No entanto, se não correspondem a um empecilho à territorialização da atividade avícola, essas variações são, sem dúvida, vetores que geram assimetrias em termos de transferência de tecnologias, de níveis de produtividade, e de padronização das unidades de produção. Além das implicações em termos de ambiência, cujo controle artificial demanda maiores investimentos por parte dos produtores e pesquisas especializadas para cada região, a variabilidade na disposição de determinados recursos territoriais como a água, por exemplo, pode, em algumas regiões, elevar os custos da produção, diminuir a capacidade produtiva e inviabilizar investimentos futuros.

Neste contexto, podemos assinalar que a disponibilidade de água via perfuração de poços artesianos e semi-artesianos, se configurou como um importante ativo e recurso específico do território, ao impulsionar o desenvolvimento e a expansão da atividade avícola no município. O abastecimento de água nas unidades produtivas em Pocinhos advém tanto de açudes públicos e privados, como dos mananciais subterrâneos. Porém, nos períodos de estiagem prolongada, que são comuns na região, em que os principais reservatórios superficiais secam, é o uso da água dos poços que sustenta a produção.

Além deste, que se caracteriza tanto como um ativo quanto como um recurso específico, visto que ao mesmo tempo em que é diretamente utilizado, também se encontra em condição a ser explorada, outro ativo específico, porém de natureza artificial, a beneficiar a produção avícola no município condiz com a disposição de objetos técnicos fundamentais para a fluidez das redes. Neste cenário ganha relevo a posição do município em relação a BR-230, conforme demonstrado no mapa 4, o que facilitou a distribuição e circulação da produção, e as interações espaciais.

Mapa 3: Localização do município de Pocinhos em relação à BR-230



Fonte: Ministério dos Transportes, 2012.

No que concerne aos ativos e recursos genéricos, ou seja, aqueles independentes de sua participação no processo de produção, vale destacar a abundância de mão-de-obra. A situação do mercado de trabalho no campo com a falência do sisal corroborou para que perdurasse por vários anos a oferta ilimitada de mão-de-obra. Esses trabalhadores, em sua grande maioria, estavam envolvidos com pequenas culturas agrícolas destinadas a subsistência e pequenas criações de caprinos. Além disso, havia uma minoria que se beneficiava de eventuais oportunidades em outros setores da economia local, principalmente o terciário.

Com a territorialização de uma das fases da etapa da produção do circuito espacial produtivo da avicultura de corte, a dinamização do setor agropecuário representou maiores oportunidades tanto para os produtores quanto para os trabalhadores rurais.

A inserção do município de Pocinhos no circuito espacial produtivo se deu a partir do sistema de integração tradicional. Para Fernandes Filho e Queiroz (2015), o modelo tradicional de integração se caracteriza pela heterogeneidade e atraso da base técnica, o que distingue circuitos espaciais produtivos menos complexos e com baixo nível tecnológico.

Neste contexto, a configuração do sistema de integração e dos aspectos técnicos-normativos que lhes serviram de base, assim como as dimensões e direções das interações espaciais, possuem um papel importante na compreensão das dinâmicas que conduziram os usos do território nesse período em que o circuito esteve sob a coordenação da Azeven.

2.5- O circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Azeven e os principais elementos para o entendimento dos usos do território

À luz da coordenação da Azeven, da influência do capital comercial e de um acontecer desconexo, o circuito espacial produtivo da avicultura de corte se manifestou através da solidariedade organizacional entre frações territoriais inseridas em uma lógica de circulação constrangida no espaço paraibano. Baseado no domínio de três fases da etapa da produção, matrizeiro, incubatório e aviários, e em um processo de circulação e distribuição construído pelo agir do mercado, o papel do circuito espacial produtivo na organização do território foi condizente com as suas dimensões técnicas, econômicas e normativas.

Quando se trata da determinação dos usos do território pelos circuitos espaciais produtivos, é preciso ter em mente que esse processo é sempre produto da mensuração de uma racionalidade global, ou seja, de uma força unitária que define parâmetros para as ações e relações referentes ao modo de produção capitalista, e de uma força local. Neste sentido, a um

comando técnico e organizacional projetado pela escala global que flutua pelo espaço transportando uma essência comum e original, que produz relações, processos e ações similares, pois é movida em qualquer espaço pela mesma lógica, a da reprodução do capital e da acumulação da mais-valia. Contudo, o que altera, modifica ou até elimina a essência e a originalidade dos processos globais no espaço é a espessura da sua cisão com os territórios.

Sob essa ótica, ao analisarmos os novos elementos que se inscreveram no território a partir das dinâmicas fomentadas no circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Azeven, percebemos que estes resultam da disseminação de tendências gerais do modo de produção capitalista e de sua respectiva regulação pelas possibilidades do território local.

Em decorrência das tendências mundiais, emergiram como elementos centrais para organização dos usos do território a preeminência da circulação e o uso estratégico das redes materiais. Neste sentido, essas novas condições ao serem lançadas no território resultaram em aspectos particulares, que não se explicam se não no sentido da manutenção e do fortalecimento do movimento desempenhado nesse circuito espacial produtivo.

A partir da distribuição espacial das etapas da produção, distribuição e consumo por localizações diferentes, os usos do território foram submetidos à ordem criada nos interstícios da circulação. Neste cenário, embora restringida em frações territoriais no estado da Paraíba, a circulação fomentou interações espaciais, principalmente entre os locais de produção e de consumo, que foram cruciais na constituição do jogo de poder que definiu a racionalidade de uso para o território.

Nestas condições, os usos do território foram dados pelas dinâmicas emergentes das interações espaciais que se projetaram na circularidade do espaço indivisível diante do processo de acumulação. Dessa forma, foram as dimensões territoriais e econômicas das interações espaciais que definiram as normas e os objetivos da produção, o que conseqüentemente repercutiu no modo como os usos do território foram produzidos e organizados.

Diante desse quadro, na medida em que a circulação passou a ser elemento chave na compreensão das dinâmicas do território, clarificou também a importância das redes, sendo a conjugação destes dois elementos fundamental para entender o mapa da produção avícola no município de Pocinhos.

A análise das redes é importante para entender a fixação dos objetos em determinados pontos cruciais no sistema de redes do circuito. Agindo como formas e como normas, as redes, principalmente as de infraestrutura, elencaram as direções dos fluxos à espacialização

dos fixos no território. Como resultado, tivemos uma forte concentração das unidades de produção em quatro comunidades rurais: Nazaré, Águas Pretas, Teotônio e Serrote da Cobra. Juntas, essas comunidades formam uma mancha contígua no espaço, que se encontra em uma posição geográfica privilegiada no que se refere ao escoamento da produção pela BR-230.

Sob a perspectiva das redes, os usos do território se mostraram racionalizados pela necessidade de aceleração da distribuição através da escolha de áreas ativadas pela maior capacidade de interligação no sistema de redes como um todo. Dessa maneira, conforme pode ser visualizado na figura 5, esse processo contribuiu para intensificação da produção avícola em uma área concentrada do território Pocinhense.

Figura 5- Espacialização de unidades produtivas em Nazaré -Pocinhos



Fonte: Google Earth, 2014.

Conforme podemos observar na figura 5, a configuração territorial das redes de distribuição da produção imprimiu suas marcas no território, através da intensificação da produção em áreas que favoreceram a circulação dos fluxos. Desta forma, o sentido das redes nos usos territoriais, está relacionado ao fato dos agentes hegemônicos (a Azeven e o capital comercial) terem alicerçado o circuito espacial produtivo em um processo circulatório que determinou os usos do território a partir da disposição das redes geográficas.

Assim, as redes compõem-se como elementos que, ao constituírem uma determinada trama circulatória, definiram os conteúdos e ações empreendidas no território. Portanto, sob suas diretrizes, a organização espacial da produção avícola se revelou pela presença de fixos constituídos como resultado dos fluxos.

2.5.1- A escala da produção agropecuária: tipologia da infraestrutura

Inúmeros fatores tornam-se relevantes quando o propósito é analisar a tipologia dos sistemas de produção da avicultura de corte e dos agentes envolvidos. Do tipo, da configuração e da expressividade da relação que envolve o fornecedor de frango, o varejista, e o consumidor decorrem diversas e adversas realidades de produção em que há de se considerar a transferência da racionalidade do principal agente ou instituição que opera o circuito espacial produtivo, por todas as etapas da produção.

Quando pensamos a constante evolução técnico-científica na avicultura de corte, é preciso centrá-la sob a perspectiva da territorialização, ou seja, pela forma desigual com que as coisas se materializam no tempo e num espaço que não é inativo e nem tão pouco análogo. Perante todas as possibilidades das técnicas se realizarem, é a diligência dada pelos agentes, que em um determinado território tornam-se hegemônicos, que produz os efeitos nos processos produtivos e que transformam ou multiplicam a sua realização no território.

Neste contexto, conforme as limitações econômicas que caracterizaram a atuação da Azeven e dos produtores locais, a produção avícola se caracterizou, neste período que vai do final da década de 1990 até 2014, por um sistema de produção tipicamente tradicional sem uso de técnicas modernas, adaptado para pequenos produtores rurais. O baixo nível de automação e de investimentos em infraestrutura e equipamentos foi um importante diferencial para a expansão desse circuito, pois, inicialmente a intenção da integradora era tornar a atividade acessível para os produtores locais e, assim, criar as condições necessárias à reprodução do capital avícola.

As características das instalações avícolas locais, embora simples e rústicas considerando os parâmetros da avicultura moderna, apresentaram alguns aspectos gerais recomendados pela literatura destinada ao desenvolvimento dessa atividade. Neste sentido, foram identificadas algumas orientações como: a escolha de terrenos com boa drenagem e distante de outros plantéis avícolas; a construção dos galpões no sentido do eixo leste/oeste, o que diminui a incidência de luz diretamente nas laterais; a utilização de telas de aço ou de plástico nas laterais dos galpões para facilitar a circulação de ar, já que a região é de clima quente; e a arborização das áreas que entornam os galpões, com o intuito de interferir positivamente no microclima interno dos aviários.

No geral, cada granja dispunha de um a três aviários com capacidade média para alojar entre três e dez mil pintos. Além dos aviários, a estrutura produtiva era composta por cisternas

para armazenamento de água, caixa d' água para abastecimento direto dos aviários, e silos para estocagem de ração.

Com relação à tipologia construtiva dos aviários, os produtores procuraram a melhor relação custo-benefício, e para isto fizeram uso de materiais disponíveis na região, a exemplo do uso de pendões de agave como caibros e ripas para o telhado. A cobertura das instalações era composta por madeira de agave e por telhas cerâmicas, que são providenciais para um bom isolamento térmico e para manutenção do microclima interno dos aviários.

Diante da necessidade de atingir conforto térmico para as aves e das limitações dos produtores em investir na climatização artificial, os aviários apresentavam abertura lateral de ponta a ponta, como podemos observar na fotografia 1. Com essa estratégia, os produtores conseguiam, através do acondicionamento térmico natural do ambiente, melhorar as condições de manejo.

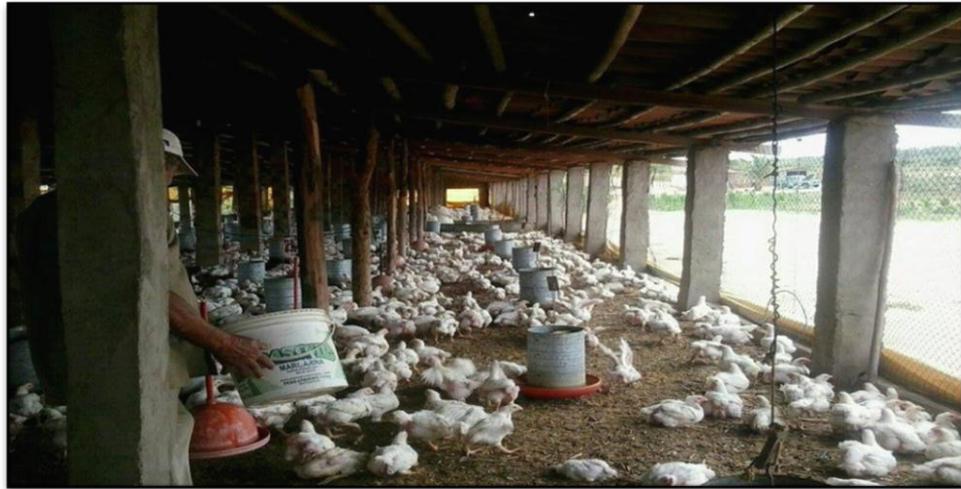
Fotografia 1- Estrutura lateral dos aviários



Acervo: Maria Marta dos Santos Buriti

Com relação ao aparelhamento técnico dos alojamentos, a maioria dos aviários possuíam sistemas manuais. Os sistemas de comedouros predominantes eram do tipo tubular com capacidade para até 20 kg de ração, abastecidos todos manualmente. Já os sistemas de bebedouros eram perpendiculares, necessitando de limpeza e manejo manual. Como demonstrado na fotografia 2, havia a necessidade de trabalho manual para abastecer tanto os comedouros como os bebedouros.

Fotografia 2- Sistemas manuais de comedouros e bebedouros



Acervo: Maria Marta dos Santos Buriti

Os sistemas manuais se caracterizam por gerarem um custo maior a produção e por possuírem níveis mais baixos de produtividade. Dessa forma, a realização da atividade avícola através de equipamentos tradicionais, além de exigir um empenho maior do produtor, o expõe a uma probabilidade de riscos e prejuízos elevada. Isso porque, com a utilização dos sistemas manuais a otimização do potencial de desenvolvimento das aves torna-se ainda mais dependente das condições do ambiente e de manejo, que quando não atendidas adequadamente repercutem diretamente na qualidade da matéria-prima produzida, o frango de corte.

A conformação de uma densidade técnica baseada em um baixo nível tecnológico estava relacionada, de um lado, a capacidade limitada dos produtores rurais de introduzirem novos vetores técnicos na realização do processo produtivo, e de outro, ao fato de que a materialidade técnica disposta, embora tradicional, atendia as demandas postas pela empresa integradora, a Azeven.

2.5.2- Tipologia dos agentes envolvidos

Em pesquisa direta realizada em 2013⁷, com 50 produtores rurais, de um total de 70 existentes em contrato de integração, constatou-se que, em Pocinhos, as unidades produtivas

⁷ Os dados e informações apresentados foram coletados através de entrevista realizada em 2013, por meio dos trabalhos de campo que serviram à estruturação do projeto de pesquisa submetido à seleção de mestrado do PPGG/UFPB. Na ocasião, a escolha dos produtores entrevistados seguiu as dimensões territoriais da principal área de produção avícola no município de Pocinhos.

estavam localizadas em propriedades de posse dos produtores ou de seus genitores. Dentro dessa amostragem, 42 produtores afirmaram realizar outro tipo de atividade geradora de renda, a exemplo de pequenas criações de bovinos e caprinos. Todavia, todos os produtores entrevistados alegaram ser a atividade avícola a principal fonte de renda da família.

A composição da força de trabalho empregada na condução da atividade avícola esteve conduzida predominantemente pela mão-de-obra familiar. A modalidade familiar de trabalho e também de gestão, estava presente em todas as unidades produtivas pesquisadas, sendo que em 14 delas foi constatada a contratação eventual (em determinados períodos do lote, como nos primeiros 10 dias) de pelo menos 1 trabalhador externo contratado de forma temporária e em regime informal. Dessa forma, tanto nas unidades produtivas onde a força de trabalho era de base totalmente familiar, como naquelas que utilizava eventualmente mão-de-obra externa, a produção em aviários, cuja quantidade de frangos variava de 3 a 10 mil frangos, contava com a participação de dois a três trabalhadores, que se reversavam nas atividades de manejo.

A baixa demanda nos aviários por mão-de-obra externa justifica-se por duas situações: se o produtor investe em uma produção automatizada, o que nesse período correspondia a uma pequena parcela, a demanda por mão-de-obra é pequena, sendo necessário em média apenas 1 ou 2 trabalhadores, mesmo em aviários que ultrapassem 10 mil pintos alojados; por outro lado, se a produção não dispõem de sistemas de automação, como era o caso da maioria dos aviários, e onde existe uma necessidade maior de mão-de-obra, os produtores a fim de baratear os custos da produção compõem a força de trabalho a partir da sua própria participação e de esposas, filhos, e outros membros da família.

Quanto ao grau de instrução dos produtores rurais, que tinham idades entre 25 e 65 anos, a maioria, aproximadamente 84%, possuíam apenas o primeiro grau incompleto. O tempo de trabalho nos aviários variava ao longo do lote, que dura em média 45 dias, variando de 12 horas nos primeiros 10 dias para 8 horas nos 35 dias restantes. No entanto, em qualquer estágio do ciclo de produção era necessário à dedicação exclusiva de pelo menos um trabalhador.

Com relação aos custos da produção, os produtores além de arcar com as instalações e aparelhagem dos aviários, eram responsáveis pelas seguintes despesas: a cama do aviário⁸;

⁸ A cama do aviário consiste em uma base sobreposta ao piso dos galpões, sendo composta por material de origem agrícola (bagaço de cana-de-açúcar, bagaço de agave, etc.). A função da cama nos aviários é de receber excreções, restos de ração e penas, que são gerados ao longo do período de criação e engorda.

energia elétrica; água; matéria-prima para o período de aquecimento das aves (lenha ou gás); mão-de-obra; e a limpeza do aviário.

No que concerne a condutas associativas de mediação e conjunção de interesses, os produtores rurais não possuíam nenhum tipo de organização social ou política como associações, sindicatos ou cooperativas. Embora a maioria dos produtores pesquisados tenha demonstrado conhecimento da importância desse mecanismo para o fortalecimento da categoria, ficou claro que a separação de interesses e as divergências relacionais com a empresa integradora constituíam-se em grandes impasses.

No que se refere ao tipo de contrato firmado entre produtores rurais e a empresa integradora, foi constatado que nenhum deles possuía contrato formalizado, sendo, portanto, uma relação firmada verbalmente. Nessa relação às disposições e obrigações de ambas as partes eram determinadas na base da conversa e o único registro era o cadastro dos produtores junto à empresa.

Através da caracterização das infraestruturas e dos agentes locais inseridos na escala de produção agropecuária, é possível identificar os desdobramentos das interações espaciais nos usos do território. Dessa forma, as interações espaciais, conduzidas por uma lógica de fluidez específica estruturada pela força de atuação da Azeven no espaço e no mercado, foram responsáveis pelo estabelecimento de normas e regras, as quais o território se fez obediente.

Essas normas e regras envolveram os usos do território a partir das demandas competitivas, da estrutura normativa, das dinâmicas territoriais e da extensão das interações espaciais, que cristalizaram no território uma dimensão social, dotada de valores e formas de trabalho, e uma dimensão material, em que prevaleceu a instrumentalização física do território para atender a realização da ação produtiva.

Contudo, com a transferência da ação hegemônica no circuito espacial produtivo da Azeven para a Cialne, o alargamento dos contextos produtivos e a expansão do espaço de circulação passaram a instituir novas interações espaciais e, conseqüentemente, novas dinâmicas territoriais, que criaram um novo sistema de normas e ordens para os usos território, conforme veremos no capítulo que segue.

CAPÍTULO III

O circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Cialne

A presença da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte resultou em novas dinâmicas territoriais e novas interações espaciais, que são inerentes à forma como os interesses da reprodução do capital industrial vêm qualificando os usos do território na área pesquisada.

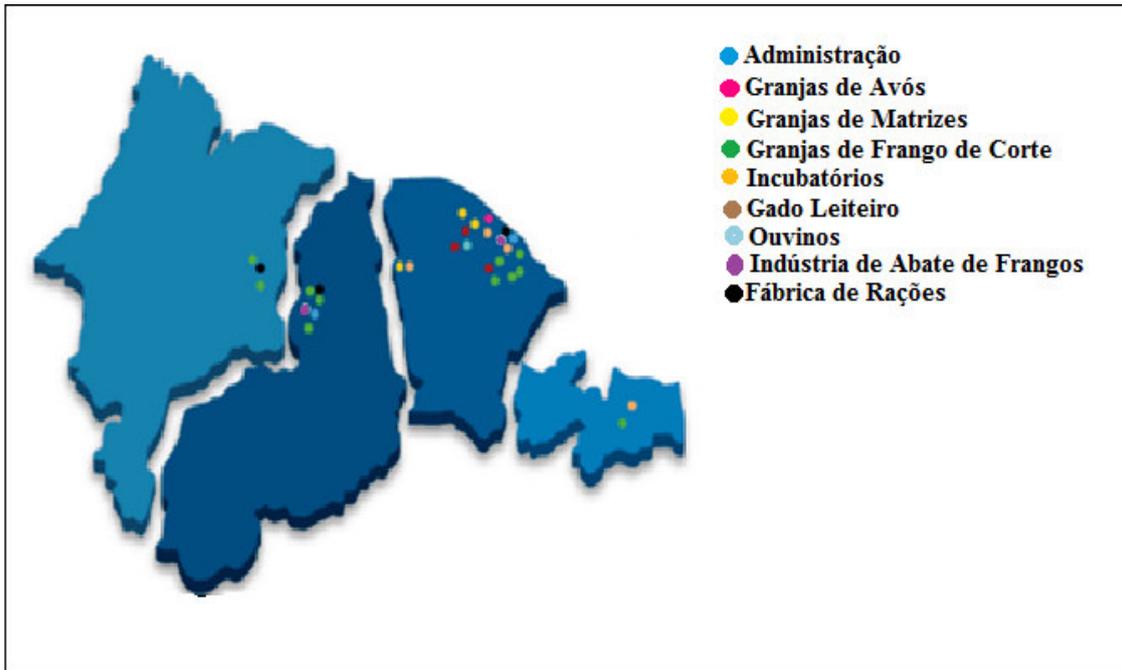
Na medida em que o circuito espacial produtivo passou a se organizar a partir de novas demandas competitivas, a realização de suas instâncias produtivas passou a ter como características centrais a redefinição da divisão territorial do trabalho e ampliação do espaço de circulação. Nesta nova fase, o aumento exponencial dos fluxos ocorre de forma paralela a mudanças na escala produtiva, organizacional e técnica, pois as condições atuais de acumulação da mais-valia não se executam sem a estruturação do território e sem o seu ajustamento à nova lógica do movimento da produção.

3.1- A Cialne

A Companhia de Alimentos do Nordeste – Cialne – é uma empresa que atua no ramo da agroindústria – avicultura e pecuária. Fundada em 1966 por Francisco de Araújo Carneiro, a empresa tem se caracterizado nos últimos anos pela adoção de uma política expansionista que visa o alargamento dos contextos espaciais da produção e a ampliação dos mercados consumidores. Considerada a maior força do agronegócio no Norte-Nordeste, a Agroindústria possui diversos arranjos produtivos distribuídos nestas duas regiões.

Com sede na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, possui outras 53 unidades divididas estrategicamente nos estados do Ceará, Piauí, Maranhão e Paraíba, conforme explicitado na figura 6.

Figura 6- Territorialização das unidades produtivas da Cialne



Fonte: Cialne, 2015.

No que se refere à atuação da Agroindústria na avicultura de corte, a Cialne se caracteriza por comandar todas as etapas do processo produtivo, o que envolve granjas de avós, granjas de matrizes, incubatórios, granjas de engorda e frigoríficos. Dessa forma, se configura como a única da região Nordeste a dominar todo o circuito produtivo, o que a coloca na mesma condição de grandes Agroindústrias nacionais, a exemplo da Sadia e da Seara.

Em termos de participação no mercado, estrategicamente tem optado por uma atuação diversificada que combina a oferta de produtos em diferentes segmentos. Neste sentido, além da oferta de frangos vivos e industrializados, também atua como fornecedora de matrizes, ovos férteis e pintos de um dia, atendendo, assim, tanto as demandas do consumidor final quanto de outras empresas avícolas e produtores independentes. A oferta de produtos diferenciados é uma tendência do mercado avícola e está associada à necessidade das empresas de se posicionarem melhor diante da forte concorrência no setor (RIZZI, 1993).

Nos circuitos espaciais produtivos que desenvolve a partir da avicultura de corte, a Cialne trabalha com duas linhas de mercado. A primeira está pautada no abate de frangos em frigoríficos próprios e almeja o abastecimento de grandes redes do varejo. Já a segunda é conduzida pela comercialização de frangos vivos com empresas abatedoras, que atendem, por sua vez, a redes varejistas menores.

Nos últimos anos, os esforços da Agroindústria têm se concentrado em torno da expansão da produção e da elevação dos índices de produtividade. Para isto, tem seguido a tendência mundial da dissociação geográfica da produção, e investido em melhoramento genético e na indústria processadora.

Os investimentos em melhoramento genético levou a Cialne a estabelecer um importante círculo de cooperação com o grupo escocês Erich Wesjoahann, líder mundial em melhoramento genético. A partir desta associação, os circuitos produtivos comandados pela Agroindústria passaram a ser um centro de testes de animais adaptados ao clima tropical e as condições ambientais da região Nordeste, onde mantém suas principais unidades produtivas (CIALNE, 2015).

No âmbito do programa de melhoramento genético desenvolvido pelo grupo Erich Wesjoahann, a principal aposta tem sido a linhagem do frango do pescoço pelado. Além de uma maior conversão alimentar, o que influi positivamente nos índices de produtividade, a linhagem do frango do pescoço pelado, em face da redução do empenamento, possui uma capacidade maior de resistir ao estresse térmico, bastante comum nas regiões onde se localizam as granjas de engorda.

Em relação aos investimentos que vem realizando na indústria processadora, a Cialne acompanha a dinâmica atual do mercado avícola, que segue fortemente dominado pela indústria. De acordo com o gerente da unidade Paraíba da Cialne, em entrevista realizada no mês de junho de 2015, os investimentos estão direcionados, principalmente, para a modernização e a ampliação dos frigoríficos, e se constituem como uma medida fundamental para o crescimento da Agroindústria, que almeja abarcar parcelas cada vez maiores desse segmento do mercado avícola que cresce cada vez mais.

Os investimentos na indústria processadora ocorrem em consonância com a ampliação dos espaços da produção, circulação e distribuição, onde a incorporação de novos territórios passa a representar novas possibilidades para a reprodução do capital industrial. Neste contexto, o alargamento dos contextos produtivos e a ampliação dos espaços de circulação, têm sido impulsionados por uma política expansionista que envolve aquisições e arrendamentos de empresas avícolas, que seriam desativadas em função de complicações financeiras.

Foi através de uma dessas operações que a Cialne adquiriu, por meio de um contrato de arrendamento, a empresa Azeven, passando a coordenar o circuito espacial produtivo da avicultura de corte no município de Pocinhos. Entre os objetivos que motivaram a sua expansão para o estado da Paraíba, o principal deles está relacionado à importância geográfica

do estado no âmbito de uma trama relacional pensada para envolver os estados de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, como territórios de circulação e distribuição da produção.

Desta forma, a chegada da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte na área de estudo esteve orientada pela conjugação de elementos circunstanciais ao desenvolvimento de estratégias empresariais, comerciais e financeiras. Neste linear, o processo de seleção espacial que resultou na escolha deste território, foi conduzido por uma lógica competitiva que clarificou a presença de elementos horizontais, como a existência de uma base produtiva já instalada, e de elementos verticais, a exemplo das possibilidades de fluidez e de articulação das instâncias produtivas e dos territórios.

A unidade Paraíba da Cialne, como é chamada a filial no estado, passou a atuar no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em agosto de 2014, porém foi só a partir do mês de setembro que começou a operar efetivamente. Atualmente, de forma direta emprega cerca de 400 funcionários, que se desdobram em atividades administrativas, serviços gerais, e assistência técnica e veterinária. No estabelecimento do sistema de integração, a Cialne mantém contratos com 103 produtores rurais, sendo que deste total 90% está localizado no município de Pocinhos, o que faz desse território a principal área de produção agropecuária do circuito espacial produtivo por ela comandado.

No aspecto territorial, a Agroindústria manteve o mesmo arranjo estabelecido pela Azeven para as fases da etapa da produção. Assim, as unidades permaneceram com a mesma configuração territorial de antes, ou seja, Boa Vista com a granja de matrizes; Montadas, com o incubatório e o escritório administrativo, que agora serve como centro receptor e difusor dos comandos disseminados pela sede da Agroindústria, que se localiza em Fortaleza; e Pocinhos, com a área de produção agropecuária.

Ao se territorializar no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, a Cialne modificou a divisão territorial do trabalho não pelo rearranjo das fases que já estavam estabelecidas, mas pela incorporação de uma nova fase, o avozeiro, e de um novo território: Fortaleza-CE (onde se localiza as granjas de avós). Além dessas mudanças na etapa da produção, o que a Agroindústria trouxe de novo para configuração territorial do circuito e para as interações espaciais, foi à redefinição do espaço de circulação e de distribuição, que rompeu a escala local em direção à escala regional.

3.2- A territorialização da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos-PB

A combinação entre o desenvolvimento dos sistemas de transporte e comunicação e a política expansionista das empresas, tem aumentado os fluxos materiais e imateriais em grande escala, o que torna a distribuição espacial das atividades econômicas um processo altamente complexo e dinâmico (CASTILLO; FREDERICO, 2010). Nestas condições, a ruptura das fronteiras geográficas da territorialização das etapas produtivas tem envolvido os usos dos territórios de acordo com lógicas e interesses inerentes à reprodução do capital.

Frente ao acirramento da competitividade, a mobilidade geográfica passou a se configurar como uma importante estratégia de crescimento para as empresas, que buscam através da incorporação de diversos agentes e múltiplos territórios, ampliar a territorialização das instâncias da produção, circulação, distribuição e consumo, dos seus circuitos espaciais produtivos.

Visto desse horizonte, compreendemos a territorialização da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos como o resultado de estratégias competitivas e territoriais que, circunscritas na lógica universal da fluidez, visam aumentar o domínio da Agroindústria no espaço e no mercado. Considerando esses aspectos, a sua territorialização é ilustrativa da forma estratégica como as agroindústrias vêm agindo atualmente para elevar os índices de produtividade e se tornarem cada vez mais competitivas.

Tendo sido viabilizada a partir de pressupostos competitivos, a territorialização da Cialne nesse circuito espacial produtivo não deixou de ser impulsionada por fatores de ordem econômica, geográfica e territorial. Neste contexto, salienta-se a presença de elementos, fixos e fluxos, que favoreceram a utilização do espaço a partir dos interesses próprios da Agroindústria, que no limiar de suas demandas competitivas viu na expansão da escala da produção para a Paraíba, uma oportunidade para que a circulação e a distribuição alcançassem os mercados consumidores dos estados de Pernambuco e do Rio Grande do Norte.

Dos fatores econômicos que influenciaram neste processo, destaca-se o investimento oportuno, por parte da Cialne, no estabelecimento de um contrato de arrendamento com uma empresa inserida em uma situação financeira delicada, tal como estava a Azeven. Os casos de compra e arrendamento de empresas avícolas em dificuldade financeira é uma prática comum já há alguns anos na Cialne, que a partir desse tipo de estratégia busca se beneficiar de duas formas. A primeira está relacionada com as vantagens que podem surgir em uma negociação em que uma das partes, em função de suas complicações financeiras, dispõe de poucas ou de

nenhuma alternativa, o que conseqüentemente, a torna mais vulnerável à especulação financeira. Já a segunda, diz respeito à possibilidade de adquirir ou de se apropriar de empreendimentos que, mesmo vindo de situações financeiras difíceis, ainda sim, encontram-se em condições de permitir à continuidade dos processos produtivos que neles se desenvolviam.

Através do contrato de arrendamento firmado com a Azeven, a Cialne beneficiou-se tanto da situação financeira dificultosa da empresa, como da possibilidade de instalar de imediato a sua racionalidade produtiva, operacional e organizacional, o que permitiu a continuidade do processo produtivo. Essa continuidade só foi possível porque a crise de natureza econômico-financeira, pela qual passava a Azeven, embora tenha repercutido nas relações entre empresa-produtor integrado, através da queda do preço dos lotes e do atraso do pagamento dos mesmos, não comprometeu a capacidade de produção, tendo seus efeitos mais nocivos se concentrado na relação entre a empresa e seus funcionários diretos.

Dessa forma, a partir da prerrogativa de poder instituir sua racionalidade produtiva de forma imediata sobre as estruturas físicas e os sistemas operacionais que foram construídos pela Azeven, a unidade Paraíba da Cialne começou a operar consubstanciada em uma gestão própria, que introduziu novas estratégias de produção, organização e circulação ao circuito espacial produtivo da avicultura de corte.

No que concerne aos fatores geográficos que contribuíram para territorialização da Cialne, um fator em especial foi de total relevância: a localização estratégica da Paraíba em relação aos estados do Ceará, de onde parte as ordens e normas; e do Rio Grande do Norte e de Pernambuco, para onde foram deslocadas as instâncias da distribuição, circulação e consumo. Neste cenário, a Paraíba comparece como um ponto providencial para atender a intencionalidade dos novos fluxos do circuito espacial produtivo.

Dessa forma, a escolha da Paraíba, do ponto de vista geográfico, está fundamentada na necessidade de agilizar a circulação e de favorecer a complementaridade entre as instâncias produtivas geograficamente separadas. No âmbito do comando centralizado no estado do Ceará e do deslocamento da circulação para Pernambuco e para o Rio Grande do Norte, a instalação da densidade produtiva no estado da Paraíba tem como finalidade estabelecer os nexos entre proximidade espacial e proximidade organizacional.

No caso dos fatores territoriais que impulsionaram a territorialização da Cialne é possível identificar, além dos elementos verticais caracterizados pelas possibilidades de fluidez no espaço pensado para a totalidade dos fluxos, ou seja, a escala regional, a presença

de elementos horizontais, a exemplo de um sistema de integração já consolidado e composto por diversos produtores rurais, e da existência de uma base produtiva já instalada.

Nesta cena, a importância da disposição de um sistema de integração já estruturado e de uma materialidade produtiva já instalada, se deu pela garantia do fornecimento da matéria-prima para Agroindústria que, diante das relações já estabelecidas, não precisou captar novos produtores e montar um novo sistema de integração. Assim, com as unidades produtivas necessárias e com a participação dos agentes locais, a continuação do processo produtivo pôde ser imediata.

Neste contexto, considerando às especificidades desses fatores territoriais, como também dos econômicos e geográficos, que corroboraram para a territorialização da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, é possível perceber que todos eles dão suporte à condição das relações econômicas e espaciais projetadas pelo novo movimento do processo produtivo.

3.3- A participação da Cialne no circuito espacial produtivo: a influência do capital industrial e o acontecer conexo

No mundo atual, a cada novo movimento espacial dos agentes organizadores da produção, evidencia-se o uso estratégico dos territórios como um recurso de poder capaz de assegurar a produtividade e a competitividade. Para Santos (2006, p. 206-207):

A participação no mundo da competitividade leva ao aprofundamento das novas relações técnicas e das novas relações capitalistas. Estas são à base da ampliação do modelo de cooperação e, portanto, da divisão social e territorial do trabalho, e este alargamento do contexto conduz a um novo aprofundamento do contexto, levando, também, as áreas correspondentes a um processo de racionalização.

Nesse cenário, na medida em que se amplia o modelo de cooperação no espaço, a divisão territorial do trabalho se altera tanto pelo alargamento quanto pelo aprofundamento dos contextos, trazendo aos territórios compreendidos por sua totalidade novos conteúdos, novas funções e novos nexos.

Em realidade, a participação da Cialne não representa uma simples adição de novos elementos, agentes e territórios ao movimento já existente, mas sim um novo movimento que encaixou uma existência técnica, produtiva, social e econômica, a sua forma de realização. A nova ordem de funcionamento imposta pela Cialne ao circuito espacial produtivo tem buscado nos usos do território as formas de mediação necessárias para harmonizar a existência

material das formas geográficas às novas normas de uso impostas pela racionalidade do capital industrial.

Em termos gerais, a participação da Cialne resultou no alargamento da divisão territorial do trabalho e em níveis mais elevados de solidarização entre as etapas produtivas, os agentes econômicos e os territórios. Neste sentido, a dilatação do espaço de cooperação privilegiou movimentos concorrenciais na região Nordeste, o que significou a ruptura da escala local e a apropriação da escala regional.

Diante desse processo, a busca por novas bases para controlar e assegurar a nova rede de interdependências forjada pelos fluxos do processo produtivo esteve fundamentada pela introdução de fatores organizacionais e técnicos. No aspecto organizacional, as mudanças verificadas implicam alterações no padrão de organização do circuito espacial produtivo, que orientado por uma nova dinâmica interacional, passou a se estruturar a partir de novas estratégias de coordenação.

A inserção da racionalidade do capital industrial, evidenciado pelo setor de processamento, inferiu mais elasticidade ao processo produtivo e redefiniu as relações estabelecidas entre o circuito de produção e o seu ambiente concorrencial. Nestas condições, a elevação da dependência entre as etapas produtivas e a conformação de novas exigências competitivas resultou na adoção de um sistema de coordenação vertical e hierarquizado, que reflete a predominância de um acontecer conexo.

Dessa forma, a principal mudança organizacional estabelecida pela Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos diz respeito à forma de coordenação, que passou de um modelo orientado pelo mercado para a um modelo sinérgico, que tem na verticalização e na hierarquização, os atributos necessários para assegurar o controle e a eficiência das interações. Em outros termos, esse processo representa a transição do acontecer desconexo para o acontecer conexo.

Para Miranda (1997), citado por Meira, Wanderley e Miranda (2005), a coordenação em um processo produtivo está relacionada com a forma como os agentes organizam as atividades de produção, processamento, distribuição e consumo. Nesta perspectiva, quando se trata de organizar as atividades, as empresas podem optar entre dois modelos centrais: mercado e vertical/hierárquico, ou ainda por formas intermediárias que combinem elementos dos dois modelos em uma forma de coordenação específica.

Na forma de mercado, a organização das atividades se orienta pela multiplicidade de agentes autônomos posicionados na instância da distribuição, sendo as demandas do mercado a norma organizadora das relações que operacionalizam a produção. Na forma verticalizada e

hierárquica, a centralidade está na internalização das atividades no interior de uma mesma empresa, que se torna o agente controlador das principais etapas produtivas. Já nas formas híbridas, a coordenação das etapas produtivas se caracteriza por relações específicas, que lidam com a dependência bilateral entre os sujeitos, de modo que a centralidade não é fixada nem no mercado, nem na empresa integradora (BRENZAN; SOUZA, 2012).

De acordo com Meira, Wanderley e Miranda (2005), quando se estabelece uma coordenação verticalizada e hierarquizada, o que ocorre na prática é o deslocamento da centralidade do mercado para a empresa integradora, que passa a operar a partir de objetivos competitivos e institucionais, cuja exequibilidade envolve controle, dominação e burocracia.

Durante todo o período em que esteve sob a coordenação da Azeven, a organização do circuito espacial produtivo da avicultura de corte se deu a partir dos ditames do capital comercial. Neste contexto, o circuito esteve segmentado pela ação de agentes autônomos que surgiram a partir da coordenação incompleta da empresa integradora, cuja atuação se estendia somente até a produção agropecuária, o que fazia da circulação e da distribuição processos controlados diretamente pelo mercado.

Com a chegada da Cialne, as principais etapas produtivas do circuito passaram a ser dominadas por ela. Nestas condições, desde a primeira fase da etapa de produção até os processos de circulação e distribuição, a organização das instâncias geograficamente separadas passou a ocorrer a partir do controle direto da Agroindústria, o que contribuiu para a fomentação do acontecer conexo. Neste sentido, o acontecer conexo emerge a partir do momento em que as relações entre os sujeitos e as interações entre a instância da produção e da distribuição, deixaram de ser influenciadas e direcionadas diretamente pelo mercado, ou seja, pelo um acontecer desconexo.

No que concerne aos usos do território, a nova ordem criada pelo estabelecimento de um arranjo vertical e hierárquico se mostrou indiferente à razão local, pois antes de tudo atende as finalidades do processo produtivo como um todo. Para Santos (2006), quando se estabelece uma união vertical, tal como ocorre na coordenação hierárquica, os vetores de modernização são entrópicos e a nova racionalidade não sobrevive descolada de normas rígidas. Neste sentido, na medida em que em que se impõe um conjunto de normas, o território passa a responder aos novos estímulos conforme a sua própria força, que pode tanto criar uma nova escala técnica, produtiva e organizacional, como fazer da existente um acúmulo de novas e velhas materialidades.

A nova forma de coordenação do circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos, presidida por um conjunto normativo determinado por fatores competitivos e

institucionais específicos da Agroindústria, tem buscado formatar os usos do território e, assim, assegurar a complementaridade e a organização das etapas produtivas em um novo espaço de cooperação. Contudo, essa formatação dos usos do território não é progressiva, não é homogênea e nem possui a mesma velocidade de outros arranjos produtivos, pois a força de sua realização está regulada pelas possibilidades dos agentes locais.

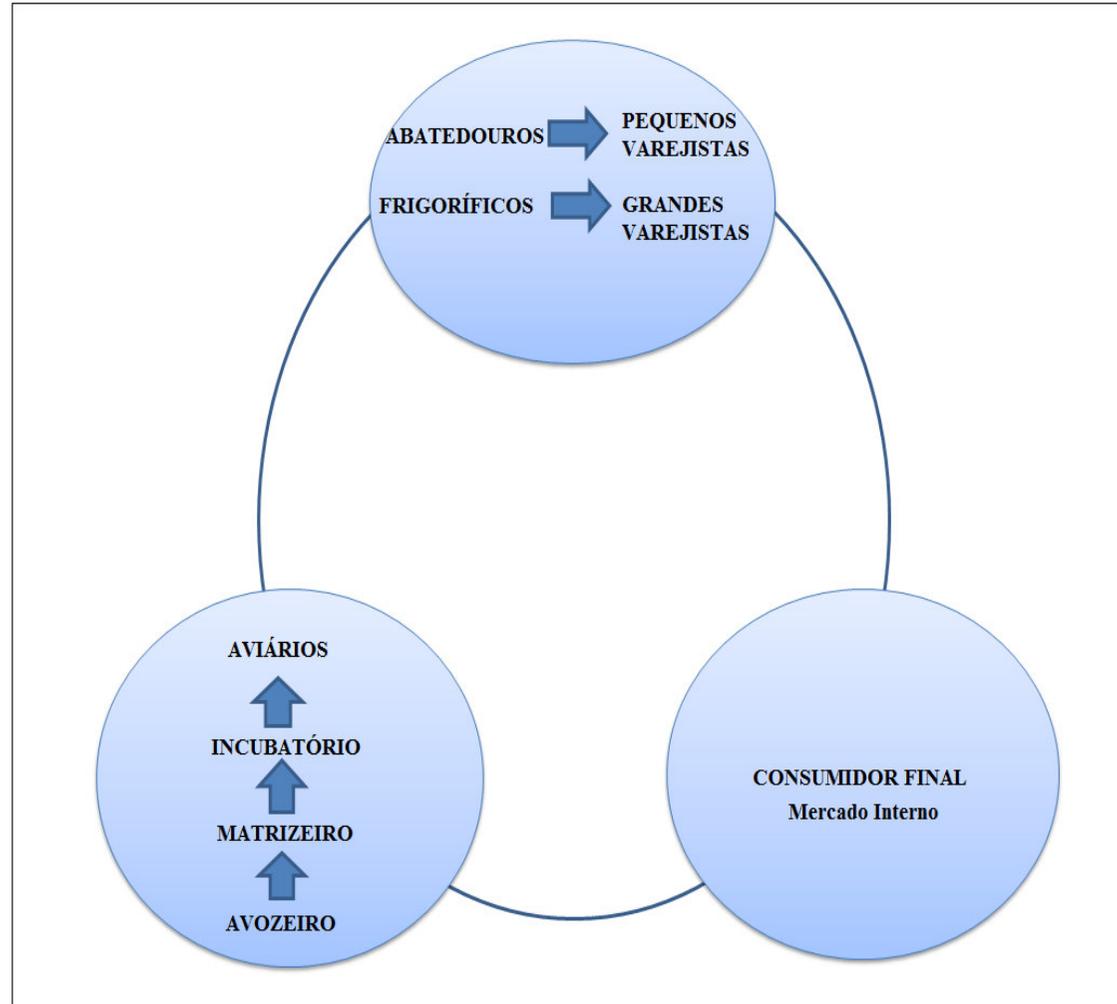
Assim, o processo de racionalização de novos elementos técnicos, produtivos e organizacionais, tem resultado em uma materialidade assimétrica e variável, que se caracteriza pela presença de mudanças e permanências. E nesse caso, a acumulação de velhas e novas formas de realização da produção é viável porque, embora não corresponda aos parâmetros alcançados pelo modo de produção agroindustrial dos circuitos hegemônicos, é capaz de promover a realização da mais-valia em meio à nova escala e o novo escopo do circuito espacial produtivo.

3.4- O circuito espacial produtivo da avicultura de corte e os seus círculos de cooperação sob a coordenação da Cialne

O realinhamento espacial e mercadológico das inter-relações, fez com que o movimento geral do circuito espacial produtivo da avicultura de corte passasse a se desdobrar através de fluxos materiais e imateriais com novas direções, dimensões e intensidades. A ampliação da escala de atuação e a adição de novas contiguidades funcionais deram novos contornos a sua circularidade, fazendo do arranjo geograficamente próximo que correspondia a sua arquitetura organizacional completa, apenas uma parte de uma totalidade mais ampla e dinâmica.

Conforme podemos observar na figura 7, a composição e a sequência das etapas produtivas foram dinamizadas e passaram a comportar um número maior de fases, o que redefiniu todo o processo de interação.

Figura 7: Circuito espacial produtivo da avicultura de corte coordenado pela Cialne



Elaborado pela autora.

A partir da figura 7, observa-se que, sob a coordenação da Cialne, a primeira etapa do circuito espacial produtivo passou a ser constituída pelas fases de criação de linhagens (avozeiros), criação de matrizes (matrizeiro), incubação (incubatório) e criação de frangos de corte (aviários). As etapas de circulação e distribuição reúnem os frigoríficos e abatedouros, que a partir de suas atividades chamam a participar do circuito as figuras do grande e do pequeno varejista. A última etapa, o consumo, se caracteriza pela presença do consumidor interno.

Conforme esse arranjo, o circuito espacial produtivo coordenado pela Cialne começa na fase do avozeiro, que consiste na unidade produtiva responsável pelo alojamento das galinhas avós. As galinhas avós são geradas a partir dos círculos de cooperação estabelecidos com centros internacionais especializados em pesquisas e produção de material genético. Neste sentido, o principal agente a se relacionar com a Cialne é o grupo escocês Erich Wesjoaham, que através da empresa Aviagen fornece as linhagens Ross e Naked Neck (frango do pescoço pelado).

A partir das linhagens de galinhas avós, ocorrem os cruzamentos que dão origem as matrizes, o que faz do matrizeiro a segunda fase da produção. No matrizeiro ocorre à criação das galinhas responsáveis pela geração dos ovos que darão origem aos pintos de corte. Os ovos produzidos no matrizeiro seguem para o incubatório, terceira fase da produção, onde darão origem aos pintos de corte, que seguirão para os aviários.

Após a fase dos aviários, que é a última da instância da produção, tem início o processo de distribuição e circulação. A distribuição do frango de corte no circuito espacial produtivo coordenado pela Cialne ocorre a partir de duas vias: frigoríficos próprios e abatedouros externos. A partir desse arranjo, uma parte da produção é enviada para os frigoríficos pertencentes à Agroindústria, onde a matéria-prima em questão será processada e transformada em produto final (frango resfriado, congelado, em cortes, etc.), enquanto a outra parte é comercializada junto a empresas abatedoras que se encarregam da comercialização do frango em cortes e *in natura*.

A constituição dessas duas vias de distribuição faz surgir, ao mesmo tempo, às figuras do grande e do pequeno varejista. Isso porque, a distribuição da produção a partir dos frigoríficos visa abranger as grandes redes de supermercados, que são importantes agentes de distribuição nos circuitos produtivos da avicultura de corte, enquanto que a distribuição através das empresas abatedoras leva o frango de corte e seus derivados até comerciantes de médio e pequeno porte. É a partir desses agentes que o produto final chega ao consumidor, última instância do circuito espacial produtivo, que se encontra voltada para o mercado

interno, especificamente para frações territoriais que compreendem mercados da região Nordeste.

A partir da configuração do circuito espacial produtivo, os círculos de cooperação estabelecidos concebem relações imateriais entre todos os sujeitos envolvidos no processo produtivo e entre aqueles que influenciam diretamente na sua realização. Como as orientações partem da Agroindústria, a troca de informações, ordens, capitais e conhecimentos segue toda a rede de relações traçada por ela, o que resultou no estreitamento dos círculos de cooperação estabelecidos entre a Cialne e os demais agentes diretamente envolvidos no processo produtivo, e entre a Cialne e os agentes responsáveis pelo fornecimento de materiais, insumos e equipamentos.

Em todos os casos, o papel dos círculos de cooperação é reunir os agentes e as porções territoriais que se distanciaram pelo movimento de redefinição espacial e funcional do circuito de produção, que ao se firmar em uma nova escala demandou outras formas imateriais de complementaridades. Nesta cena, os círculos de cooperação, assim como o circuito produtivo, passaram a ser estruturar verticalmente, estando-os sobre o comando direto de uma centralidade, a Agroindústria.

Nos círculos de cooperação que a Agroindústria estabelece dentro do processo produtivo em si, e neste caso devem-se considerar todas as instâncias do circuito, os agentes compreendidos são os produtores rurais, as empresas abatedoras e os varejistas. Nesta relação, a solidarização acontece a partir da fluidez de informações, ordens e capitais, e atende a contiguidade entre a produção e o seu destino final, o consumo.

Na etapa da produção, as relações imateriais entre Agroindústria e os produtores rurais se estreitam a partir das coordenadas que orientam o processo produtivo. Nestas circunstâncias, a Cialne busca racionalizar através de informações, ordens e conhecimentos disseminados junto aos produtores o seu controle operacional e organizacional na escala da produção agropecuária. A partir da intensificação dos fluxos entre a produção e o consumo, a Agroindústria desenvolve uma cooperação dinâmica que envolve tanto um segmento próprio, o frigorífico, como agentes externos, os abatedouros. Neste contexto, os círculos de cooperação firmados com os abatedouros emergem com o propósito de dinamizar a oferta de produtos e de alcançar um número cada vez maior de agentes distribuidores, o que contribui para uma circulação maior dos produtos.

No que tange aos círculos de cooperação estabelecidos com os setores que auxiliam o desenvolvimento do processo produtivo, os principais agentes a se relacionarem com a Agroindústria são os fornecedores de material genético, os fornecedores de grãos (milho e

soja), os fornecedores de equipamentos, os fornecedores de insumos químicos e o setor de embalagens.

A cooperação estabelecida com os fornecedores de material genético envolve o grupo escocês Erich Wesjoaham. A partir dessa articulação, a Cialne passou a colaborar com o desenvolvimento de espécies capazes de se adaptarem ao clima típico de regiões semiáridas, a exemplo da linhagem do frango do pescoço pelado, e a se beneficiar do desenvolvimento de espécies com maior resistência as condições de ambiência.

Em entrevista realizada em junho de 2015, o gerente administrativo da unidade Paraíba da Cialne, afirmou que a linhagem do frango do pescoço pelado, incorporada no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos, além de apresentar melhor conversão alimentar do que outras linhagens, a exemplo da Ross, quando submetidas ao estresse térmico característico da região produtora, possui uma capacidade maior de resistência, pois o fato de serem parcialmente despenadas ajuda a dissipar o calor com mais facilidade. Com base nesses argumentos, a Agroindústria vê nesse círculo de cooperação estabelecido com o setor de melhoramento genético, uma das principais estratégias para expandir e consolidar a sua atuação nesse circuito.

Em torno da circulação de matéria-prima para fabricação de rações que atendem as necessidades alimentares dos frangos, os círculos de cooperação estabelecidos envolvem produtores de soja e de milho dos Estados Unidos e da região Centro-Oeste do Brasil. Como o circuito produtivo depende essencialmente desse círculo de cooperação, a Agroindústria vem investindo em estratégias para diminuir a dependência das oscilações constantes do preço da soja e do milho. Para isso, na tentativa de tornar os fluxos estabelecidos com esse setor cada vez mais vantajosos, tem optado pela construção de armazéns próximos as regiões produtoras de grãos no Brasil, para que seja possível beneficiar-se dos períodos de preços mais baixos e compor um estoque de reserva (CIALNE, 2015).

Um importante aliado dos circuitos produtivos avícolas, os fornecedores de produtos químicos, compõem um círculo de cooperação com a Cialne a partir da oferta de medicamentos e de suplementos para composição de rações. Essa cooperação está voltada para a sanidade das aves e para a minimização de possíveis riscos que afetem a produção e a produtividade.

Em relação aos círculos de cooperação desenvolvidos com os fornecedores de equipamentos, a Cialne busca na cooperação com agentes nacionais e internacionais a aquisição de equipamentos modernos, principalmente para o setor de processamento. Em relação aos equipamentos dos aviários, que são de posse dos produtores rurais, a cooperação

que se estabelece entre os agentes locais e os fornecedores de equipamentos avícolas ocorre de forma independente, e são os próprios produtores que buscam estabelecer relações com o setor.

Partindo para os círculos de cooperação realizados junto ao setor de embalagens, observa-se que os fluxos estabelecidos estão estruturados entorno da necessidade de conexão entre o setor de processamento e o consumidor final. Neste sentido, a cooperação se dá acerca da relação de proximidade entre a marca, a informação e o relacionamento com o mercado final.

Em meio a todos esses círculos de cooperação, a articulação do circuito espacial produtivo da Cialne com o poder público, o que caracteriza o terceiro círculo de cooperação dos circuitos espaciais produtivos da avicultura de corte, tem sido pequena. Tanto na esfera estadual quanto na municipal, as ações em apoio ao desempenho da avicultura de corte em Pocinhos tem se restringido a medidas indiretas, como a melhoria de estradas vicinais e a limpeza de açudes. No âmbito do poder público estadual, a de se destacar a construção do sistema adutor de Pocinhos, concluído em 2015, e tido como uma obra estrutural para amenizar os problemas oriundos da escassez de água que prejudica a população e a produção agropecuária.

Já na esfera municipal, de acordo com informações coletadas junto a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) no município de Pocinhos, o empenho da administração municipal está voltado para o desenvolvimento da avicultura caipira através da prática artesanal. Neste sentido, para o poder público municipal, a avicultura de corte deve ficar sob a regência das empresas integradoras, restando ao poder público, a adoção de medidas que auxiliam indiretamente o desenvolvimento da atividade como, por exemplo, a limpeza de açudes em propriedades que praticam a avicultura de corte e a melhoria das estradas que articulam as comunidades rurais e que servem ao transporte de materiais para os aviários.

3.4.1- A configuração territorial do circuito espacial produtivo sob a coordenação da Cialne e as novas interações espaciais

Os movimentos de integração funcional e territorial têm um papel fundamental na criação de novas divisões espaciais do trabalho, que aumentam a circulação e assimetria entre os atores (MARTIN LU, 1984 apud SANTOS, 2006). Na medida em que se redefinem essas integrações, ou seja, esses processos de unificação do espaço de realização de uma lógica

produtiva, os contornos assumidos pela configuração territorial implicam uma nova repartição das atividades e expressam uma nova distribuição da hegemonia.

A análise da atual configuração territorial do circuito espacial produtivo da avicultura de corte aponta para um processo de substituição de uma integração territorial e funcional de abrangência local, para uma integração territorial e funcional de abrangência regional. Nestas condições, percebe-se o realinhamento espacial das etapas produtivas a partir da ampliação da circulação e da redefinição das formas de condução da solidarização pelo agente hegemônico. Isso porque a distribuição das instâncias produtivas na região Nordeste, marca a regência do movimento por interações espaciais em quatro estados: Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

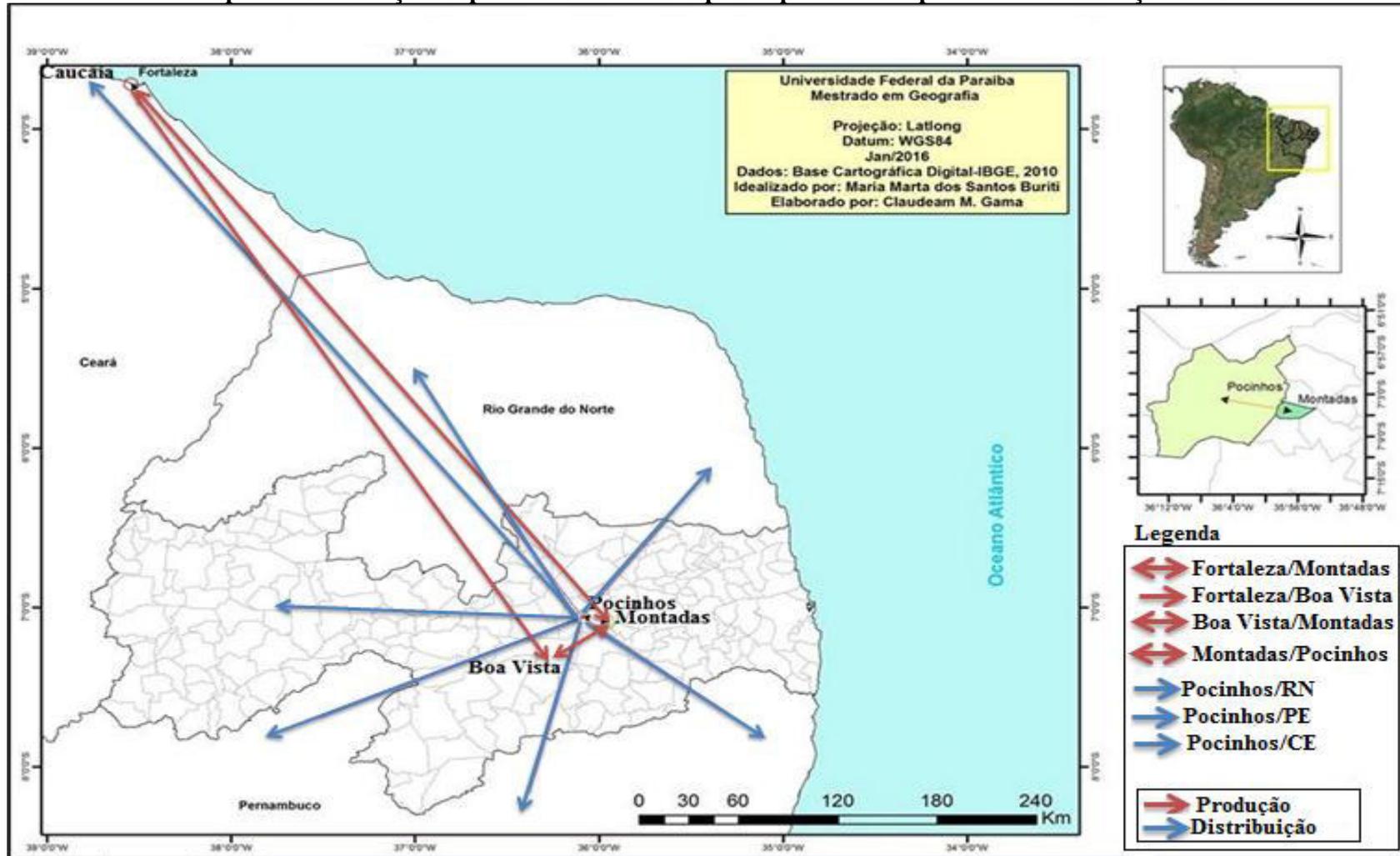
O estado do Ceará consiste no espaço de decisões de onde partem todas as ordens que dão suporte as ações executadas em todo o circuito. Isso significa dizer que, sendo este um arranjo produtivo vertical e hierárquico, o Ceará está na posição mais elevada na repartição territorial da subordinação. Nestes termos, a subordinação aos demais territórios é percebida pela atuação estratégica que desempenha ao longo da estruturação do processo produtivo. Além de abrigar o centro de comando do circuito, o estado acolhe também a primeira fase da etapa de produção, os avozeiros, e uma das fases da etapa de distribuição, os frigoríficos.

No estado da Paraíba, a territorialização do circuito espacial produtivo se alarga através do desenvolvimento das demais fases da etapa da produção: matrizeiro, incubatório, e aviário. Dessa forma, tem sua participação voltada para a produção da matéria-prima, que através das etapas de distribuição será transformada em produto final.

Nos estados de Pernambuco e do Rio Grande Norte, o circuito espacial produtivo se estende a partir das instâncias de distribuição, circulação e consumo. Assim, esses estados são territórios fundamentais para estruturação do processo circulatório da produção.

Conforme esse desenho territorial, as interações espaciais, como demonstradas no Mapa 5, seguem a dinâmica das novas relações materiais que dão suporte a totalidade do circuito produtivo.

Mapa 4- As interações espaciais no circuito espacial produtivo a partir da coordenação da Cialne



Tal como explicitadas no mapa 5, as interações espaciais no circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Cialne, iniciam-se com os fluxos responsáveis pela conexão entre as fases avozeiro e matrizeiro. Essa interação ocorre entre Fortaleza-CE, onde estão as granjas de avós, e o município de Boa Vista-PB, onde se localizam as granjas de matrizes. De Boa Vista até a última fase da etapa da produção, os aviários, os fluxos mantêm as mesmas interações espaciais realizadas no período em que o circuito estava sob a coordenação da Azeven. Dessa forma, a partir das fases do matrizeiro e do incubatório ocorre a interação entre os municípios paraibanos de Boa Vista e Montadas, e das fases do incubatório e dos aviários entre Montadas e Pocinhos.

O município de Montadas, por abrigar o escritório administrativo da Cialne na Paraíba, desempenha ainda um papel importante na mediação das articulações, sendo responsável, através da interação espacial realizada diretamente com Fortaleza, pela difusão do comando na escala da produção.

Desse modo, pode-se inferir que a interação espacial entre Fortaleza e Montadas, consiste no motor propulsor do processo produtivo, uma vez que é ela quem determina a movimentação dos agentes em direção à organização da produção e da articulação espacial com as demais etapas do circuito espacial produtivo.

No âmbito da realização da produção agropecuária, a interação espacial que possibilita a disseminação de normas e informações, acontece entre o município de Montadas e o município de Pocinhos. A partir dessa interação, acontece à estruturação das funções que servem às necessidades específicas do entrelaçamento entre integradora e integrados. Dessa forma, é uma ligação intensa e indissociável, que une os fluxos e deslocamentos em consequência do desenvolvimento da produção agropecuária.

A partir da área de produção agropecuária, tem início as interações espaciais que atendem aos fluxos de distribuição e circulação. Neste contexto, as interações ocorrem entre o município de Pocinhos e os territórios compreendidos pelo espaço dos fluxos da produção em direção ao consumo. Esse espaço de circulação é articulado por interações que unem tanto municípios localizados no estado da Paraíba, como por interações entre o município de Pocinhos e outros estados da região Nordeste, como é o caso do Ceará, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte.

Em relação às interações realizadas entre o município de Pocinhos e os estados de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, essas são responsáveis pela distribuição do frango de corte com empresas abatedoras, que se localizam nesses territórios. É a partir dessa articulação que ocorrem às interações mais longínquas do circuito espacial produtivo. Neste

sentido, a existência dos fluxos que dão sustentação a essas ligações se explica pela presença de funções especializadas e segmentadas no território.

Ainda no emaranhado de fluxos que se estabelecem no processo de circulação e de distribuição e que envolvem a área de produção agropecuária e as empresas abatedoras, ocorre à interação entre Pocinhos e diversos municípios paraibanos, que se localizam em diversas regiões do estado. Neste contexto, o território local, assim como mantém relações mais extensas no espaço nordestino, também se relaciona com territórios mais próximos, pois além de região produtora, a Paraíba também se posiciona nas instâncias de distribuição e de consumo.

Tendo em vista todas essas novas interações espaciais realizadas no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, entendemos que sob a coordenação da Cialne, as ligações entre os territórios alteraram-se tanto em intensidade, como em extensão e diversidade. Diante das multirelações que se firmaram no espaço compreendido pela totalidade do circuito, as interações espaciais se dinamizaram na escala local e transbordaram-se para a escala regional.

Nestas condições, a incorporação do circuito produtivo em uma trama espacial verticalizada promoveu o reordenamento dos vínculos hegemônicos, na medida em que os usos e a organização do território passaram a ser concebidos por dinâmicas forjadas na transversalidade das relações espaciais.

A conformação de novas interações com dimensões e direções mais longínquas reflete apenas uma das formas de realização da totalidade, que diante do seu novo desenho espacial corroborou ainda para o revigoramento das relações de completude estabelecidas entre a produção e a distribuição no estado da Paraíba, e para o enfraquecimento das conexões existentes entre o campo e a cidade.

Conforme vimos anteriormente, quando esteve submetido pela coordenação da Azeven, o circuito espacial produtivo da avicultura de corte se deteve a interações espaciais que contemplavam frações regionais do estado da Paraíba e, na escala da produção agropecuária, a relação campo-cidade. Contudo, perante a recriação do espaço dos fluxos essa trama relacional foi redefinida pela dinamização das formas de complementação entre as instâncias de produção e da distribuição no território paraibano e pela destituição da relação entre a produção e o comércio local, o que desfez a solidarização campo-cidade no âmbito do desempenho do circuito espacial produtivo.

A dinamização das formas de complementaridade entre as instâncias da produção e da distribuição na Paraíba se deu pela desconcentração espacial das articulações, que deixaram de ser polarizadas somente pelo Sertão e pela região metropolitana de João Pessoa e passaram

a percorrer diversas áreas do estado. Já no que se refere à destituição das relações estabelecidas entre a produção e o comércio local de Pocinhos, esse processo ocorreu em função dos vetores institucionais e competitivos impostos pela coordenação da Cialne, que não permitem a realização de transações sob os aspectos até então postos para essa interação, ou seja, a comercialização de frangos de corte em pequenas quantidades e sem a apresentação de notas fiscais.

Dessa forma, levando-se em consideração as mudanças nas interações espaciais no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, percebe-se que as novas complementaridades e solidariedades espaciais estabelecidas expressam a transferência das ações e relações para uma espacialidade vertical. Assim, as interações espaciais são resultado da redefinição do movimento da totalidade, que a partir de suas novas fragmentações, estrutura novas formas de articulação e um novo sistema de ordens e normas para se pensar os usos do território.

3.5- A reestruturação produtiva na escala da produção agropecuária: o território como a dimensão socialmente construída

A reestruturação produtiva ocorrida na avicultura de corte fez da escala industrial o setor mais atingido (MIZUSAKI, 2007). O avanço dos sistemas agroindustriais pelo espaço geográfico torna-se representativo das diferentes formas como as necessidades e imposições do capital industrial se intercalam com as condições sociais, econômicas, técnicas e políticas de cada território, adquirindo, assim, uma dimensão territorial particular.

No circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos, as transformações desencadeadas a partir da territorialização da Cialne e do monopólio do capital industrial vêm contribuindo para um processo de reestruturação produtiva, que, embora recente, já apresenta mudanças no ambiente competitivo, institucional, organizacional e técnico.

O desenvolvimento da avicultura de corte em escala nacional é marcado pela emergência de um ambiente competitivo que se organizou em face do exponencial aumento do consumo de carne de frango. Neste contexto, ao curso da consolidação dos mercados internacionais e do rápido crescimento do mercado interno, o setor avícola tem apresentado um dinamismo diferenciado que se manifesta pela atuação de circuitos espaciais produtivos de diversas extensões e complexidades.

Diante desse quadro, a forma variável como os circuitos produtivos se organizam em termos de escalas de operação, grau de verticalização, diversificação setorial, densidade

técnica e estratégias de coordenação, está relacionada com as determinações do ambiente competitivo que é quem dita às “regras do jogo”. Nestas condições, a configuração das relações contratuais estabelecidas entre os diversos agentes nas várias etapas produtivas, reflete a movimentação das empresas e agroindústrias no sentido de assegurar a participação e a competitividade em uma determinada fração territorial e setorial do mercado avícola.

Partindo dessa perspectiva, quando analisamos os rearranjos institucionais promovidos pela Cialne no sistema de integração do circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos, percebemos que se trata de medidas que sinalizam para uma nova fase de operação do circuito, impulsionada por novas perspectivas competitivas dadas pela entrada em um novo setor, o industrial, e pela abertura de novos mercados na região Nordeste.

Em linhas gerais, a mudança institucional mais relevante implantada pela Cialne no sistema de integração corresponde ao redirecionamento das relações entre integradora e integrados para os moldes empresariais. Os motivos que estruturaram a transformação dos produtores em empresários rurais se apresentam, inicialmente, orientados pela premissa de que a incorporação da natureza empresarial à etapa da produção agropecuária está disciplinada pelos atributos que sustentam a legalidade das transações realizadas pela Agroindústria, atributos estes, que fazem da emissão de notas fiscais uma medida obrigatória em qualquer tipo de transação. Todavia, o estabelecimento desse arranjo contratual tem ainda como finalidade estreitar o relacionamento com os produtores e elevar os níveis de dominação, permitindo, assim, a criação de canais para difusão de melhorias organizacionais, técnicas e produtivas.

Nestes termos, a redefinição das relações contratuais entre os agentes econômicos que compõem o sistema de integração corresponde à interface do processo de reestruturação produtiva do circuito, em que a difusão da racionalidade do modo de produção agroindustrial começa pela reforma do ambiente institucional e, em uma marcha estrutural, repercute, por todo o circuito espacial produtivo.

A evolução das formas contratuais mostra, sem embargo, o domínio estratégico do capital industrial, que através da etapa de processamento, torna-se o elo entre a produção e o mercado final e, conseqüentemente, o principal determinante da racionalidade institucional, produtiva, organizacional e tecnológica do circuito de produção.

A análise da arquitetura contratual revelou que as relações entre Agroindústria e produtores rurais, agora caracterizados como empresários rurais, são regulamentadas através de contratos formais. No entanto, foi identificado que a principal forma de coordenação da

produção avícola se dá através de regras informais, que são responsáveis pela difusão dos pressupostos comportamentais, organizacionais e produtivos.

A análise dos contratos formais revelou que estes correspondem a uma forma básica de contrato, cujo objetivo principal é regulamentar a legalidade das transações a partir da especificação dos produtores como empresários rurais devidamente inscritos no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) e, portanto, aptos a emitirem notas fiscais de produção. Neste contexto, os contratos formais se caracterizam pela incompletude de diretrizes e deixam de contemplar cláusulas importantes quando se trata da especificação das partes nos sistemas de integração. Assim, questões relevantes como a responsabilidade em possíveis prejuízos; a divisibilidade dos custos com insumos e assistência técnica; o cálculo da conversão alimentar; e as resoluções de eventuais conflitos, deixam de ser contempladas.

Além disso, por se tratar apenas de uma regulamentação da relação entre integrados, os contratos formais não determinam regime de duração, de modo que, não havendo o desejo de nenhuma das partes em romper a relação de integração, o contrato transcorre por tempo indeterminado. Esse quadro infere incerteza a parceria entre os agentes no sistema de integração, que passa a ter sua continuação relacionada a outro aspecto também negligenciado pelos contratos formais, a frequência das transações. A frequência das transações, ou seja, a frequência com que os lotes são alojados, por sua vez, está vinculada aos índices de produtividade que são erguidos a partir de regras, normas e ações postas em exercício de modo informal.

As regras informais disciplinam sobre as principais atribuições do processo produtivo, a exemplo dos custos dos insumos fornecidos, das responsabilidades por eventuais elevações na taxa de mortalidade, e de todas as medidas referentes ao manejo dos pintos (altura dos comedouros e bebedouros, frequência do abastecimento de ração, disposição do sistema de ventilação, entre outros) que repercutem diretamente nos índices de produtividade.

Neste contexto, observa-se que a forma como as relações informais são utilizadas para dispor/impor atribuições para o processo produtivo reflete uma tendência dos sistemas de integração, que tem se consolidado por meio do uso estratégico de interações que favorecem o desempenho agroindustrial sobre os produtores.

Considerando que a reprodução social e econômica dos produtores- empresários está diretamente subordinada a esse arranjo informal, a imposição de um padrão normativo em que a frequência, os custos e a flexibilidade das transações, encontram-se determinados exclusivamente pela Agroindústria, eleva o nível de desigualdades entre o grande capital e o pequeno produtor. Desta maneira, o estabelecimento de um arranjo contratual que se

regulamenta formalmente e se executa de maneira informal é percebido pelos produtores como uma medida que gera desequilíbrios e, sobretudo, falta de transparência nas transações realizadas em todo o período de alojamento dos frangos.

Em um nível mais imediato, a principal fonte de contrariedade reside no fato de todas as decisões referentes ao processo produtivo estarem internalizadas e personalizadas pela Agroindústria. Em entrevista realizada em novembro de 2015, um dos produtores rurais entrevistados afirmou que quando o desempenho do lote é afetado por algum problema, não há um esclarecimento por parte da Agroindústria em relação às causas e as responsabilidades, o que torna o prejuízo sempre mais pesado para o produtor.

Do ponto de vista da Agroindústria, a política institucional implantada nas relações contratuais do sistema de integração, sedimenta a estrutura organizacional necessária para promover e assegurar as condições de participação dos produtores em uma nova cena competitiva. Nesta perspectiva, é vista como um processo evolutivo que passa pelo um momento de adaptação, mas que tende a se consolidar.

A partir de um panorama geral, percebe-se que as novas relações contratuais além de medidas normativas naturais à nova fase de operação do circuito, consistem em um mecanismo para difusão do modo agroindustrial de produção. Neste contexto, incluem-se as mudanças organizacionais e técnicas como fatores da reestruturação produtiva que aparecem imbricados e inter-relacionados com as diretrizes do ambiente institucional.

As mudanças organizacionais identificadas na produção agropecuária têm a ver com a necessidade de incorporar novas metodologias de gestão ao processo produtivo, que passou a exigir dos produtores- empresários além da capacidade do “saber fazer”, a competência para gerenciar um espaço de decisões e de ações muito mais complexo, cujas variáveis principais decorrem da racionalidade do modo agroindustrial que predomina em todo circuito produtivo.

Nessa perspectiva, foi identificado um esforço por parte dos produtores rurais no sentido de criar estratégias organizacionais capazes de harmonizar as condições internas e os novos custos e objetivos do processo produtivo. As principais estratégias observadas com essa finalidade dão conta de que ocorreu uma diligência dos agentes locais na direção de um planejamento mais eficaz do uso de recursos e da mão-de-obra utilizada.

Dos 70 produtores rurais pesquisados, 78% afirmaram que passaram a adotar orçamentos com controle de todos os custos envolvidos na produção. Na concepção deles, essa medida tornou-se relevante ao passo em que a inserção de novos desembolsos com os tributos federais não foi paralela ao aumento da margem de lucro. Os agentes locais alegam

que, em termos práticos, a figura jurídica de empresário rural passou a ser equivalente a condição de produtor rural, de modo que o lucro real permaneceu o mesmo.

Para um dos produtores rurais entrevistados:

Se não fizer as contas direito vai ter muito prejuízo, por que o mesmo dinheiro que está entrando é o que entrava antes. Então, na prática nos estamos tendo um custo a mais sem compensação nenhuma, já que não aumentou o valor recebido por cada lote. (Entrevista realizada em novembro de 2015).

Os custos com o ciclo de produção envolvem tanto gastos variáveis como gastos fixos, de modo que incluem despesas com a cama do aviário, energia elétrica, gás e/ou lenha, limpeza dos aviários, mão-de-obra, e eventuais ou propositais reparos na aparelhagem técnica e estrutura física dos aviários. Os efeitos mais contundentes da redução de custos foram sentidos na composição da mão-de-obra e na organização das relações de trabalho.

No que concerne ao gerenciamento do uso de mão-de-obra, observou-se que o propósito de reduzir custos e de eliminar encargos tributários com empregados rurais, contribuiu para a intensificação do trabalho familiar. A intensificação do uso da mão-de-obra familiar justifica-se pelo baixo custo e pelas facilidades de gestão.

Da mesma forma como as determinações institucionais promoveram mudanças organizacionais, favoreceram também as inovações técnicas. De forma genérica, a racionalidade do capital industrial é disseminada nos sistemas técnicos da avicultura de corte com o propósito de elevar os índices de produtividade, reduzir custos, padronizar a base técnica e potencializar aspectos qualitativos. Nestes termos, em maior ou menor grau, é nesta direção que os efeitos da racionalidade do capital industrial atingem os circuitos espaciais produtivos e os territórios.

Em relação à reestruturação técnica na escala da produção agropecuária do circuito espacial produtivo da avicultura de corte aqui estudado podemos observar que, a partir do monopólio do capital industrial, as principais mudanças identificadas ocorreram através de duas vias. A primeira diz respeito à introdução de inovações técnicas no interior dos aviários a partir da substituição de equipamentos sucateados e da introdução de sistemas semiautomáticos. Já a segunda via, se caracteriza pelo melhoramento e ampliação da estrutura física dos aviários existentes.

No que se refere à introdução de novos elementos na densidade técnica dos aviários, a principal alteração tem sido a expansão dos sistemas semiautomáticos, que se caracterizam por combinarem, ao mesmo tempo, tanto equipamentos manuais como automáticos. Desse

modo, são modelos que correspondem a formas intermediárias entre os sistemas convencionais, ou seja, aqueles totalmente manuais, e os sistemas automatizados.

O sistema operacional que predominou no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos desde a sua instituição, foi o modelo convencional. Em pesquisa realizada em 2013, quando o circuito ainda estava sob a coordenação da Azeven, constatou-se que dos 195 aviários existentes, 119 eram do tipo convencional, 24 eram automáticos e 52 eram semiautomáticos. Esses dados confirmam a existência de uma densidade técnica tradicional e fundamentalmente organizada entorno dos modelos operacionais manuais.

Em 2015, diante da coordenação da Cialne e da influência do capital industrial, a disposição dos sistemas operacionais manuais ainda se mostrou predominante. Todavia, perderam espaço frente à expansão dos sistemas semiautomáticos. De acordo com os dados apresentados na tabela 3, é possível observar como se deu essa evolução.

Tabela 2- Padrão tecnológico dos aviários (2013-2015)

Tipo aviário	2013	%	2015	%
Convencional	119	61,0	110	51,9
Semiautomático	52	26,7	77	36,3
Automático	24	12,3	25	11,8
TOTAL	195	100,0	212	100,0

Fonte: Trabalho de campo

Conforme pode ser observado na tabela 3, em 2015 o número de aviários registrados foi maior do que em 2013. Essa elevação está relacionada a dois fatores específicos: o aumento no número de produtores integrados, que passou de 70 para 92; e a ampliação das granjas existentes a partir da construção de novos aviários. Em face dos dados apresentados, percebe-se que as mudanças mais relevantes se deram em relação à redução do número de aviários convencionais, que passou de 61% em 2013 para 51,9 em 2015, e em função da expansão dos aviários semiautomáticos, que passou de 26,7% em 2013 para 36,3% em 2016.

A forma como a evolução do padrão tecnológico dos aviários tem sido conduzida pela expansão dos sistemas semiautomáticos, demonstra como ocorre a regulação da racionalidade do modo de produção agroindustrial pelas forças do território. Isso porque, a necessidade de se introduzir novos vetores técnicos na escala de produção passa a se realizar no território conforme as possibilidades dos agentes locais, que criam formas de mediação entre os novos vetores técnicos e suas condições econômicas.

Dessa forma, as possibilidades dos produtores rurais diante da necessidade de melhorias na densidade técnica, estão sendo responsáveis por gerar uma forma de mediação caracterizada pela incorporação parcial de novos equipamentos. Assim, como não possuem recursos suficientes para instalar sistemas automáticos, os produtores rurais optam pelo uso dos sistemas semiautomáticos, que são mais acessíveis financeiramente e são capazes de acrescentar boas condições de operabilidade aos aviários.

No que concerne às mudanças na estrutura física dos aviários, o que representa a segunda via de reestruturação da densidade técnica, as principais alterações se deram no contexto do melhoramento da infraestrutura (telhado, colunas centrais, etc.) e da ampliação das granjas a partir da construção de novos aviários. De acordo com os produtores, a reforma dos aviários tem por objetivo melhorar as condições de criação do frango de corte, através de um melhor acondicionamento das aves. Neste sentido, a ampliação dos aviários surge como uma possibilidade para aumentar a produção e, conseqüentemente, elevar os índices de produtividade.

Dessa forma, consistem em medidas que, em menor ou maior grau, sinalizam para a acomodação das inovações trazidas pela racionalidade do modo de produção agroindustrial, que mesmo não se difundindo de forma intensa e homogênea, se espalha gradativamente pelo território.

Assim, tendo em vista esses aspectos da densidade técnica e os demais apresentados, percebe-se que a reestruturação produtiva na escala da produção agropecuária, embora seja um processo muito recente, já apresenta sinais expressivos que dão conta da recriação das formas de organização e de produção para atender as necessidades de reprodução do capital industrial.

Neste sentido, reforçamos a ideia de que a reestruturação produtiva é um fenômeno natural e inerente à reprodução do capital no circuito espacial produtivo da avicultura de corte. Todavia, possui uma dimensão particular e socialmente construída porque está regulada pelo o território em que está sendo difundida. Território este, que além de influenciar na configuração das formas materiais, influencia também na construção das sociabilidades decorrentes de toda essa racionalidade instituída.

3.6- O circuito espacial produtivo da avicultura de corte sob a coordenação da Cialne e os novos contornos da relação de sujeição: a subordinação da agricultura familiar ao capital industrial

Ao longo do seu processo evolutivo, a avicultura de corte tem se caracterizado pela intensa relação estabelecida com a agricultura familiar, que ganhou importância através da consolidação do modelo de produção integrada. Neste cenário, o sistema de integração apresenta-se como uma estratégia fundamental para reprodução ampliada do capital industrial, que através de uma territorialização expandida se apropria cada vez mais do trabalho e da renda da terra gerada pelo produtor familiar.

Em face dessa situação, as relações de produção estabelecidas entre a agricultura familiar e as agroindústrias no âmbito dos contratos de integração têm sido notadamente assimétricas e direcionadas para a subordinação e a sujeição do produtor familiar ao capital industrial. Segundo Tsukamoto (2000, p. 130), na medida em que as relações capitalistas de produção se modernizaram, ocorreu uma pressão para que o produtor familiar aderisse paulatinamente às imposições do capital industrial. Em termos simples, isso significa dizer que nos interstícios de cada relação estabelecida entre a agricultura familiar e as agroindústrias sempre irá predominar um nível e um grau de subordinação, necessários a disseminação dos vetores que servem a racionalização do território e dos agentes pelo capital.

Em conformidade com o pensamento de Tsukamoto (2000, p. 131):

A subordinação do produtor à indústria se dá por meio da comercialização. Conforme a relação que o produtor mantém com a indústria, obtendo financiamento dos insumos, por exemplo, a matéria-prima produzida é utilizada para saldar as dívidas contraídas. Essa dívida é muitas vezes saldada, compulsoriamente, via contra entrega da matéria-prima, sendo incluída aí os juros e correções.

Nesta linha de raciocínio, a subordinação do produtor familiar ao capital industrial se constrói a partir do momento em que o capital passa a regular e a controlar as condições de existência do produtor e de sua família (MARTINS, 1983 apud TSUKAMOTO, 2000). Neste sentido, na medida em que ocorre a integração entre o produtor familiar e a agroindústria, o capital industrial, ao se apropriar da matéria-prima produzida no campo atrai para si a capacidade de decisões que pertenciam ao produtor.

Para Engelbrecht (2014), o fato dos produtores perderem para o capital o direito de decidir sobre o processo de produção que serve ao sustento de sua família, colabora para uma

alienação política e ideológica, que faz com que esses agentes se subordinem à agroindústria em nome de uma suposta manutenção ou melhoria da renda gerada pela integração. Nessa perspectiva, é com esta concepção que os produtores, ao se integrarem ao capital industrial, passam a adotar o modelo produtivo, organizacional e técnico imposto.

De acordo com Silva e Hespanhol (2009), a subordinação dos produtores familiares às agroindústrias nada mais é do que uma estratégia para que não sejam expropriados da terra. Nestas condições, a subordinação se explica pela possibilidade de um retorno econômico mais rápido e regular dos investimentos realizados, através da comercialização direcionada da matéria-prima produzida (SILVA; HESPANHOL, 2009). Assim, a relação de subordinação se perpetua, de um lado pelos interesses do capital e, por outro, pelas necessidades do produtor familiar.

Sinalizando essas duas causas, a relação de subordinação construída entre os produtores rurais e a Agroindústria no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em Pocinhos, deve-se ao interesse do capital industrial em cristalizar o seu domínio no território e ao fato dos agentes locais terem suas principais vias de reprodução social e econômica no campo, vinculadas exclusivamente as relações capitalistas de produção estabelecidas na avicultura de corte.

Conforme discutido anteriormente, a expansão do capital avícola no campo no município de Pocinhos se deu no contexto da sujeição da agricultura camponesa às novas relações capitalistas de produção instituídas pela avicultura de corte. Dessa forma, a agricultura familiar já se insere no circuito espacial produtivo da avicultura de corte em uma situação de sujeição, que começou com a apropriação da renda da terra pelo capital avícola e se alargou pelas imposições advindas do relacionamento econômico e financeiro dos produtores com a empresa integradora. Neste cenário, a relação de sujeição se construiu tanto pelo empenho do capital avícola em estruturar o território com os objetos técnicos necessários a sua reprodução, o que pressionou diretamente os produtores, como pela necessidade dos produtores de se inserirem na lógica produtiva estabelecida.

Com a influência do capital industrial no circuito espacial produtivo, a relação de sujeição já existente ganhou novos contornos, que expressam, de forma geral, a subordinação da agricultura familiar aos interesses competitivos, organizacionais e produtivos da Agroindústria. Nestes termos, na ordem dos fatores, a sujeição é um processo que antecede e que acomoda a subordinação.

No que se refere à participação da agricultura familiar no circuito produtivo aqui analisado, esta se configura como a principal força de realização da atividade na escala local.

Dos 70 produtores pesquisados (de um total de 92 integrados) constatou-se que a agricultura familiar responde por 83% dos produtores que participam do circuito espacial produtivo da avicultura de corte.

É válido ressaltar que estamos considerando como produtor familiar, o sujeito que, independente de sua situação em relação à posse da terra (seja ele proprietário, arrendatário, posseiro, etc.), se apropria do trabalho familiar e tem sua reprodução social e econômica vinculada às relações de produção capitalista que desenvolve junto a Agroindústria.

A subordinação dos produtores familiares aos interesses da Agroindústria no circuito espacial produtivo da avicultura de corte é evidenciada em várias e diferentes situações, que se põem em exercício tanto de forma direta como indireta. A subordinação direta se dá no âmbito das relações estabelecidas no processo produtivo em si, ou seja, pelas pertinências do processo de criação e engorda dos frangos. Já a subordinação indireta, se realiza no contexto da submissão da produção à circulação e envolvem as necessidades do capital industrial de impor uma racionalidade produtiva, técnica e organizacional favorável a sua reprodução ampliada.

A subordinação direta tem como condição providencial a internalização das decisões na Agroindústria e se realiza, fundamentalmente, através das regras informais que servem ao funcionamento das relações de produção. Através dessas regras ocorre a imposição e a determinação de fatores e normas, que muitas vezes atende, necessariamente, as demandas da integradora.

No âmbito da subordinação indireta, observa-se que as imposições, por parte da Agroindústria, vêm sendo construídas de forma gradativa através de um conjunto de práticas que atuam no sentido de reestruturar o território conforme os interesses do capital industrial. Conforme esse propósito, a subordinação se evidencia a partir da transformação dos produtores em empresários rurais.

Essa medida atende exclusivamente aos interesses da circulação da produção, tendo sido imposta, em um primeiro momento, para dar suporte às transações realizadas pela Agroindústria. Neste sentido, se configura como uma condição de subordinação contextualizada no novo cenário competitivo do circuito espacial produtivo, que promoveu a necessidade de rever às formas de inserção da produção nas instâncias de circulação e distribuição.

Além de proposital aos novos movimentos circulatórios, a transformação do produtor em empresário rural consiste em um mecanismo de submissão que serve a imposição de outros vetores do modo de produção agroindustrial. Assim, é também um instrumento para a

subordinação da densidade técnica da produção, uma vez que é através dele que os produtores terão condições de se relacionar com as instituições bancárias e alcançar investimentos financeiros necessários para modernizar os sistemas de produção.

Dentro desse contexto, as pressões para que novos conteúdos técnicos sejam introduzidos na escala da produção agropecuária não ocorre de forma direta, mas consubstanciadas por medidas que fazem da modernização da base técnica uma necessidade fundamental. A subordinação dos produtores aos vetores tecnológicos ocorre pela imposição de níveis elevados de produtividade, o que faz da modernização e do melhoramento da base técnica, uma necessidade permanente.

Essa forma de subordinação se estabelece porque há uma combinação entre o interesse da Agroindústria em modernizar e ampliar a produção, e o empenho dos produtores para se adequarem as novas condições. A possibilidade de modernizar a produção representa o aumento da produtividade, que corresponde, por sua vez, em uma oportunidade para ampliar a geração de renda, o que para a Agroindústria significa apropriar-se de uma parcela maior da renda da terra, enquanto para os produtores é uma possibilidade de ganhos adicionais.

De acordo com um dos produtores entrevistados, o melhoramento da base técnica corresponderia a um avanço significativo em sua situação produtiva e socioeconômica, uma vez que, alcançando uma produtividade maior elevaria o retorno financeiro da atividade. Todavia, o mesmo produtor, alega tratar-se de um processo difícil, já que os investimentos em aparelhagem envolvem um alto custo.

A falta de capital para investimentos na base técnica é uma das grandes problemáticas enfrentadas pelos produtores, que diante de uma margem de lucro estreita concentram esforços apenas na manutenção das estruturas já instaladas. Na visão de outro produtor “a utilização de financiamentos bancários para o melhoramento da aparelhagem dos aviários é inviável, porque não há estabilidade na relação contratual estabelecida” (Entrevista realizada em novembro de 2015).

Com base no argumento dos produtores, observa-se um grande interesse por parte dos agentes locais em alcançar níveis elevados de produtividade a partir da modernização da densidade técnica. No entanto, a simples transformação dos produtores em empresários rurais não oferece condições seguras para que esse processo seja acelerado através da prática de financiamentos bancários, tornando, assim, o processo mais lento, uma vez que depende, essencialmente, dos poucos e escassos investimentos pessoais de cada produtor.

Considerando estes e os demais aspectos mencionados, percebe-se que a questão da subordinação da agricultura familiar ao capital industrial está enraizada na relação de sujeição historicamente construída pelo processo de expansão do capital avícola, que já inseriu o produtor familiar na lógica de produção da avicultura de corte como um agente sujeitado; e conduzida pela intensificação da dependência das condições de reprodução social e econômica dos produtores ao sistema de integração.

Por fim, cabe ressaltar que a subordinação gera insatisfação, mas não gera resistências. A dominação do capital industrial sobre os produtores e a produção é, ao mesmo tempo, social e econômica e, nestas condições, o enfretamento da subordinação não comparece para os agentes locais como apenas formas de luta, mas, sobretudo, como uma ameaça real a sua permanência no sistema de integração. Essa concepção dos produtores está presidida pelo fato de terem perdido o controle das condições de produção que servem a sua existência, o que consequentemente, os faz dependente dos agentes que detém o comando sobre eles.

Considerações Finais

O território é uma trama espacial complexa que vai sendo construída e reconstruída através de um conjunto de práticas econômicas, sociais, políticas e técnicas, que servem ao domínio de uma racionalidade hegemônica. No atual período de globalização, as condições, as circunstâncias e as velocidades com que essas práticas incidem e envolvem os usos do território não devem ser vistas somente no contexto da lógica universal, mas, sobretudo, através da dialética que transforma a unidade em diferenças e que combina mudanças e permanências.

Foi a partir desse entendimento, que buscamos entender a ação de racionalidades hegemônicas distintas no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, e a inferência de suas práticas, dinâmicas e interações espaciais na produção e organização do território. Para isto, a estrutura teórica e empírica adotada nos possibilitou analisar como o circuito espacial produtivo da avicultura de corte e os seus círculos de cooperação, por meio de formas e movimentos, percorre o espaço e usa o território de acordo com as necessidades e interesses da ação hegemônica.

Quando a ação hegemônica no território se transforma, a renovação das formas materiais e imateriais torna-se imperativa, pois uma nova força não se realiza sem a instalação de um sistema de objetos e ações correspondente à sua ideologia. Em cada movimento diferente da produção emergem vetores específicos, cujo significado e valor só podem ser explicados pela sua qualificação na totalidade.

Tratando-se do circuito espacial produtivo da avicultura de corte e levando-se em conta os aspectos analisados, percebe-se que a redefinição da ação hegemônica a partir da transferência do comando da Azeven para a Cialne foi responsável pela instituição de um novo movimento no espaço, que passou a formatar os usos do território de acordo com novas dinâmicas e interações espaciais.

No final da década de 1990, a instituição do circuito espacial produtivo da avicultura de corte e a participação do município de Pocinhos como área de produção agropecuária, corroboraram para a rápida expansão do capital avícola no campo. Neste cenário, a estruturação do território se deu em torno da inserção de objetos e ações pertencentes ao modo de produção avícola.

A territorialização do circuito espacial produtivo da avicultura de corte no território Pocinhense promoveu uma série de transformações, que envolveram mudanças na organização territorial e nas relações sociais de produção. A intensificação do modo de

produção capitalista no campo, através dos sistemas produtivos da avicultura de corte, resultou em territorialidades e sociabilidades próprias, que se tornaram ilustrativas do modo particular como o capital avícola se apropria do espaço e usa o território para se reproduzir.

Ao longo do período em que esteve sob o comando da Azeven, o circuito espacial produtivo da avicultura de corte se caracterizou por um movimento, em que a realização da totalidade se limitava as possibilidades de circulação no estado da Paraíba. Neste contexto, as interações espaciais se projetaram pela necessidade de articulação das instâncias produtivas em pequenas frações territoriais do estado.

Considerando que a circulação prevalece sobre a produção e a fluidez é o pilar central da competitividade (SANTOS, 2006), a partir da configuração territorial do arranjo produtivo coordenado pela Azeven, foi possível distinguir os fatores competitivos, organizacionais e técnicos, impressos por sua força na realização do circuito produtivo e, conseqüentemente, nos usos do território. Nestes termos, cada um desses fatores se mostrou moldado por vetores propriamente competitivos, em que a complexidade era correspondente à dimensão territorial e setorial do mercado abrangido. Dessa forma, tendo como referência espacial frações territoriais limitadas e como referência mercadológica segmentos pouco dinamizados, a coordenação da Azeven esteve consubstanciada em aspectos organizacionais e técnicos simples, principalmente, quando comparados com os circuitos hegemônicos.

No território, as dinâmicas geradas pela coordenação da Azeven no circuito espacial produtivo da avicultura de corte clarificaram o papel da circulação como elemento fundamental para a disposição espacial dos objetos e ações. Neste sentido, embora com extensões, direções e complexidades limitadas, a circulação projetou interações espaciais que demandaram o uso estratégico do território para aumentar a fluidez no sistema de redes compreendido pela totalidade do circuito.

A partir da chegada da Cialne em 2014, o movimento da produção, circulação, distribuição e consumo foram recriados através da redefinição da escala de incidência da força hegemônica. Neste processo, na medida em que ocorreu o alargamento dos contextos produtivos e a expansão do espaço dos fluxos, aconteceu o realinhamento das interações espaciais e das dinâmicas territoriais, que passaram a submeter os usos do território a novos vetores.

Em linhas gerais, a atuação da Cialne sinaliza para a emergência de uma nova cena do desempenho capitalista no circuito espacial produtivo da avicultura de corte, marcada, sobretudo, pela difusão da racionalidade do capital industrial. Nestes termos, o domínio do

capital industrial, evidenciado nos circuitos produtivos da avicultura de corte pelo setor de processamento, não se dá pela sua territorialização, mas pela monopolização do território.

A participação da Cialne no circuito espacial produtivo da avicultura de corte não representa uma simples adição de novos elementos, agentes e territórios a um movimento já existente, mas sim o estabelecimento de um novo movimento que encaixou uma existência técnica, produtiva, social e econômica a sua forma de realização.

Neste sentido, a ordem atual se impõe pela realização de interações espaciais múltiplas e dinâmicas, que alcançam na escala regional os níveis de complementaridade necessários ao funcionamento do circuito produtivo. Desse modo, a racionalidade dos fluxos está a serviço de demandas competitivas delimitadas pela obtenção da mais-valia nos mercados consumidores da região Nordeste, o que na prática resultou no deslocamento das instâncias de circulação, distribuição e consumo da escala local para a escala regional.

A influência do capital industrial desencadeou a necessidade de um controle coordenado, que passou a estruturar as etapas, os agentes e os territórios, de forma vertical e hierárquica. A partir de um controle centralizado na Agroindústria, os comandos se multiplicaram e se diversificaram, passando a servir exponencialmente a normatização técnica e organizacional do território.

Se por um lado, a influência do capital industrial e a organização hierárquica do circuito espacial produtivo da avicultura de corte conduziram a instalação de novas formas materiais; por outro, trouxeram novos elementos para se pensar as sociabilidades construídas entorno das relações de produção da avicultura de corte.

Em ambos os casos, foi possível perceber que se trata de processos resultantes da relação contraditória que envolve a ação da força hegemônica e o seu empenho em tornar os usos do território e as relações sociais, obedientes a sua racionalidade. Assim, o novo movimento da produção atinge de forma abrasiva tanto o território, como os agentes sociais.

Tendo em vista os aspectos observados e analisados ao longo do texto, entende-se que as novas interações espaciais e dinâmicas territoriais no circuito espacial produtivo da avicultura de corte a partir da atuação da Cialne se dão no contexto de uma mudança de escala e de escopo do movimento da produção e da circulação. Logo, a qualificação de novos fatores competitivos, técnicos e organizacionais não vem descolada de redefinições nas formas de estruturação e de funcionamento do território, como identificadas na área pesquisada.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo-Rio de Janeiro-Campinas: Editora Hucitec, ANPOCS, Editora da Unicamp, 1992.

ALVES, Sandra Paula. **O Circuito espacial da produção petrolífera no Rio Grande do Norte**. 2012. 205p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

ARAÚJO, Geraldino Carneiro. et al. Cadeia produtiva da avicultura de corte: avaliação da apropriação de valor bruto nas transações econômicas dos agentes envolvidos. **Gestão e Regionalidade**. São Paulo, v. 24, n. 72, p. 6-16, 2008.

ARROYO, Monica. Circuitos espaciais de produção industrial e fluxos internacionais de mercadorias na dinâmica territorial do estado de São Paulo. **Boletim Campineiro de Geografia**. Campinas, v. 2, n. 1, p. 07-26, 2012.

_____. A economia invisível dos pequenos. In: **Le Monde Diplomatique Brasil**, ano 2, n. 15, 2008.

_____. **Território nacional e mercado externo: uma leitura do Brasil na virada do sec. XX**. 2001. 250p. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL-ABPA. **Relatórios Anuais**. Disponível em <www.abpa-br.com.br> Acesso em: 16/03/2016.

BARRIOS, Sonia. **Dinámica social y espacio**. CENDES. Universidad de Venezuela. Caracas, 1976.

BELUSSO, Daine; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. A evolução da avicultura industrial brasileira e seus efeitos territoriais. **Rev. Percursos**: Maringá, v. 1, n. 2, p. 25-51, 2010.

BENKO, Georges. Organização econômica do território: algumas reflexões sobre a evolução no século XX. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território, globalização e fragmentação**. 4. Ed. São Paulo: Hucitec, p. 51-71, 1998.

_____; PECQUEUR, Bernard. Os recursos de territórios e os territórios de recursos. **Geosul**. Florianópolis, v.16, n. 32, p. 31-50, 2001.

BOMTEMPO, Denise Cristina; SPOSITO, Eliseu Savério. Circuitos espaciais da produção e novas dinâmicas do território. **Mercator**. Fortaleza, v. 11, n. 26, p. 27-46, 2012.

BRAGA, Rhalf Magalhães. Arranjos estratégicos territoriais e redes de poder no circuito espacial leiteiro: o exemplo da Perdigão Agroindustrial S.A. **ACTA Geográfica**. Boa Vista, v. 5, n. 9, p. 15-32, 2011.

_____. Território, rede e multiterritorialidade: uma abordagem conceitual a partir das corporações. **Geografias**. Belo Horizonte, v. 06, n. 2, p. 26-36, 2010.

BRANDÃO, Carlos. Desenvolvimento, territórios e escalas espaciais: levar na devida conta as contribuições da economia política e da geografia crítica para construir a abordagem interdisciplinar. In: RIBEIRO, Maria Tereza Franco; MILANI, Carlos Roberto Sanchez (orgs.). **Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar**. Salvador: Editora da UFBA, p. 151-186, 2009.

BRASIL, Daniel; BARBOSA FILHO, José Delfino. A avicultura e a ambiência na região Nordeste do Brasil. **Portal Dia de Campo**, p.01, 2012. Disponível em: <<http://www.diadecampo.com.br>> Acesso em: 23/05/2015.

BRENZAN, Cinara Kottwitz Manzano; SOUZA, Jose Paulo de. Coordenação e governança na cadeia produtiva de frango: um estudo de caso de uma cooperativa no oeste paranaense. In: **XXXII Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. Bento Gonçalves, 2012. Disponível em < www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2012_tn_sto_163_953_20234.pdf> Acesso em: 12/12/2015.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**. Uberlândia, v. 22, n. 3, p. 461-474, 2010.

CASTRO, Iná Elias. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 141-164, 2000.

CIALNE- Companhia de Alimentos do Nordeste. Disponível em <<http://www.cialne.com.br/>> Acesso em: 12/11/2015.

CORREA, Roberto Lobato. Redes geográficas: reflexões sobre um tema persistente. **Revista Cidades**. S/l, v. 9, n. 16, p. 01-20, 2013.

_____. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. Redes geográficas: cinco pontos para discussão. In: VASCONCELOS, Pedro Almeida; SILVA, Sylvio Bandeira de Melo. **Novos estudos de geografia urbana brasileira**. Salvador: UFBA, p. 65-70, 1999.

COSTA, Luciano de Souza; GARCIA, Luís Alberto Ferreira; BRENE, Paulo Rogério Alves. A indústria de frango no mundo e no Brasil e a participação da indústria paranaense neste complexo. **Ciências Sociais em Perspectiva**. S/l, v.14, n. 27, p. 319- 341, 2015.

DIAS, Leila Christina. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORREA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 141- 164, 2000.

ELIAS, Denise. Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. **Scripta Nova**. Barcelona, v. X, n. 03, 2006.

_____. Reestruturação produtiva da agropecuária e novas dinâmicas territoriais: a cidade do campo. In: **X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo, 2005. Disponível em: <observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiaagricola/14.pdf> Acesso em: 13/06/2015.

_____ ; PEQUENO, Renato. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Recife, v. 9, n. 01, p. 25-39, 2007.

ENGELBRECHT, Marise Rauber. A produção agrícola familiar no contexto do agronegócio: submissão e resistência. In: **Seminário Estadual de Estudos Territoriais**. Paraná, 2014. Disponível em < www3.uepg.br/seet/> Acesso em: 04/09/2015.

ESPÍNDOLA, Carlos José. Trajetórias do progresso técnico na cadeia produtiva de carne de frango do Brasil. **Geosul**. Florianópolis, v. 27, n. 53, p 89-113, 2012.

_____. **As agroindústrias de carnes do Sul do Brasil**. 2002. 260p. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

EVANGELISTA, Francisco Raimundo; NOGUEIRA FILHO, Antonio; OLIVEIRA, Alfredo Augusto Porto. A avicultura industrial de corte no Nordeste: aspectos econômicos e organizacionais. In: **Sober**. Rio Branco, 2008. Disponível em < www.sober.org.br/palestra/9/434.pdf> Acesso em: 02/03/2015.

FARINA, Elizabeth Maria Mercier Querido. Sadia: a liderança pela inovação. **Revista de Administração**. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 97-100, 1995.

FELÍCIO, Munir Jorge. A conflitualidade dos paradigmas da questão agrária e do capitalismo agrário a partir dos conceitos de agricultor familiar e de camponês. **Campo-Território**. S/l, v. 1, n. 2, p. 14-30, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico**. 2013. 398p. Tese (Livre Docência), Universidade Estadual Paulista- Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente prudente, 2013.

_____. **Questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERNANDES FILHO, José Flores; QUEIROZ, Antonio Marcos. O Sistema de Integração da Avicultura de Corte em Goiás. **Revista Conjuntura Econômica Goiana**. Goiânia, v. 1, n.4, p. 01-64, 2015.

FONSECA, Rafael Oliveira. **A circulação através da navegação de cabotagem no Brasil: um sistema de fluxos e fixos aquaviários voltados para a fluidez territorial**. 2012. 188p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 24ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Graal p.X, 1979.

FRANÇA, Levy Rei de. **A evolução da base técnica da avicultura de corte no Brasil**. 2000. 131p. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento econômico), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2000.

_____ ; FERNANDES FILHO, José Flores. A evolução da avicultura de corte em Goiás. In: PEREIRA, Sebastião Lázaro; XAVIER, Clésio Lourenço. **O agronegócio nas terras de Goiás**. Uberlândia: Edufu, p. 175-211, 2003.

FREDERICO, Samuel. Circuito espacial produtivo do café e o jogo de escalas. **Mercator**. Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 37-48, 2014.

_____; CASTILLO, Ricardo. Circuito espacial produtivo do café e competitividade territorial no Brasil. **Ciência Geográfica**. Bauru, v. X, n. 3, p. 236-241, 2004.

GALLI, Telma Batalioti. Novos usos do território brasileiro à luz do período e a constituição de novas fronteiras. In: **X Colóquio Internacional de Geocrítica**. Barcelona, 2008. Disponível em < www.ub.edu/geocrit/-xcol/87.htm> Acesso em: 21/06/2015.

GARCIA, Eduardo Moreira. **A dinâmica organizacional e tecnológica da avicultura de corte no Estado do Paraná**. 2009. 91p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

GUARAVES ALIMENTOS. Disponível em < <http://www.guaraves.com.br/>>. Acesso em: 02/05/2015.

HAESBART, Rogério. **O Mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. **Produção familiar: perspectivas de análise e inserção na Microrregião Geográfica de Presidente Prudente, SP**. 2000. 354 p. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Produção Agrícola Municipal-PAM (2004/2014)**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em: 10/11/2015.

_____. **Produção Pecuária Municipal-PPM (2004/2014)**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em: 14 set. 2015.

_____. **Censo Agropecuário (2006)**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006>> Acesso em: 23 out. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA-INCRA. **Painel dos Assentamentos**. Disponível em: <<http://painel.incra.gov.br/sistemas/index.php>> Acesso em: 18 jan. 2016.

INSTITUTO DE TERRAS E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA DO ESTADO DA PARAÍBA- INTERPA. **Dados fundiários dos municípios (2008-2014)**. Disponível em <www.interpa.pb.gov.br> Acesso em: 19 jan. 2016.

LIMA, Luiz Cruz; VASCONCELOS, Tereza Sandra Loiola; FREITAS, Bernadete Maria Coêlho. **Os Novos Espaços Seletivos no Campo**. 1 ed. Fortaleza: Eduece, 2011.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. VII-XXIII.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: atlas, 2003.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MEIRA, Juliana Matos de; WANDERLEY, Cláudio de Araújo; MIRANDA, Luiz Carlos. O papel da escolha do mecanismo de coordenação na performance da cadeia de produção avícola de Pernambuco. In: **IX Congresso Internacional de Custos**. Florianópolis, 2005. Disponível em <<https://abcustos.emnuvens.com.br/abcustos/article/viewFile/325/140>> Acesso em: 23 ago. 2015.

MIZUSAKI, Márcia Yukari. Reestruturação produtiva na avicultura em Mato Grosso do Sul. **Geosul**. Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 135-154, 2007.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. Los circuitos espaciales de la producción y los círculos de la cooperación em espacio. In: YANES, Luiz. et al (org.). **Aportes para el estudio del espacio socioeconômico**. Buenos Aires: El Colóquio, 1985.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação da técnica**. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1963.

PEREIRA, João Márcio Mendes. **O modelo de reforma agrária de mercado do Banco Mundial em questão: o debate internacional e o caso brasileiro**. 2004. 281p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1980.

RIBEIRO, Miguel Angelo. Abordagens Analíticas das Redes Geográficas. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 20, n. 1/2, p. 74-105, 2000.

RIZZI, Aldair. **Mudanças tecnológicas e reestruturação da indústria agroalimentar: o caso da indústria de frangos no Brasil**. 1993. 194p. Tese (Doutorado em economia), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

RODRIGUES, Wesley Osvaldo Pradella. et al. Evolução da avicultura de corte no Brasil. **Enciclopédia Biosfera**. Goiânia, v. 10, n. 18, p. 1666- 1684, 2014.

SACK, Robert David. **Territorialidade humana: sua teoria e história**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Brasil: território e sociedade no século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. **Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. Modo de Produção Técnico-Científico e Diferenciação Espacial. **Revista Território**. S/l, Ano IV, n. 06, p. 121-134, 1999.

_____. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, Maria Laura. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, p. 15-20, 1998.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SANTOS, Milton. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, p. 121-134, 1986.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SILVA, Diânice Oriane da; HESPANHOL, Rosângela Aparecida Medeiros. A produção rural familiar em Jacarezinho-PR. **Campo-Território**. S/l, v.4, n. 7, p. 185-200, 2009.

SILVEIRA, Maria Laura. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Ciência Geográfica**. Bauru, v.15, n. 1, p. 04-12, 2011.

_____. Região e globalização: pensando um esquema de análise. **Redes**. Santa Cruz do Sul, v. 15, n. 1, p. 74-88, 2010.

SILVEIRA, Márcio Rogério; COCCO, Rodrigo Giraldi. Interações espaciais, transporte público e estruturação do espaço urbano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v 12, n. 1, p. 63-81, 2010.

SORJ, Bernardo; POMPERMAYER, Malori; CORADI, Odacir Luis. **Camponeses e agroindústria: transformação social e representação política na avicultura brasileira**. Edição on-line: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em: <www.bvce.org> Acesso em: 06 dez. 2015.

TALAMINI, Dirceu João Duarte; MARTINS, Franco Muller. Competitividade e efeitos de políticas públicas sobre o desempenho da cadeia produtiva da avicultura de corte no Brasil. In: BERTOL, Terezinha Marisa; COLDEBELLA, Arlei. (org.). **Relatório dos projetos concluídos**. Embrapa suínos e aves, 2008.

TOLEDO, Marcio; CASTILLO, Ricardo. Grandes empresas e uso corporativo do território: o caso do circuito espacial produtivo da laranja. **Geosul**. Florianópolis, v. 23, n. 46, p 79-93, 2008.

TSUKAMOTO, Ruth Youko. Produtor familiar e a monopolização do território pelo capital industrial. **Geografia**. Londrina, v. 9, n. 2, p. 129-136, 2000.

ULLMAN, Edward. Geography as spatial interaction. In: HURST, M. E. (org.). **Transportation Geography**. Londres: Macgraw Hill, 1972.

VIEIRA, Norberto Martins; DIAS, Roberto Serpa. Uma abordagem sistêmica da avicultura de corte na economia brasileira. In: **Sober**. Ribeirão Preto, 2005. Disponível em <www.sober.org.br/palestra/2/394.pdf> Acesso em: 14 abr. 2015.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 21, p. 42-61, 2003.

APÊNDICES

Roteiro das Entrevistas semi-estruturadas

A- Produtores rurais do município de Pocinhos-PB em contrato de integração com a Cialne

➤ Aspectos contratuais

1- O contrato de integração firmado com a Cialne é verbal ou formal?

2- O contrato estabelecido determina período de duração?

3- O contrato de integração especifica competências, responsabilidades e funções?

4- Em sua opinião, o contrato de integração estabelecido com a Cialne oferece segurança para realização de empréstimos junto à rede de Bancos?

5- Quais os principais riscos e incertezas presentes nessa relação?

6- Em sua opinião, o que muda a partir da participação no sistema de integração como empresários rurais?

7- As novas relações estabelecidas com a Cialne inferiram mudanças no processo de tomada de decisões? Se sim, como?

8- Em sua opinião, quem mais se beneficia com o modelo de contrato adotado?

➤ Aspectos produtivos

9- Quantos aviários existem na unidade produtiva?

10- No total, quantos frangos são alojados em cada lote?

11- Após a chegada da Cialne, foi alterada a quantidade de frangos alojados?

12- Os aviários operam em sistema manual, semiautomático ou automático?

13- Após a chegada da Cialne, ocorreu alguma mudança na estrutura técnica ou física dos aviários? Se sim, quais?

14- No caso da realização de algum investimento na estrutura técnica e/ou física dos aviários, de onde parte os recursos?

15- A integradora incentiva os produtores a melhorar a base técnica da produção? Se sim, como?

16- No momento, existe o interesse em ampliar a produção?

17- A integração com a Cialne passou a influenciar no desempenho da produção? De que forma?

➤ Relações de trabalho

18- Quantas pessoas trabalham na produção avícola?

19- A mão-de-obra empregada nos aviários é externa ou familiar?

20- Em sua opinião, existem vantagens no emprego da mão-de-familiar? Quais?

21- A atividade avícola corresponde a principal fonte de renda da família?

22- Após a chegada da Cialne ocorreu alguma mudança nas relações de trabalho?

➤ Aspectos socioeconômicos

23- A partir da integração com a Cialne, o valor recebido por cada lote aumentou, diminuiu ou não sofreu alteração?

24- Em sua opinião, qual a principal dificuldade para o desenvolvimento da avicultura de corte no município de Pocinhos-PB?

25- O que poderia ser feito para melhorar o desempenho da avicultura de corte no município de Pocinhos-PB?

26- O poder público municipal colabora com os produtores avícolas de alguma forma?

B- Agroindústria Cialne

1- Como se deu a vinda da Cialne para Paraíba?

2- O que motivou a vinda da Cialne para a Paraíba?

3- Como se avalia a disposição e a configuração da infraestrutura, dos fatores naturais e artificiais presentes na região?

4- Sob a coordenação da Cialne, quais os principais canais de distribuição da produção?

5- Quais os destinos da produção?

6- Em relação à coordenação da Azeven, o que a Cialne traz de novo para esse circuito espacial produtivo?

7- Quais os principais fatores que a Cialne está buscando nessa região para atender a capacidade competitiva?

8- A Cialne mantém alguma interação com o poder público municipal ou estadual na Paraíba?

9- Quais são as etapas produtivas do circuito de produção coordenado pela Cialne?

10- A Cialne detém todas as etapas do processo produtivo?

11- Quais os principais fornecedores de insumos e de materiais?

12- Na unidade Paraíba da Cialne, existe quantos funcionários diretos?

13- A Cialne mantém contrato de integração com quantos produtores rurais?

14- Esses produtores são os mesmos que estavam integrados a Azeven?

15- Que tipo de relação contratual é empregada pela Cialne?

16- Para a Cialne, qual a importância da transformação dos produtores rurais em empresários?

17- No momento, existe interesse em aumentar o número de produtores integrados e a área de produção avícola no município de Pocinhos-PB?

18- Qual a importância do município de Pocinhos-PB para o crescimento e a consolidação da Cialne na Paraíba?

19- Como a Cialne analisa a densidade técnica nas áreas de produção agropecuária?

20- Qual tem sido a principal dificuldade para o desempenho da Cialne na Paraíba?
